



Uma história de 6.000 anos

O Texto Sagrado

Sua origem e transmissão, sua corrupção e sua restauração.

7.200

MILHÕES

habitantes do mundo

270

MILHÕES

lusófonos

leitores da Bíblia em português
50 MILHÕES



Compartilhe com teus irmãos!

www.labiblia.org



INTRODUÇÃO

Origem



A Palavra de Deus (revelação de Sua mente e de todo o passado, presente e futuro) é manifesta nos céus pelo testemunho das estrelas e na terra pelo registro feito em pedra, argila, papiro e pergaminho.

Transmissão e Corrupção



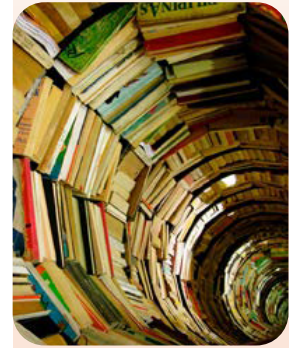
Através dos séculos, o processo de cópia manual inevitavelmente gerou um considerável número de diferenças nos manuscritos em relação ao original. A fragilidade desse sistema resultou em milhares das chamadas "variantes textuais".

Restauração



Com os achados da arqueologia bíblica e o avanço das ciências bíblicas, da Crítica Textual e da informática aplicada aos manuscritos, hoje é possível restaurar o texto, a ponto de trazê-lo a algo muito próximo do Original.

Tradução



A tradução deve transmitir toda a intenção, intensidade e clareza do original, preservando suas assimetrias e asperezas, e isso com tal rigor que não se traduza o que o Autor Sagrado talvez tenha dito em português, mas sim o que Ele disse de fato disse em hebraico, aramaico e grego.

O leitor tem em mãos o resumo de uma história de seis mil anos, o resumo dos acontecimentos que deram origem, nesse pequeno planeta, à obra mais grandiosa já feita nos Céus e na Terra: As Escrituras Sagradas. As Escrituras são um ser vivo, capaz de *abolir a morte e trazer à luz a vida e a imortalidade* (2Tm 1.10), manifestando ao mortal o conhecimento pessoal de Jesus Cristo. É importante saber, porém, que, assim como o desejo de Deus é que a humanidade conheça a verdadeira Vida, o propósito de Satanás é que a humanidade siga seu caminho em direção à verdadeira morte. E, por saber quão poderosa arma para destruir seu império mortal é a Bíblia, Satanás arremeteu contra ela com fúria constante, e ainda arremete!

Já que não lhe é permitido destruir o texto bíblico, com ajuda humana ele tem conseguido *deformá-lo*, a fim de que o crente, não entendendo *plenamente* a graça divina, tenha seu galardão diminuído. Contudo, Deus não ficou impassível: aquilo que Satanás e seus ajudantes corromperam no passado, o Espírito Santo está restaurando hoje.

localizando-nos no TEMPO



4º MILÊNIO a.C.

3º MILÊNIO a.C.

2º MILÊNIO a.C.

PRIMEIRA PARTE

Origem

Inspiração



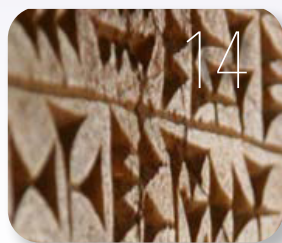
A confecção
de livros antigos



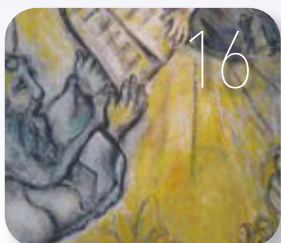
A Espada de dois gumes



A escrita primitiva



Quem escreveu Gênesis?

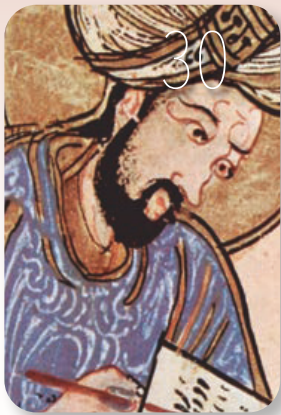


A Bíblia original
manuscrita

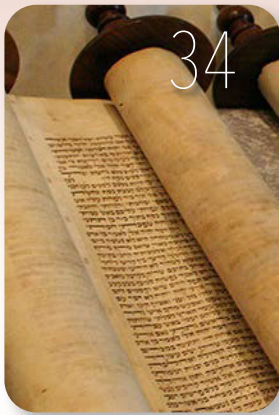


Transmissão e Corrupção

O trabalho dos escribas



Documentos do Velho Pacto



Famílias textuais



O *Textus Receptus*



A Bíblia Reina-Valera



VELHO PACTO

NOVO PACTO

1º MILÊNIO a.C.

1º MILÊNIO d.C.

2º MILÊNIO d.C.

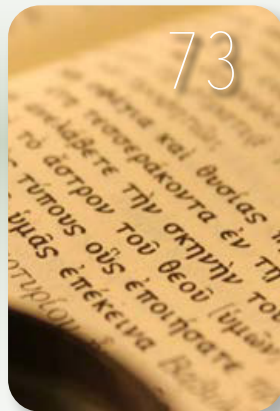
TERCEIRA PARTE

Restauração

Crítica Textual



Novo Testamento grego



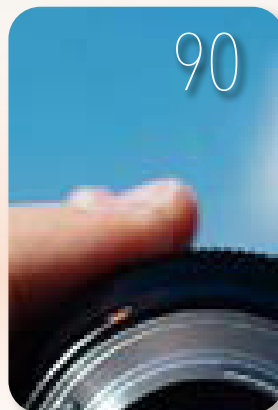
Novo enfoque crítico



QUARTA PARTE

Tradução

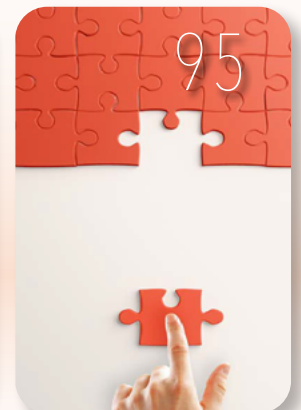
Teologia da tradução



Disciplinas de tradução



A Bíblia Textual



A Origem do Texto Sagrado

Inspiração

A inspiração verbal e plena da Escritura recaiu exclusivamente sobre os manuscritos originais sagrados. Portanto, a infalibilidade da Escritura se limita ao texto original da Bíblia, jamais favorecendo as cópias manuscritas, mesmo que estejam nos idiomas originais. Logo, a Providência pode favorecer menos ainda as traduções derivadas dessas cópias.

Cânon

O Cânon, ou regra normativa da Bíblia, estabelece seu número total de livros, sequência e paginação original. Ele foi estabelecido em uma dada época pelos próprios profetas e escribas, apóstolos e evangelistas que a escreveram, respaldados pelo próprio Espírito que os movera a realizar na terra a Obra mais gloriosa e excelsa de Deus no céu: a Escritura.

O Cânon foi iniciado por Moisés durante sua peregrinação no deserto, sendo concluído 1.600 anos depois pelo apóstolo João na ilha de Patmos. Seus autores pertenciam às mais diversas classes sociais e exerciam profissões e ofícios distintos: reis e plebeus; advogados, médicos e guerreiros; escribas e sacerdotes, pastores e pescadores, ricos e pobres, sábios e analfabetos. Todos falaram acerca dos mais diversos acontecimentos, tratando com a mesma naturalidade temas terrenos e celestiais, históricos e proféticos, elementares e transcendentais, cada um em sua época, sem que muitos chegassem a se conhecer, cada um *tocando sua própria nota musical* no tempo e no espaço, a fim de todos convergirem em um único e grandioso concerto, cheio de harmonia, unidade, continuidade, majestade e beleza: essa realidade maravilhosa dirigida pelo sopro divino (2Tm 3.16), a qual nós, homens, chamamos de *Bíblia*, uma realidade tão latente e evidente quanto os céus e a terra, que simplesmente “estão aí”.

Toda a Escritura é inspirada por DEUS, e é útil para o ensino, para a refutação do erro, para a correção, para a instrução na justiça, a fim de que o homem de DEUS esteja capacitado, completamente equipado para toda boa obra.

2 Timóteo 3.16-17

Texto normativo hebraico

1. **A Lei.** Moisés obviamente teve de escrever seu Pentateuco durante os anos da peregrinação no deserto. Primeiramente como editor, ele transcreveu as tabuinhas contendo Gênesis. Depois, como autor, ele escreveu Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Assim, quando Israel entrou na terra prometida em 1.486 a.C., a primeira seção da Escritura Hebraica (a Torá) já havia sido concluída.

LEI	PROFETAS		SALMOS
5 Livros	12 Livros	5 Livros	
1 Gênesis	6 Josué Juízes	12 Jeremias Lamentações	18 Jó
2 Êxodo	7 Rute	13 Sofonias Habacuque	19 Salmos
3 Levítico	8 Reinos: 1 e 2 Samuel 1 e 2 Reis	14 Ezequiel Daniel Ester	20 Provérbios
4 Números	9 Obadias Joel Jonas	15 1 e 2 Crônicas	21 Eclesiastes
5 Deuteronômio	10 Amós Miqueias Oseias Naum	16 Esdras Neemias	22 Cântico dos Cânticos
	11 Isaías	17 Ageu Zacarias Malaquias	

2. **Os Profetas.** A segunda seção da Escritura é a dos profetas (*Neviim*), indo de Josué a Malaquias. Por pouco mais de mil anos, a Escritura Hebraica manteve sua conformação, isso até a época de Esdras que, tendo recompilado os livros sagrados, fechou o cânon hebraico e preparou o caminho para a abertura do cânon grego (MI 4.5-6).

3. **Os Salmos.** Os livros de sabedoria, também chamados poéticos (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos), foram compostos por diversos autores, desde os tempos de Abraão até Esdras.

Esta é a divisão e a sequência da Escritura Hebraica, apresentada por seu Verdadeiro Autor:

Texto normativo grego

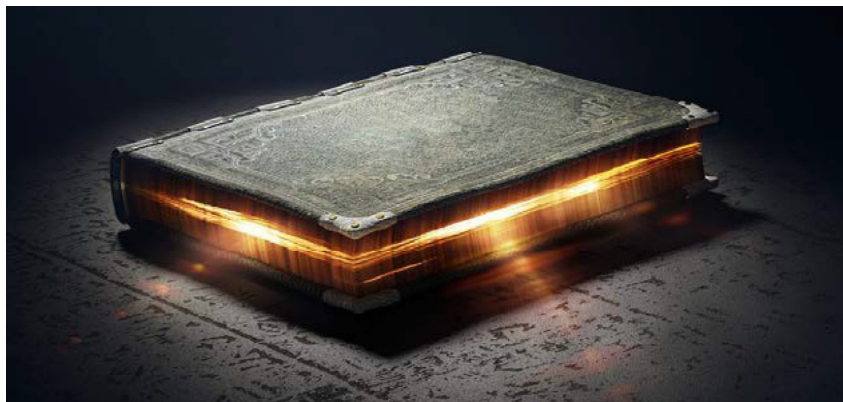
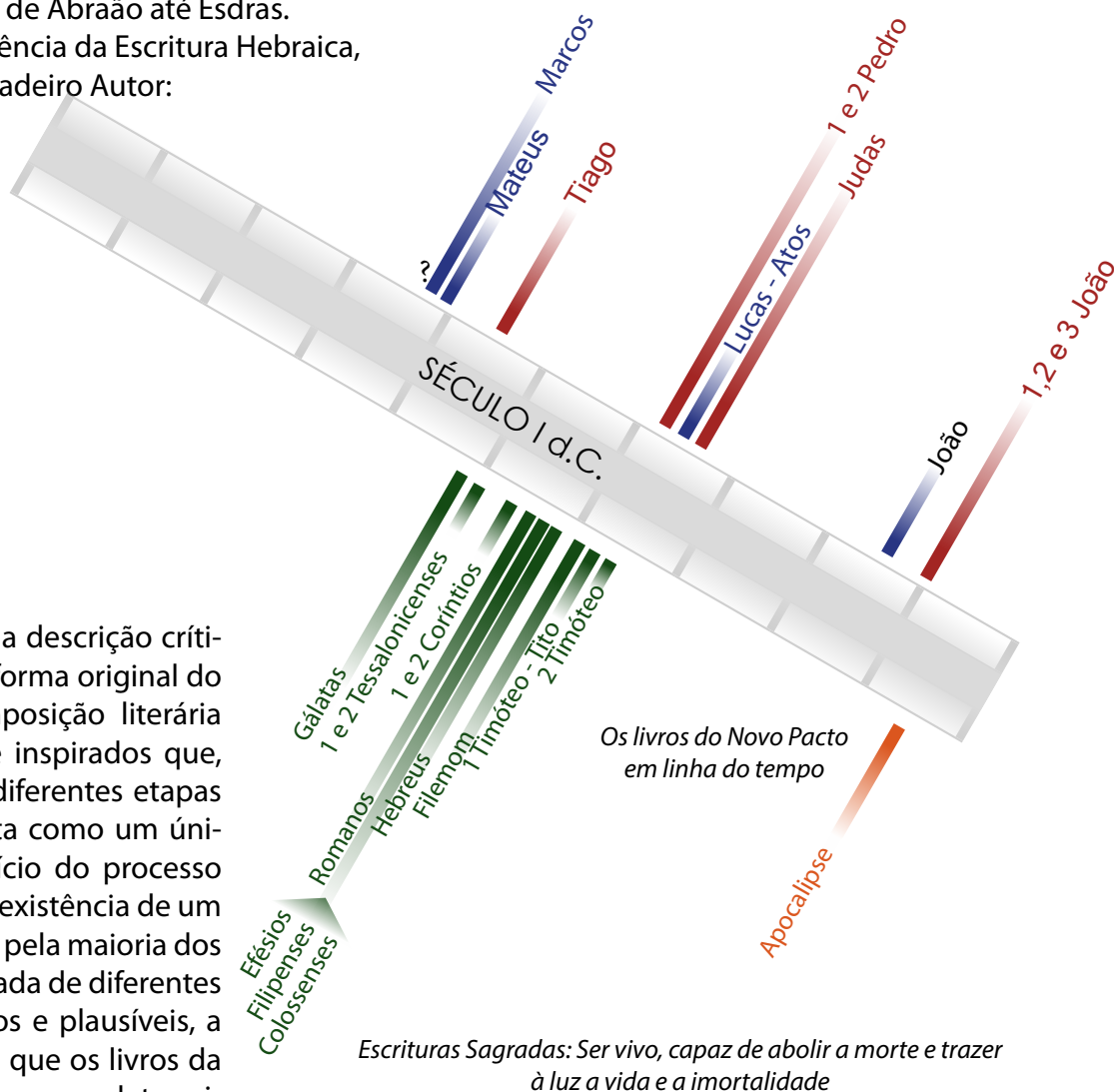
Com exceção dos escritos de João, os escritores inspirados do Novo Testamento realizaram suas obras antes da destruição do Segundo Templo (70 d.C.). Embora a data do Evangelho segundo Marcos tenha sido objeto de muita discussão, não há razões convincentes para não se aceitar 37 d.C. como o ano de abertura do cânon grego, concluído 59 anos depois pelo apóstolo João em Patmos (96 d.C.).

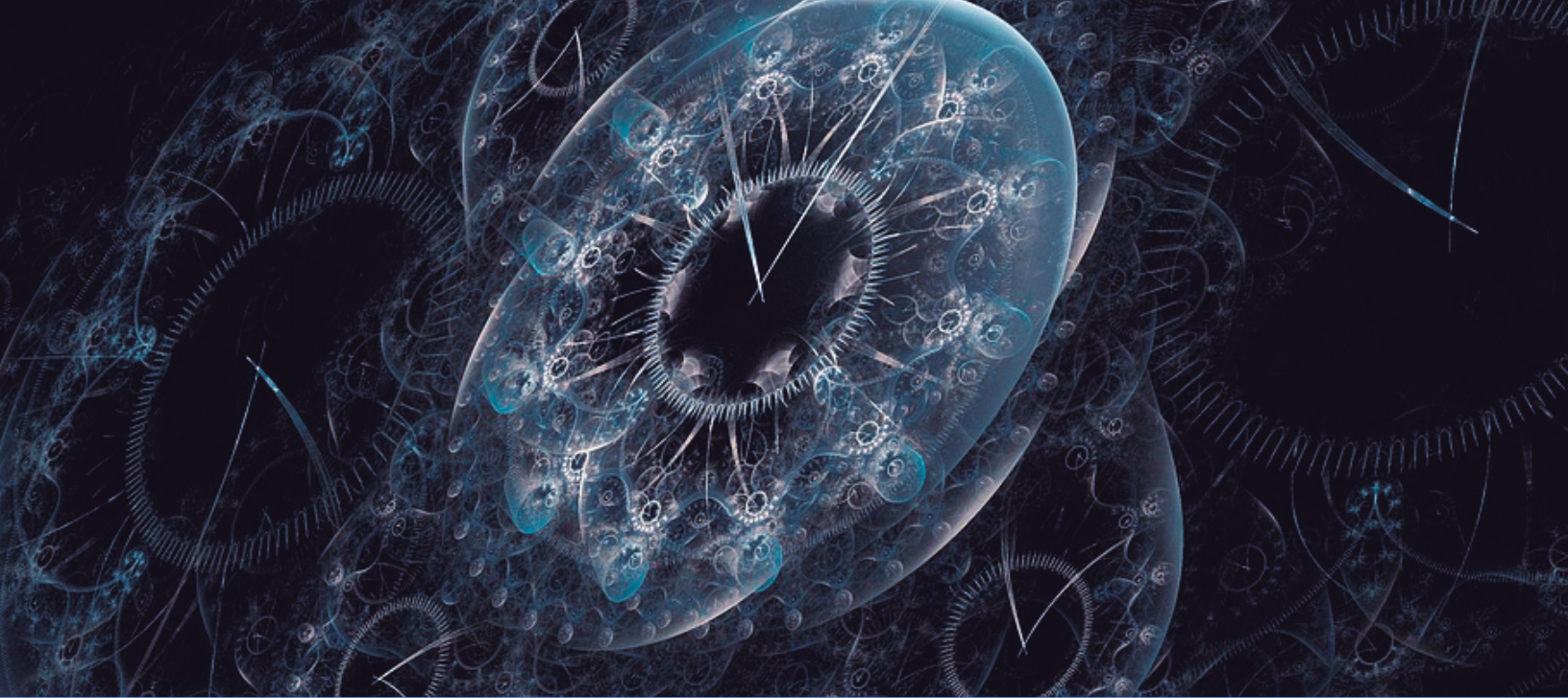
Estas são as minhas palavras, que vos falei estando ainda convosco: que tinham de ser cumpridas todas as coisas escritas acerca de Mim na lei de Moisés, e nos profetas, e nos salmos.

Lucas 24.44

Urtexto

De acordo com sua descrição crítica, o *Urtexto* é a suposta forma original do texto bíblico como composição literária dos Escritos divinamente inspirados que, tendo completado suas diferentes etapas de formação, se apresenta como um único texto canônico no início do processo de transmissão textual. A existência de um *único texto original*, aceita pela maioria dos eruditos, tem sido formulada de diferentes formas. Em termos lógicos e plausíveis, a conclusão mais simples é que os livros da Bíblia foram compostos em um determinado momento, sendo editados e/ou recompilados de forma linear durante certo um período. A recompilação completa da Escritura Hebraica é atribuída a Esdras que, no pós-exílio, reuniu uma base textual aceita como normativa pelas autoridades judaicas do Grande Sinédrio. De acordo com a cronologia bíblica, podemos afirmar que, até o ano de 407 a.C., o cânon da Escritura Hebraica já havia sido fixado no *Urtexto*.





Não temos os Originais

As descobertas da arqueologia do século XX e o avanço dos estudos bíblicos foram extremamente benéficos à restauração do Texto Sagrado. Hoje, mais do que nunca, estamos em posse de um texto bíblico maravilhosamente próximo dos Manuscritos Originais da Bíblia.

Esses novos achados e avanços da crítica colocaram em evidência numerosas diferenças entre os manuscritos mais antigos e aqueles que serviram de base para versões tão importantes quanto a King James (inglês), a Reina-Valera (espanhol) e a Ferreira de Almeida (*português*).

A Sociedade Bíblia Iberoamericana assumiu a responsabilidade de fazer uma revisão que, preservando a excelência do estilo literário e a expressiva riqueza dessas versões, se adaptasse a um texto hebraico, aramaico e grego restaurado, tal como existia na época dos apóstolos e era utilizado pela Igreja primitiva durante o primeiro século.

A importância desse projeto transcendental não pode ser subestimada, visto que, antes de explicar o significado de palavras, frases e ideias da Escritura Sagrada, o intérprete ou tradutor tem de se preocupar com um primeiro problema:

Qual é o texto original da passagem?

Esta pergunta deve ser feita – e contestada! – por dois motivos:



- Atualmente não existe mais nenhum dos documentos originais da Bíblia.
- As cópias existentes diferem uma da outra.

Por terem sido escritos em um material frágil como o papiro e constantemente utilizados, os manuscritos originais logo se desmancharam ou se extraviaram. Assim, de Moisés a João e deles até a invenção da imprensa, por quase três mil anos foram produzidas milhares de cópias manuscritas – primeiro em hebraico e aramaico, e depois em grego – as quais também possuem milhares das chamadas *variantes textuais*.

Para a liberdade CRISTO nos libertou.



**Estai, pois, firmes,
e não vos deixeis sujeitar novamente
ao jugo de escravidão.**

Gálatas 5.1

A Bíblia Textual constitui o aporte mais significativo na restauração do Texto Sagrado, especialmente no que compete ao texto hebraico do Velho Pacto. Baseada no melhor texto crítico disponível, ela segue os avanços da Bíblia Hebraica Crítica (avaliada conforme os quais principais documentos: Texto Massorético, Pentateuco

Samaritano, Septuaginta e Manuscritos do Deserto da Judeia) e, para o Novo Pacto, a vigésima oitava edição do Novo Testamento Grego. A Bíblia Textual foi produzida seguindo a insuperável técnica de Tradução Contextual, a qual expressa, sem comprometer o texto, não aquilo que o Autor Sagrado deve ter dito, e sim o que Ele de fato disse em hebraico, aramaico e grego.



A confecção de livros antigos

Até a invenção da imprensa no século XV, o texto da Bíblia, como qualquer outro tipo de registro escrito, era produzido por meio do trabalhoso serviço de copiar letra por letra, e palavra por palavra. Por isso, a análise e consideração do processo histórico envolvido na confecção e transcrição de manuscritos é de suma importância para o trabalho de restauração textual.

Materiais

Entre os diversos materiais utilizados na antiguidade para a confecção de livros – como madeira, osso, metal, **argila**, **pedra**, **papiro** e **pergaminho** – o estudante da Bíblia deve se interessar principalmente por esses quatro últimos. Todos eles são citados na Bíblia de Gênesis a Apocalipse, e mostram seu uso especial na formação do cânon. A manufatura do papiro, por exemplo, era um negócio próspero no Egito, já que o papiro crescia em abundância à beira do delta do Nilo desde os tempos de Jó (Jó 8.11).

O pergaminho, por sua vez, tem uma história interessante, relacionada com o grande interesse dos reis em possuir a maior biblioteca de sua época. Um desses reis, Ptolomeu Epifânio (205-182 a.C.), chegou a decretar embargo às exportações do papiro produzido no Egito, o que obrigou o rei de Pérgamo a buscar um material alternativo para ser usado na escrita. Foi assim que surgiu e se desenvolveu a indústria do pergaminho, o qual era fabricado bem com pele de antílope ou de bois e cabras recém-nascidos.

Material	Evidência textual	Referência
Argila	Agora pois, anda e escreve-o em uma tabuinha diante deles, e inscreve-o em um rolo, para que dure até o dia último para sempre, perpetuamente.	Is 30.8
Pedra	Em seguida, tomarás duas pedras de ônix, e gravarás nelas os nomes dos filhos de Israel.	Êx 28.9
Papiro	Ainda que eu tenha muitas coisas que vos escrever, não quero fazê-lo por meio de papiro e tinta...	2Jo 12a
Pergaminho	Quando vieres, traze a capa que deixei com Carpo em Trôade, junto com os rolos, especialmente os pergaminhos .	2Tm 4.13



Ptolomeu do Egito

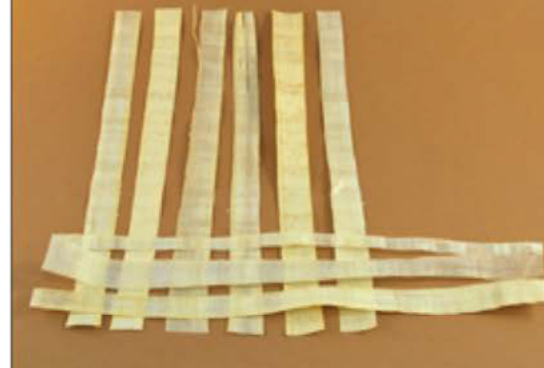


Eumenes de Pérgamo



Confecção da folha de pergaminho: A pele é processada com cal hidratada a fim de remover a epiderme (camada de pele externa) e a hipoderme (camada de pele interna), deixando apenas a derme (camada que fica no meio). Em seguida, a pele é estendida em um cavalete para ser esticada e secar. Mais tarde, a pele é esfregada com pedra-pomes, o que elimina impurezas e dá polimento, deixando-a pronta para uso.





Confecção da folha de papiro: Primeiro, o caule da planta ficava de molho por duas semanas. Depois, era cortado em tiras finas (chamadas “phyliae”), que eram prensadas com um cilindro, a fim de eliminar parte da seiva e outras substâncias líquidas. Posteriormente, as tiras eram entrelaçadas na horizontal e na vertical, sendo novamente prensadas para que a seiva agisse como se fosse uma cola. Por fim, a folha de papiro era esfregada suavemente com uma concha ou pedaço de marfim por vários dias, ficando pronta para uso.



Planta de *Cyperus papyrus*

Tabuinha de argila

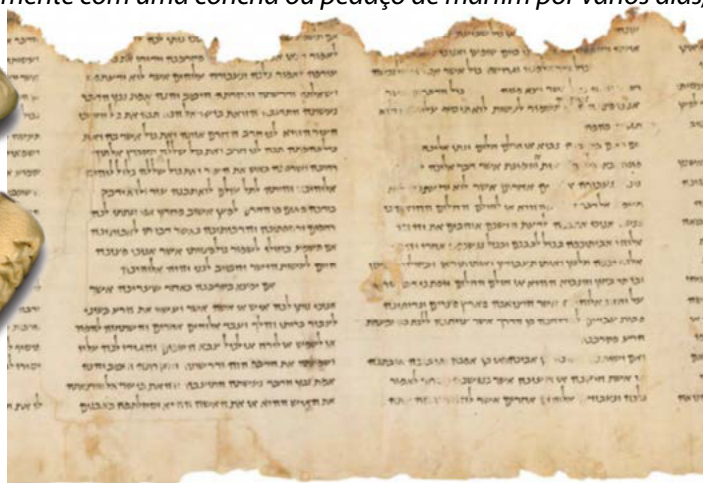


Forma

A argila era utilizada para fabricar tabuinhas, nas quais se fazia a escrita cuneiforme. A pedra foi utilizada para gravar os Dez Mandamentos, bem como para criar monolitos e estelas. O uso mais antigo do papiro como material para escrita era em forma de rolo: suas folhas eram unidas pela lateral até atingir um comprimento de cerca de 10 metros (tamanho normal do Evangelho de Lucas), sendo enroladas em bastões cilíndricos com desenhos especiais (SI 40.7).

Os rolos eram difíceis de manusear e a Igreja Primitiva logo percebeu como era incômodo procurar passagens específicas neles. Assim, antes do final do primeiro século, começou-se a utilizar a forma de códex (ou livro, como hoje conhecemos), que consistia em dobrar várias folhas de papiro e uni-las com costura. É possível que essa forma de códex tenha sido idealizada por cristãos gentios para se diferenciarem da leitura típica das sinagogas.

O pergaminho logo também passou a ser utilizado em forma de códex. No ano de 331 d.C., Constantino comissionou a elaboração de 50 códices da Bíblia em pergaminho. Dois deles, o Códice Sinaítico e o Códice Vaticano, provavelmente são os únicos ainda existentes, estando entre os documentos textuais mais importantes das Sagradas Escrituras.



Acima: um dos rolos descobertos em Qumran. Centro: rolo com seu bastão. Abaixo: Códice Vaticano (assim chamado devido a sua localização).

Espada

de DOIS GUMES

“Eles disseram: Senhor, olhe, aqui há duas espadas. Ele lhes disse: É suficiente... aceitai... a espada do Espírito... porque... é mais cortante que toda espada de dois gumes”.

Lucas 22.38; Efésios 6.17; Hebreus 4.12

Por que **duas** espadas **era** o suficiente? Por que essa anomalia gramatical? Por que espada de **dois** gumes?

Para entender, é preciso voltar ao tempo de Sem e Jafé, filhos de Noé. Gênesis 9.27 diz: *Que Elohim amplie a Jafé, e habite nas tendas de Sem.*

Pai de sete filhos e avô de sete netos, Jafé está ligado ao nome grego Ιαφεθ. Ele é o ancestral dos povos a noroeste de Israel, na região da Anatólia e do Mar Egeu, cujas etnias representam, em linha geral, os gentios. Em relação à enigmática profecia de Noé, é importante destacar que, no final do século II a.C., os líderes da comunidade judaica da Palestina estavam conscientes e preocupados com o quanto a Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) não representava os originais hebraicos com suficiente precisão. Assim, deram início a uma série de “correções”, feitas com o objetivo de colocar a Septuaginta em maior concordância com o hebraico. Para isso, os mestres judeus convidavam outros a lerem a versão grega com boa vontade e atenção, tolerando casos em que, apesar do diligente trabalho de tradução, algumas frases acabavam ficando um pouco diferentes do originalmente expresso em hebraico.

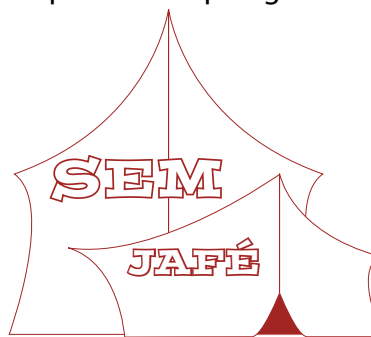
Ainda assim, decidiu-se não abolir a Septuaginta (LXX), e sim corrigi-la, adaptando o grego para que ficasse de acordo com os diferentes textos hebraicos da época. Informações gerais indicam claramente que o judaísmo da diáspora via na LXX uma versão inspirada, colocando-a no mesmo nível que a

revelação da Lei. Mas por que os judeus chegaram a considerar sagrada essa tradução grega?

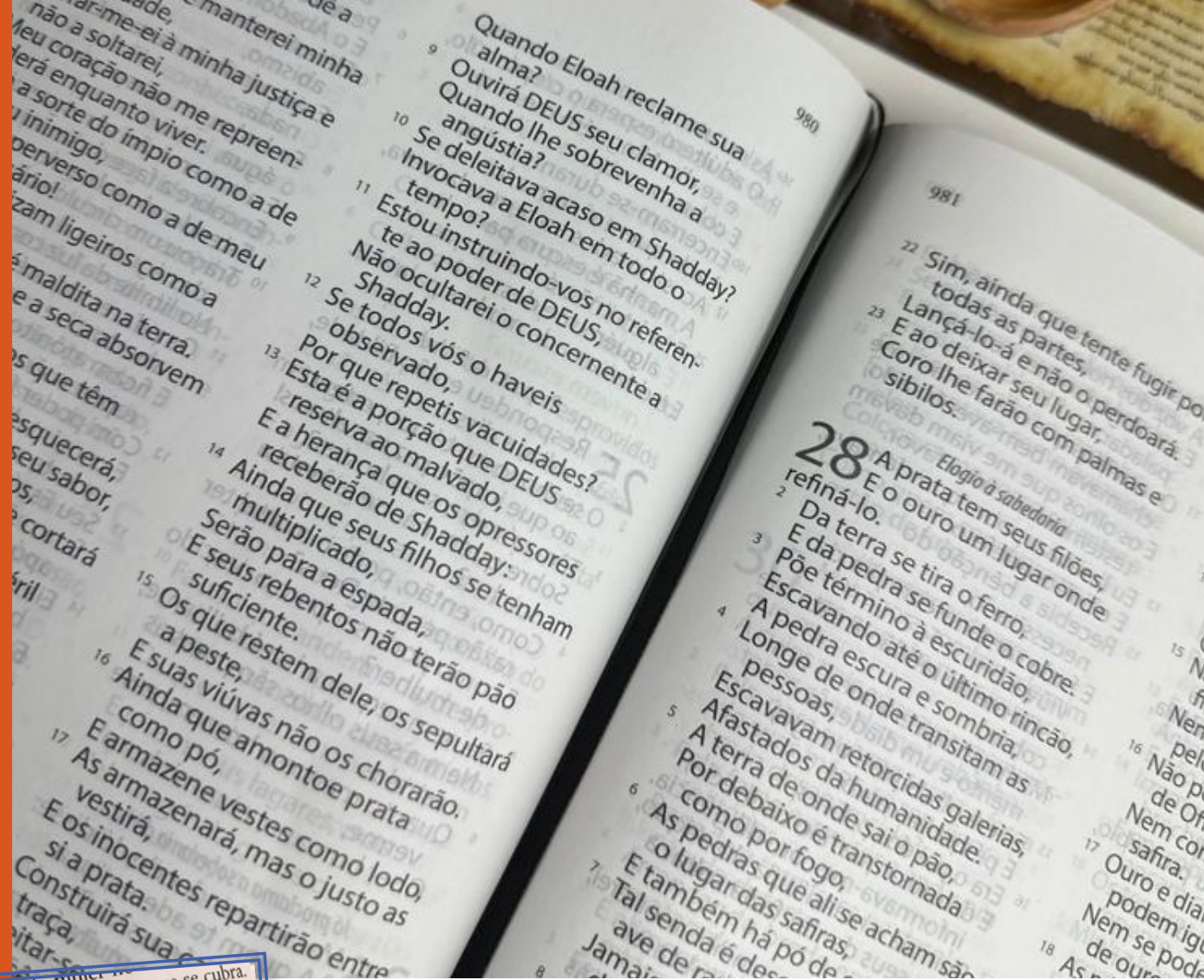
O Talmude tem um comentário significativo que diz assim: “A Mishná não faz diferença entre os livros da Escritura. Embora os filactérios e os mezuzotes possam ser escritos em assírio, os livros da Escritura só podem ser transcritos em grego, e isso porque a Escritura diz: *Que Elohim amplie a Jafé, e habite nas tendas de Sem.* Mediante um jogo de palavras, Noé resume a bênção para seu filho indicando que as palavras de Jafé habitariam nas tendas de Sem, pois *yafet Yafet* significa que *a principal beleza de Jafé (yafyuth Yafet)* estaria nas tendas de Sem”.

Embora brilhante, essa interpretação não deve ser aplicada à Septuaginta de modo a considerar uma

tradução como sendo divinamente inspirada. Essa verdade só pode ser aplicada ao texto do Novo Testamento. É nele, no Novo Testamento Grego, que Sem dá *espaço* a Jafé. É ali que o grego se *une* ao hebraico assim como a graça se *une* a lei (Jo 1.16-17). É ali que ambos os idiomas, simbolizando as duas espadas, se fundem em uma espada de dois gumes, a fim de *abolir a morte e trazer à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho* (2Tm 1.10).



Mapa de “T” em “O”. Este mapa relaciona a Europa com Jafé, a África com Cham e a Ásia com Sem, como sendo assentamentos de seus respectivos descendentes.



O Texto Sagrado permite ver outras coisas quando se faz uma leitura de imersão.
O anjo de Deus de Apocalipse 1.1 é o próprio Senhor Jesus!

Referência	Linha de transmissão			Mensagem	
Ap 22.6b	O Senhor, o DEUS dos espíritos dos profetas	➔ Seu anjo	➔ Seus escravos	para mostrar o que deve suceder em breve	
Ap 22.16a	Jesus	➔ Seu anjo		para dar testemunho destas coisas sobre as igrejas	
Ap 1.1	Deus	➔ Seu anjo	➔ João	➔ Seus escravos	para manifestar o que deve ocorrer em breve
Ap 2-3	Senhor Jesus	➔ João		Mensagens às igrejas	

quem dá as mensagens?

Novo PACTO
 www.labiblia.org
LEITURA de Imersão

Texto sem interrupção
Não perca essa experiência!

A ESCRITA PRIMITIVA

É possível deduzir que a humanidade mantém registros escritos desde a criação do homem há 6.000 anos. A partir da evidência interna do Texto Sagrado, inferimos que Adão foi criado não só com a capacidade cognitiva da fala (Jó 38.14), como também da escrita (Gn 5.1).

A principal característica da escrita é que os símbolos escritos não representam só ideias, mas também palavras e sons reais de uma certa língua. Desta forma, por exemplo, o desenho de um cavalo não é uma *escrita*, pois pode ser “lido” em qualquer idioma. Por sua vez, somente a *escrita* é capaz de reproduzir os sons dos diferentes idiomas. A escrita mais antiga e primitiva, que remonta ao terceiro milênio a.C., é conhecida como o *sistema de caracteres cuneiformes* da Mesopotâmia. A escrita *cuneiforme* deve seu nome ao aspecto de seus caracteres triangulares combinados com linhas, obtidos ao se usar a ponta triangular de um cálamo sobre a argila. Essa escrita consistia em fazer incisões sobre tabuinhas de argila úmida, nas quais ficavam impressos os caracteres. Após escritas, as tabuinhas eram imediatamente cozidas a fim de endurecer. A escrita evoluiu de forma independente em diversas regiões, como o Oriente Próximo, a China, o Vale do Indo e a América Central.

Até o início do segundo milênio, é provável que os sistemas alfabéticos derivados da escrita original do Sinai estivessem amplamente difundidos no Levante. Não obstante, como esse tipo de escrita era feito, em sua maior parte, em materiais perecíveis como o pergaminho e o papiro, conservou-se pouco material original, ainda que no Egito o papiro tenha sido preservado pela sequeidão do deserto e pela ausência de bactérias.

Datados do século XV a.C., os primeiros exemplos de escrita alfabética têm sido achados

Ou, tomaste argila e modelaste um ser vivente,
E, falante, o puseste sobre a terra?

Jó 38.14



O uso semântico da escrita alfabética semítica difere do uso moderno europeu em dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, o sentido normal da escrita não é da esquerda para a direita, mas sim da direita para a esquerda. Em segundo lugar, os sons de vogais e ditongos (a, e, i, o, u, ou, ai, oo etc) não são escritos, registrando-se apenas as consoantes (b, k, d, f, g etc).

CUNEIFORME FENÍCIO DE UGARITE 1.500 a.C.	FENÍCIO CLÁSSICO 1.200 a.C.	ARAMAICO IMPERIAL 500 a.C.	NOME FENÍCIO	PRONÚNCIA OCIDENTAL - PORTUGUÊS -
𐎀	א	א	ALEF	A
𐎁	ב	ב	BET	B
𐎂	ג	ג	GUIMEL	G, C
𐎃	ד	ד	DALET	D
𐎄	ה	ה	HE	E
𐎅	ו	ו	UAU	U, V, W, F
𐎆	ז	ז	ZAYIN	Z
𐎇	ח	ח	HET	H
𐎈	ט	ט	TET	TH
𐎉	י	י	YOD	Y, I
𐎊	כ	כ	KAF	K, J
𐎋	ל	ל	LAMED	L
𐎌	מ	מ	MEM	M
𐎍	נ	נ	NUN	N
𐎎	ס	ס	SAMEK	S
𐎏	ע	ע	AYIN	O
𐎐	פ	פ	PE	P
𐎑	צ	צ	SADE	S
𐎒	ק	ק	QOF	Q
𐎓	ר	ר	RESH	R
𐎔	ש	ש	SHIN	SH (X)
𐎕	ת	ת	TAU	T



Acima: Vista aérea das escavações em Tel Mardik (antiga Ebla), na Síria.

Esta é a escritura da genealogia do homem:
No dia em que Elohim criou o homem, fê-lo à imagem de Elohim.

Gênesis 5.1

no lugar onde se erguia a antiga cidade cananea de Ugarite. O idioma ugarítico foi inventado ali como um sistema de escrita composto de trinta símbolos cuneiformes. Os documentos eram gravados em tabuinhas de argila, que logo eram levadas ao forno, ficando praticamente indestrutíveis. Os escassos documentos conservados permitem supor que os habitantes de Ugarite também estavam familiarizados com a tradição habitual da escrita alfabética semítica em materiais perecíveis. A mais recente descoberta de tabuinhas pertence ao arquivo real de *Tel Mardik*

(nome atual da antiga Ebla), a 50 km a sudoeste de Aleppo, na Síria. Em trabalhosas escavações ao longo de uma década (1964-1974) foram desenterradas 42 tabuinhas de argila. No ano seguinte, foram achadas milhares delas, todas datando do século XXIII a.C. Além da língua suméria, muitas das tabuinhas estavam escritas em caracteres cuneiformes em um idioma até então desconhecido (hoje chamado de *eblaíta*), que logo provou ser semítico, mostrando afinidades com o ugarítico e especialmente com o hebraico.

Quem escreveu Gênesis?

Identificar o escritor do primeiro livro da Bíblia se mostra um desafio maior do que determinar a autoria de qualquer outro livro da Escritura Sagrada. Nós, que reconhecemos a inspiração verbal plena da Bíblia, aceitamos sem hesitar que Gênesis é “o primeiro livro de Moisés”, e que ele é seu autor, assim como é o autor de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Não obstante, as particularidades textuais de Gênesis nos levam à seguinte reflexão: “Será que Moisés foi o escritor original de Gênesis ou foi apenas o *compilador* do livro?” Porque, de fato, Gênesis possui características textuais distintas em termos de nomenclaturas, topônimos e símiles, bem como repetições que indicam fontes paralelas, apresentando uma *variedade de estilos literários* com peculiaridades linguísticas que não são comuns a um grupo e outro. Tais diferenças dão margem a se rever o conceito tradicional de “paternidade única”.

A hipótese da tradição oral

Mais tradicional e mais aceita, essa hipótese reconhece Moisés como o autor original de Gênesis, escrevendo sob inspiração divina uma extensa tradição oral, abrangendo desde a *creatio ex nihilo* (i.e. “criação a partir do nada”, cf. Gn 1.1), a formação do cosmos e a criação do homem até a morte de José no Egito (Gn 50.26).

Agora, do ponto de vista teológico, a *tradição oral* geralmente é definida como “a revelação de uma verdade dada por Deus ao homem com o propósito de que ele a transmita, conserve e perpetue”. No entanto, essa definição nem sempre se mostra verdadeira, pois as Sagradas Escrituras se referem à tradição oral como algo falível, que tende a se deformar e se corromper (Mt 23.15-18). É dessa forma que elas se referem à *tradição dos anciãos*, a qual acabava invalidando a Palavra de Deus (Mt 15.6).

Por sua vez, o registro *escrito* preserva fielmente a verdade divina, como mostra Jesus na fórmula introdutória “Não lestes...?” (Mt 19.4-5), preferindo o registro escrito à tradição oral: “guias cegos! Que *dizeis*...” (Mt 23.16) e exortando-nos a “não ultrapassar o que está escrito” (1Co 4.6), para que o fim de todo o discurso seja: “está escrito”. Contudo, isso não invalida a verdade de que Gênesis é “um” dos cinco livros de Moisés, pois neste caso ele foi seu inspirado *editor* deuteronômico. Em pelo menos 35 passagens do Novo Testamento, o testemunho autorizado do Senhor Jesus e seus apóstolos confere a Gênesis caráter sagrado, indicando que Moisés realizou sua compilação inspirado por Deus, sem contrariar o fato de que aqueles profetas “desde o princípio... falaram de parte de DEUS impulsionados pelo Espírito Santo” (Lc 1.70; 2Pe 1.21), e assim o *escreveram*.

A hipótese da preservação escrita

O descobrimento arqueológico das tabuinhas de argila de Ebla atribui a seus achados a data do terceiro milênio a.C., confirmando uma narrativa próxima do dilúvio, o que não só corresponde ao conteúdo das tabuinhas, como também deriva de um registro da mesma época. Esse descobrimento arqueológico é digno de consideração, pois permite inferir que o livro de Gênesis é formado por uma série de testemunhos particulares, com nomenclatura, pontos explicativos e comentários editoriais sendo inseridos *posteriormente* por seu editor deuteronômico. A integração de Gênesis aos demais livros do Pentateuco, tendo Moisés como seu inspirado *editor deuteronômico*, explica por que este livro deve ser reconhecido e aceito como o primeiro livro de Moisés, mesmo sem ele ter sido seu escritor original.

O exame minucioso da arqueologia bíblica das tabuinhas de argila achadas em Ur, uma das cidades mais antigas do país dos caldeus (atual Iraque), mostra algo extremamente interessante e revelador: há *dois* grupos de tabuinhas. As mais recentes se parecem com *ensaios*, com o título e o autor na parte superior, ao passo que nas mais antigas o “título” e o autor estão na parte inferior, como se fossem a assinatura de uma carta, em que o material escrito precede o nome do escritor. Observando o texto de Gênesis, nota-se em dez casos o uso da palavra *toldot*, que poderia ser considerada a “assinatura” das tabuinhas mais antigas. Essa expressão costuma ser traduzida como “estas são as gerações de” ou “esta é a história de” (dependendo da versão). Será que essas expressões atuam como “dobradiças” de fechamento das tabuinhas?

Autor	SEFER TOLDOT	CÉUS e TERRA	SEFER TOLDOT	ADÃO	TOLDOT	NOÉ	TOLDOT	FILHOS de NOÉ	TOLDOT	SEM
Referência		Gn 2.4—4.26.		Gn 5.1-8		Gn 6.9—9.29		Gn 10.1—11.9		Gn 10.1—11.9
Autor	TOLDOT	TERÁ	TOLDOT	ISMAEL	TOLDOT	ISAUQUE	TOLDOT	ESAU	TOLDOT	JACÓ e JOSÉ
Referência		Gn 11.27—25.11		Gn 12—18		Gn 25.19—35.29		Gn 36.1-43		Gn 37.2—50.26

Os pontos de referência em que a história de Gênesis se desenvolve em dois *sefer* (livros) podem ser vistos na tabela da página anterior.

É necessário lembrar que, mais tarde, durante a configuração e divisão do texto em capítulos e versículos, a expressão “estas são as gerações de” foi atribuída ao início da passagem, quando na realidade se tratava do final da tabuinha. É por isso que muitos versículos se subdividem em “a” e “b”. Então, é importante sinalizar que a abertura de cada tabuinha se refere diretamente à imediata anterior. Assim, o registro de Gn 5.1 (“Esta é a escritura da genealogia do homem”) nos leva à seguinte pergunta: “Adão sabia escrever?” Se nos remetermos expressamente à evidência interna, então sim. O registro da palavra hebraica *sefer* (livro) na linha de fechamento (2.4; 5.1) e as nove menções de toldot parecem indicar uma transmissão escrita, mais do que oral. E, se estes testemunhos estão relacionados com a rubrica do autor, então quem escreveu Gn 1.1 – 2.4a? Porque a *única* testemunha do prodígio da Criação foi o próprio Deus. Obviamente, o mesmo Deus que escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra. Sem dúvida, só Ele seria capaz de escrever sobre sua *creatio ex nihilo* e sobre os seis primeiros dias em que o universo foi posto em ordem.

Se o texto de Gênesis é formado por uma série de testemunhos escritos por aqueles que assinaram cada tabuinha, então teríamos uma resposta lógica para os diferentes estilos literários, bem como para os outros nomes usados para Deus e, sobretudo, para um registro tão detalhado e preciso de diálogos e descrições.

A transmissão das tabuinhas pode ser traçada desde Adão até Lameque (já que ambos se conheceram), e de Lameque a seu filho Noé. Faz sentido supor que Noé, ao receber as tabuinhas para sua custódia, tenha escrito a sua própria, e seus filhos tenham acrescentado as suas, fazendo-as chegar até Abraão, a quem conheceram. Testemunhas da história, as tabuinhas permaneceram nas mãos dos patriarcas até o fim ou foram colocadas na biblioteca real do Egito (através de José) quando Jacó ou os próprios patriarcas que estavam em posse delas chegaram ali. Preservadas milagrosamente por mais de dois milênios, as tabuinhas obviamente chegaram às mãos de Moisés, como príncipe do Egito. É por isso que o texto possui certa fraseologia egípcia: por Moisés tê-lo copiado em rolos (provavelmente antes do êxodo), sendo divinamente inspirado para transcrever fielmente e recompilar a preciosa informação.

A hipótese das tabuinhas faz mais sentido em termos de senso comum. Ela se ajusta à data conhecida e aceita de forma bem fundamentada sua pluralidade de autores originais, o que por sua vez explica as diferenças de estilo literário e a terminologia egípcia, coincidindo com os achados arqueológicos das primeiras tabuinhas na Suméria. Mas, acima de tudo, essa hipótese justifica por que Gênesis é “um dos livros de Moisés”. Ele foi responsável por transcrever e editar o texto das tabuinhas para o papiro e, mesmo sendo verdade que não sabemos se este papiro ainda existe, é evidente que a edição foi realizada com sucesso. Desta forma, assim como qualquer obra literária inclui palavras de diferentes autores e permanece associada a seu editor, assim é com Moisés. Contudo, Gênesis registra uma autoria escrita atemporal, que começa com a criação do universo: *B'reshit baraj...*



Tabuinhas procedentes das cidades sumérias de Nippur e Umma, uma delas com envoltório de argila muito bem conservado.

A Bíblia Original *Manuscrita*

Entender o evangelho é o epicentro da existência humana. Afinal, o Deus Único se encarnou e chegou a se fazer maldição na cruz, derramando seu sangue divino não para socorrer anjos, mas para socorrer Adão e sua descendência (isto é, a você e a mim; cf. Hb 2.16). É por isso que a compreensão dessa *boa notícia* (capaz de tirar-nos de debaixo da morte, 2Tm 1.10) é transcendental.

Quando pela graça de Deus entendemos o evangelho, nós nos apropriamos de seus benefícios (At 8.30). Logo, se compreendermos devidamente as Sagradas Escrituras e as obedecermos, elas podem nos fazer *sábios* na salvação alcançada (2Tm 3.15). No entanto, Satanás sabe disso e obviamente não deseja que isso aconteça. De maneira que, por um lado, tentará cegar a mente dos incrédulos (2Co 4.4) e, por outro, tentará confundir o Plano da Redenção, a fim de que o crente não alcance seu galardão.

SEQUÊNCIA EXTERNA

De Gênesis a Apocalipse, o Espírito Santo inspirou a Palavra *no devido tempo* aos autores humanos, a fim de que o propósito de Deus alcançasse seu objetivo de unir todas as coisas em Cristo (Ef 1.10). A Escritura Sagrada foi revelada aos santos profetas, apóstolos e evangelistas, e só eles (e não outros) foram incumbidos de escrever seu texto e formar seu cânon. Não obstante, por mais estranho que pareça, a estrutura da Bíblia veio a ser distorcida de sua ordem original e, como veremos adiante, foi arbitrariamente adicionada, subdividida e repaginada de uma forma grosseira, desnecessariamente complicada e difícil de entender, seguindo tradições baseadas em pressupostos tendenciosos e em respostas a conjecturas e suposições absurdas, que obedecem a interesses religiosos indizíveis e, portanto, diabólicos, confusos e enganosos, mesmo que sempre anunciados sob a premissa da verdade.

Pode-se comprovar isso de forma bem fundamentada. Imagine que você se proponha a ler um livro cujo autor introduziu, progressiva e cronologicamente, fatos e personagens nos 49 capítulos em que decidiu escrever sua obra. Não será mais difícil entender a trama se, de repente, outro “editor” desejasse subdividir os 49 capítulos originais em 66, enquanto que “outro” acrescentasse 8 novos capítulos a fim de totalizar 74? E o que aconteceria se, além disso, cada intruso, por sua própria conta, decidisse alterar a sequência interna e conjunta do livro? Ao dividir em dois o capítulo 6, muda de lugar o 7 e o 8; ao dividir o capítulo 8 em quatro, se obriga a sequenciá-lo como 9, 10, 11 e 12. Divide o capítulo 9 em três, mas o desfaz para que sejam 31, 29 e 32. Também subdivide o capítulo 10 em quatro, colocando-o como 30, 33, 28 e 34; coloca o capítulo 11 como 23, divide o capítulo 12 em dois, passando a ser o 24 e 25. Também divide o capítulo 13 em dois, colocando a primeira parte como 36 e a segunda como

35. Transforma o capítulo 14 em 26, 27 e 17. Divide o capítulo 15 em dois, colocando-o como 13 e 14; divide também o 16 e coloca como 15 e 16 (aqui ele acerta mais ou menos!). Agora subdivide o capítulo 17 em três, colocando-o como 37, 38 e 39. E por fim, talvez preocupado com o enredo formado, deixa no lugar os capítulos 18, 19, 20, 21 e 22.



Não satisfeito com o enredo do primeiro volume, continua com o segundo, e assim o capítulo 23 (que, segundo o mais corriqueiro entender, deveria vir depois do 22) acaba sendo o 43! O capítulo 24 agora é o 41, e o 25 é o 40. Coloca o 26 como o 42, mas ao 27 como 44. O 28 é o 59, e o 29 é o 60; coloca o 30 como 61, o 31 como 62, o 32 como 63, o 33 como 64, o 34 como 65, mas ao 35 como 52 e ao 36 como 53. O capítulo 37 passa a ser o 46, o 38 passa a ser o 47 e o 39 vira o 48, mas – cuidado! – o 40 é colocado com 45, o 41 como 49, o 42 como 50 e o 43 como... 51! Segue rapidamente e coloca inversamente o 44 como 58 e o 45 como 57. Coloca o 46 como 54, o 47 como 56, o 48 como 55 e, finalmente, o 49 acaba sendo o 66!

Essa é a relação entre nossa hipotética novela e a formação da Bíblia como apresentada nas edições modernas! (e isso sem contar os livros acrescentados pelo outro editor da Bíblia). E assim surge a clássica pergunta que sempre é feita em relação à Bíblia (mas que ninguém faz com nenhum outro livro): *Por onde começa a ler?*

Se a linha argumentativa de qualquer obra literária é difícil de entender quando a sequência é alterada, quanto mais a Escritura Sagrada, quando não se segue estritamente a ordem proposta por seu Verdadeiro Autor! Até pouco tempo atrás, não havia nenhuma Bíblia com a ordem de acordo com o manuscrito original, e esse é um grande feito! Por audácia, timidez, fins comerciais ou razões indizíveis, os diferentes editores bíblicos continuam a favorecer uma ordem imposta arbitrariamente por Roma, seguida bem de perto e servilmente pelo protestantismo.

Até hoje só existe uma versão da Bíblia na ordem dos manuscritos originais. Por fins políticos, religiosos ou comerciais, os editores bíblicos continuam favorecendo a ordem tradicional prefixada na Vulgata, que desde o século V foi imposta arbitrariamente por seu autor Jerônimo, a mando do papado romano.

Baseada em propostas especulativas sem nenhum fundamento bíblico (como demonstrado por achados arqueológicos), há muito tempo a *Vulgata* conseguiu impor *sua* disposição do texto sagrado. No século V, Jerônimo (seu autor) e posteriormente Agostinho *rearranjaram a história* do texto sagrado a mando dos papas, com o objetivo de que o cristianismo voltasse seu olhar para a Roma imperial, e não para a velha Jerusalém, a fim de fortalecer e exaltar o bispo de Roma (posteriormente cabeça do papado) acima dos bispos orientais, que se opunham às aspirações de Roma de ser o único centro do mundo cristão.

Gênesis

4º MILÊNIO a.C.

3º MILÊNIO a.C.

Adão

Noé

Jó
Abraão

Velho Pacto

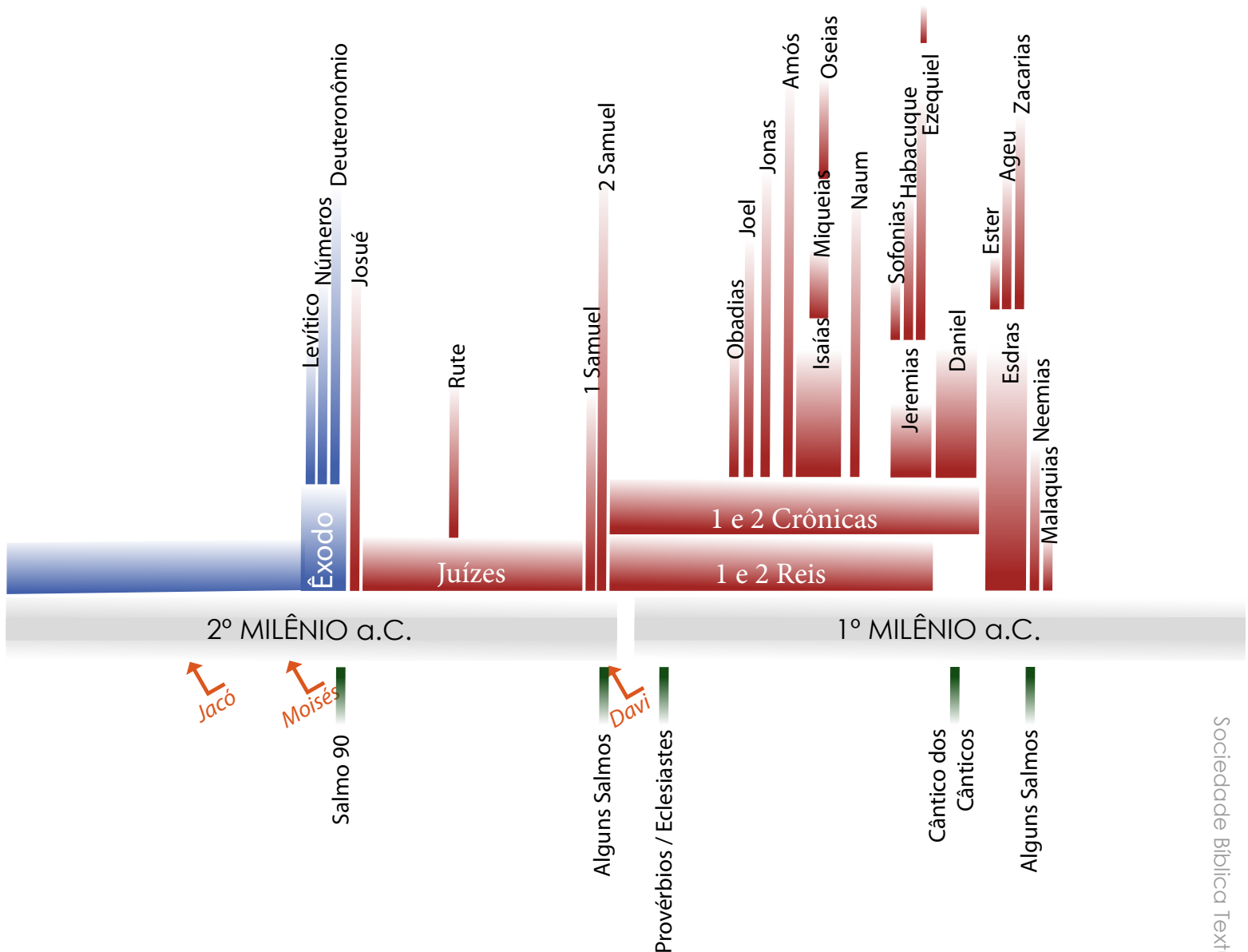
Classificação agrupada dos Livros do Velho Pacto

LEI 5 Livros	1 Gênesis	2 Êxodo	3 Levítico	4 Números	5 Deuteronômio	
PROFETAS 12 Livros	Josué Juízes 6	Rute 7	Reinos: 1 e 2 Samuel 1 e 2 Reis 8	Obadias Joel Jonas 9	Amós Miqueias Oseias Naum 10	Isaías 11
	12 Jeremias Lamentações	13 Sofonias Habacuque	14 Ezequiel Daniel Ester	15 1 e 2 Crônicas	16 Esdras Neemias	17 Ageu Zacarias Malaquias
SALMOS 5 Livros	18 Jó	19 Salmos	20 Provérbios	21 Eclesiastes	22 Cântico dos Cânticos	

Pela primeira vez na história da modernidade, a 1ª Edição da Bíblia Textual apresenta uma nova paginação da Escritura. Sua sequência segue fielmente a ordem original manuscrita utilizada pelo Senhor Jesus, seus apóstolos e a igreja primitiva. Para restaurar este formato, levou-se em conta os seguintes pontos:

- **Autoridade inerente**
- **Historicidade**
- **Cronologia / contemporaneidade**
- **Temática**
- **Padrão numérico**

1. **autoridade inerente:** o Verdadeiro Autor da Escritura agrupa o texto em três partes (Lc 24.44);
2. **historicidade,** essa versão é baseada nas fontes mais antigas e confiáveis, que reconhecem a existência de um cânon de 49 livros, sendo 22 do Velho Pacto e 27 do Novo Pacto;
3. **cronologia e contemporaneidade:** apelando para o senso comum, essa versão utiliza uma proposta de cronologia e contemporaneidade de acordo com o ministério ativo dos profetas;
4. **temática:** essa versão se baseia na temática, cujas características temporais ou atemporais permitem identificar devidamente os livros que integram os diferentes grupos; e
5. **padrões numéricos:** a versão leva em conta os padrões numéricos artisticamente desenhados, vistos em harmonia com muitos outros que se esforçam para mostrar que a "Mão Invisível" que escreveu o Livro é, obviamente, a mesma que o organizou.



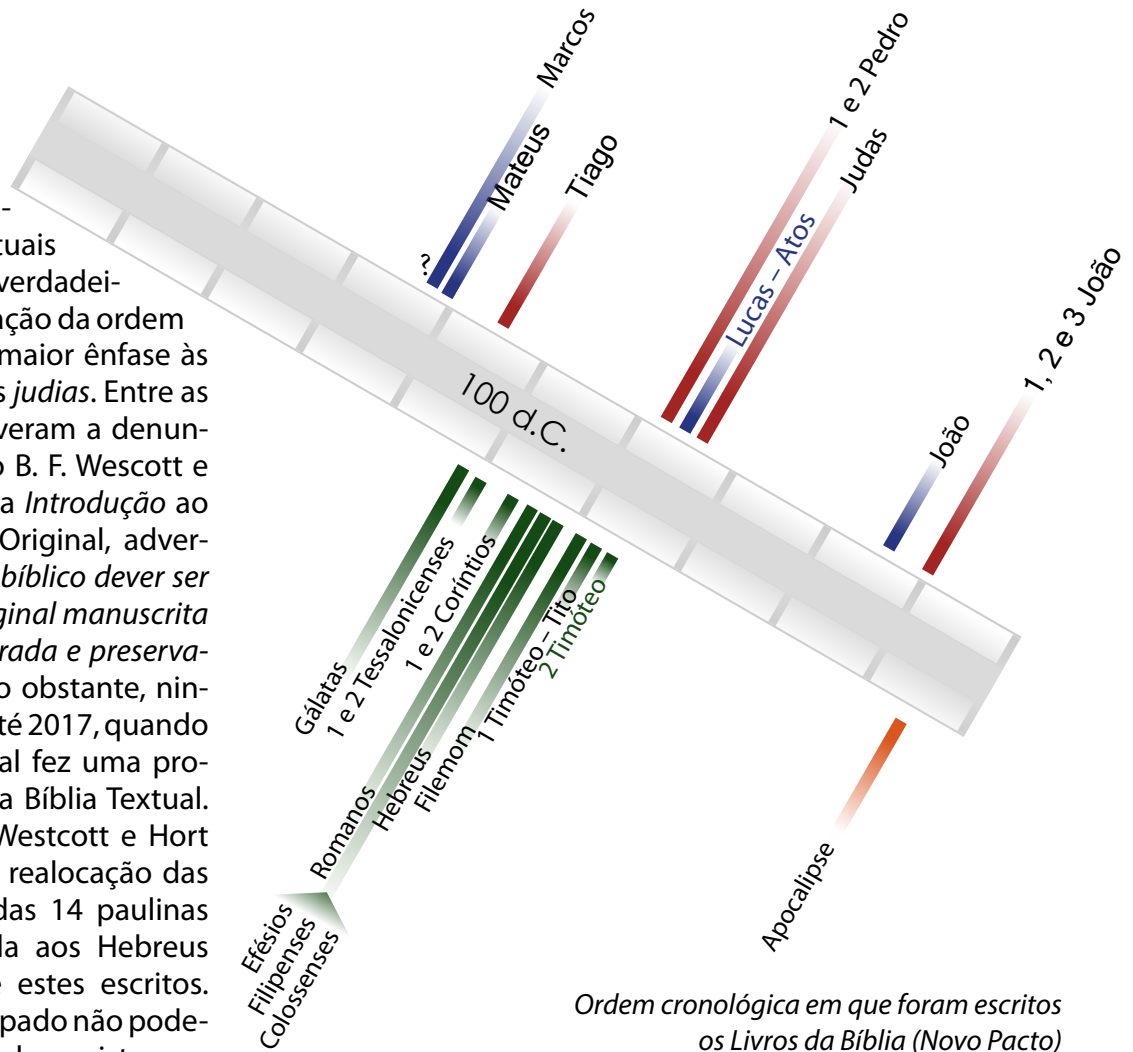
Ordem cronológica em que foram escritos os livros da Bíblia (Velho Pacto)

Novo Pacto

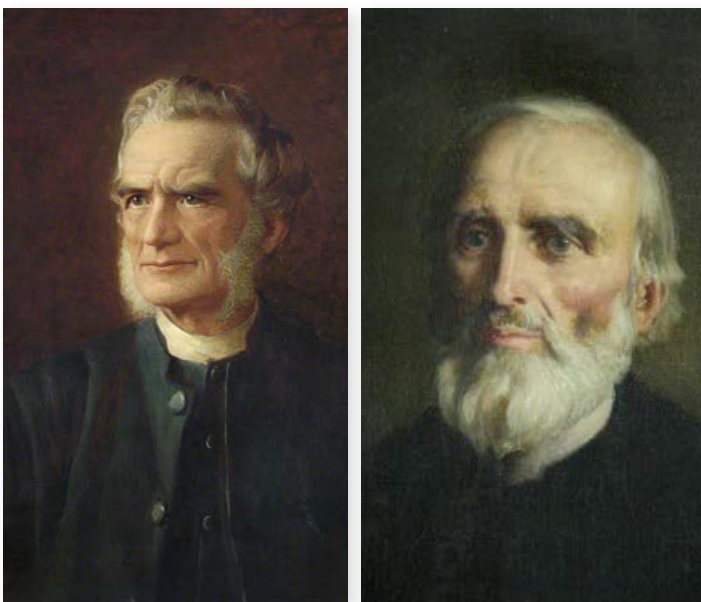
Foi no final do século XIX que os críticos textuais se deram conta de que o verdadeiro motivo por trás da alteração da ordem do texto sagrado era dar maior ênfase às epístolas *gentias* do que às *júdias*. Entre as poucas vozes que se atreveram a denunciar essas alterações estão B. F. Westcott e J. A. Hort, os quais, em sua *Introdução ao Novo Testamento Grego Original*, advertiram que *além de o texto bíblico dever ser depurado, a paginação original manuscrita também deveria ser restaurada e preservada nas edições futuras*. Não obstante, ninguém fez nada a respeito até 2017, quando a Sociedade Bíblica Textual fez uma proposta em sua 4ª Edição da Bíblia Textual.

A advertência de Westcott e Hort se refere especialmente à realocação das 7 epístolas judias antes das 14 paulinas e à colocação da epístola aos Hebreus na décima posição entre estes escritos.

Naturalmente, o papado não poderia concordar com essa ordem, visto que colocaria o leitor em um enfoque voltado sobretudo para Jerusalém, e não para Roma. Com sua pertinaz e infeliz astúcia, o papado romano conseguiu impor suas falácias que hoje, por causa do sórdido ecumenismo, a hierarquia eclesiástica protestante respalda mansamente. Com sua *Vulgata*, Jerônimo causou um



dano nada pequeno aos ensinamentos puros e originais do cristianismo. O motivo de ele ter colocado as epístolas paulinas antes das epístolas gerais era para promover o apóstolo dos gentios de forma predominante em relação aos apóstolos judeus. Porém, o verdadeiro motivo dessa *reordenação ocidental* era exaltar Roma acima de Jerusalém, feito inegável, fortalecido pelo já não tão misterioso halo de antisemitismo. A aceitação tácita da Reforma no século XVI mostra quão próximas têm sempre estado a cúpula católica e a cúpula protestante em seu ódio irracional contra o povo escolhido. As entidades bíblicas, representadas por seus editores, têm estado associadas em um sórdido acordo com teólogos e eruditos, prelados e sacerdotes, reverendos e pastores, mestres e doutores, e aqueles que hoje se deleitam em serem chamados de *pais, apóstolos e líderes* das diferentes confissões e denominações da igreja professante; todos, sem exceção, têm tido olhos cegos e ouvidos surdos para essa impactante verdade, e com surpreendente relaxo têm abandonado toda tentativa de restaurar a Bíblia a seu precioso formato original, principalmente por medo de fiascos editoriais de caráter econômico. Porém, a forma original da Bíblia é simples



B. F. Westcott y J. A. Hort

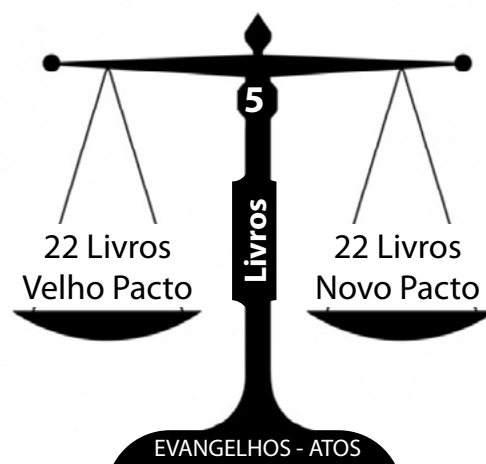
EVANGELHOS E ATOS						Classificação segundo grupos de Livros do Novo Pacto	
5 Livros	23 João	24 Mateus	25 Marcos	26 Lucas	27 Atos		
EPÍSTOLAS JUDAICO-CRISTÃS							
7 Livros	28 Jacobo (Tiago)	29 1 Pedro	30 2 Pedro	31 Judas	32 1 João	33 2 João	34 3 João
EPÍSTOLAS PAULINAS							
14 Livros	Gálatas 35	1 Tessalonicenses 36	2 Tessalonicenses 37	1 Coríntios 38	2 Coríntios 39	Romanos 40	Gentios (Efésios) 41
	42 Filipenses	43 Colossenses	44 Hebreus	45 Filemom	46 1 Timóteo	47 Tito	48 2 Timóteo
PROFÉTICO							
1 Livro	49 Apocalipse						

e maravilhosa. Sua estrutura interna mostra um padrão simétrico artisticamente desenhado. Conclui-se que **49** autores escreveram com **49** letras os **49** livros da obra literária mais excelsa do universo, editada em **49** gerações. Como assinatura indelével de seu Verdadeiro Autor, o número **49** (7 x 7) exibe seu típico significado de *perfeição e plenitude* em a) a colheita de frutos em 7 semanas de 7 dias (7 x 7), b) as 7 festas solenes durante os 7 primeiros meses do ano (7 x 7) e c) o ciclo do *shabbat* em 7 semanas de anos (7 x 7). Seus 22 livros hebreus e 22 dos seus 27 livros gregos convergem como “braços” que se apoiam no fiel da balança: os 5 livros que registram a Obra da Redenção da Pedra Angular e seu Espírito. Com um diagrama numérico perfeito, o desenho original da Bíblia assombra e deleita, movendo nosso pensamento àquele de Platão que diz que *Deus geometriza*.

Aqueles que estão conscientes dessa realidade e nada fazem não deveriam achar que estão longe da imprecação do profeta Jeremias (“Maldito o que fizer a obra de YHWH indolentemente!”, Jr 48.10a). Já aqueles que agirem em relação a isso serão agradavelmente surpreendidos, pois lhes será muito benéfico notar

como os vários ensinamentos da Escritura emergem de forma clara e simples em uma única doutrina. Por causa do recurso mnemônico-técnico de sua estrutura interna, as diferentes perspectivas dos mesmos feitos se retêm com facilidade, colocando o leitor dentro de narrativas cronológicas compreensíveis.

Ao permitir que a Bíblia seja seu próprio intérprete no que toca adequadamente a assuntos doutrinários (inclusive seu cânon), comprova-se, com alívio, que todo esse enxame de conjecturas pode ser



Cronologia dos sucessos de inserção de capítulos e versículos na Bíblia

TEXTO	Manuscritos antigos	Texto Massorético		Vulgata	
EVENTO	Ausência de capítulos, versículos e subtítulos	Divisão em frases curtas com sentido completo	 Primeiro esboço da divisão em capítulos	Capítulos sobre o texto	Outra classificação da Bíblia em capítulos, mas que não conseguiu substituir a classificação feita por Langton
DATA		Idade Média	Século XI	Século XIII	1244 - 1248
PERSONAGEM		Massoretas	Monge Lanfranco de Canterbury	Stephen Langton	Hugo de Sancto Caro

substituído pela informação autoritativa intrínseca da Bíblia, a fim de que todo ser humano a entenda e invoque com confiança. Assim esse esforço redundará em glória a Deus, em benefício de sua Igreja.

SEQUÊNCIA INTERNA

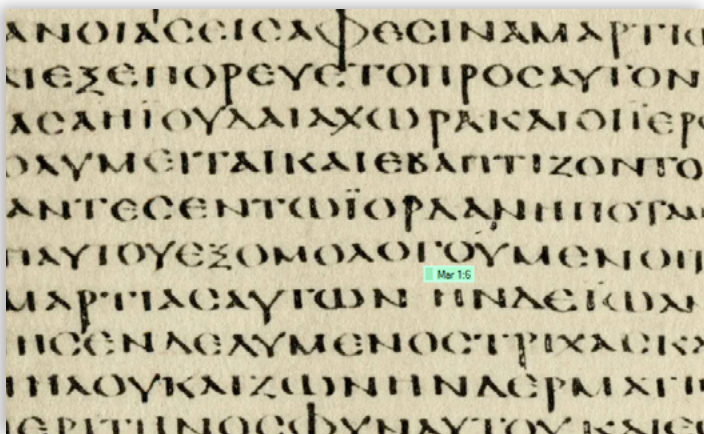
A seção anterior tratou da alteração da sequência externa da Bíblia (isto é, da ordem de seus livros). Nesta seção, destaca-se a alteração do Texto Sagrado, afetado em cada um de seus livros, como evidenciado pelos achados da arqueologia bíblica e pelos avanços da crítica textual.

A escritura contínua

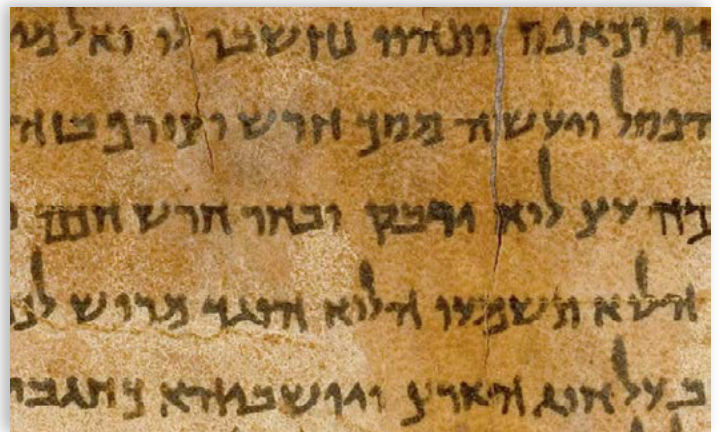
A *scriptio* continua dos textos mais antigos não tinha separação de palavras nem qualquer tipo de pontuação. Em algum momento, isso pode ser crítico ao se interpretar certas frases. Há um ditado infantil que exemplifica o que é uma pontuação incorreta:

*Tenho dez dedos em cada mão,
cinco e vinte em minhas mãos e pés.*

Obviamente, a pontuação correta é:





Fragmentos do Códice Sinaítico (século VI d.C.). Perceba que não há separação entre as palavras.



Fragmentos do Grande Rolo de Isaías (125 a.C.)
Perceba a separação entre as palavras.

Cronologia dos sucessos de inserção de capítulos e versículos na Bíblia

<i>Psalterium quintuplex de Lefevre D'Etaples</i>	Novo Testamento em latim		Bíblia de Genebra (tradução para o inglês)	Texto grego do Novo Testamento	Bíblia em latim
Primeiro livro bíblico impresso com a apresentação versificada e numerada	<i>Veteris et Novi Testamenti nova translatio</i> contendo versículos	Publicação em Veneza de uma Bíblia com capítulos, feita por Langton	Primeira Bíblia que incluiu totalmente a divisão de capítulos de Langton e os versículos de Robert Estienne	 Inclusão de capítulos e versículos	Primeira edição da igreja católica contendo a divisão definitiva de capítulos e versículos
1509	1528	1525	1560	Século XVI	1592
Impressor Henri Estienne	Dominico Sanctes Pagnino	Jacob ben Jayim	Editores suíços	Impressor francês Stefanus	Papa Clemente VIII

Tenho dez dedos, em cada mão cinco, e vinte em minhas mãos e pés.

Qualquer idioma possui exemplos como esse, que demonstram como a pontuação de uma frase pode afetar radicalmente seu significado.

Mesmo que as grandes pausas sejam indicadas nos manuscritos, não há nenhuma autoridade que possa estabelecer as pontuações menores, as quais precisam ser inferidas mediante estudo do contexto (seja ele próximo ou remoto).

A divisão de capítulos e versículos

Atualmente, os livros da Bíblia se encontram divididos em capítulos e versículos, o que permite localizar com maior rapidez e precisão as frases e palavras desejadas de uma determinada passagem.

Contudo, os textos originais (hebraicos, aramaicos e gregos) do Velho e Novo Pacto e as cópias manuscritas mais antigas nas línguas originais não apresentavam divisões; tampouco tinham sinais de pontuação, já que os escritores sagrados compuseram textos longos e contínuos da primeira à última página.

• *Divisões antigas*

Provavelmente, a primeira divisão sistemática de uma seção do Velho Pacto surgiu da necessidade ju-

daica de implementar um plano organizado de leitura da Torá. Por volta do ano 586 a.C., a Torá foi dividida em 154 seções chamadas "*sedarim*" (leitura para três anos). Cinquenta anos depois, a Torá foi dividida em 54 seções chamadas "*perashiyot*" (leitura para um ano). Complementando essas leituras, foram selecionados 54 fragmentos dos livros dos profetas a que chamaram "*haftarot*" (ou "*despedidas*"), pois com sua leitura se encerravam as funções litúrgicas de cada sábado (At 13.14-15 e 13.27).

O evangelista Lucas (4.16-30) narra que, conforme o costume, o Senhor Jesus entrou na sinagoga no dia de sábado e, levantando-se para ler o rolo de Isaías, surpreendeu seus ouvintes ao dizer: *Hoje se há cumprido esta Escritura em vossos ouvidos* (v. 21).

Além da Torá, tempos depois se dividiram em parágrafos os demais textos do Velho Pacto, indicando as pausas através de duas letras do alfabeto hebraico (*Pei e Samej*), o que se pode observar em alguns dos exemplares mais antigos conhecidos (Manuscritos do Deserto da Judeia – 150 a.C.).

No Novo Pacto (NP) encontramos indícios de como se citava as porções bíblicas nos primeiros séculos. Os escritores da NA faziam referência a um determinado evento, personagem, autor ou livro, mas com pouca especificidade. O Senhor Jesus se referiu àquilo que hoje conhecemos como o capítulo 3 de Êxodo, chamando-o de passagem da sarça (Mc 12.26;

Lc 20.37), referindo-se também ao Salmo 110.1 como algo dito por Davi no livro dos Salmos (Mc 12.36; Lc 20.42). Paulo se referiu ao que hoje conhecemos com 1Reis 19.14-18 dizendo que se tratava de uma passagem da história de Elias (Rm 11.2-4) e, em seu evangelho, Mateus se referiu ao que hoje conhecemos como Isaías 53.4, alegando ter sido dito pelo profeta Isaías (Mt 8.17).

Pode-se dizer que a referência mais específica é aquela em que Paulo diz: ... *como também tem sido escrito no salmo segundo: Meu filho és Tu, Eu te hei engendrado hoje* (At 13.33). Por outro lado, temos referências gerais que simplesmente dizem: *está escrito nos profetas* (Jo 6.45), *para que se cumprisse a Escritura* (Jo 19.24), *para que se cumprisse o dito pelo Senhor mediante o profeta* (Mt 1.22-23), *como está escrito na lei do Senhor* (Lc 2.23), *contém a Escritura* (1Pe 2.6), *a Palavra escrita* (1Co 15.54), *a Escritura diz* (Rm 10.11) etc. O que também acontece é simplesmente começarem a mencionar porções da Bíblia no meio do discurso que já vinham desenvolvendo (p.ex. Hb 1.5-14).

Ao que parece, com o tempo e com a prática de copiar manuscritos, muitos copistas se sentiram livres para inserir divisões a seu gosto. No final do século II, Tertuliano (150-222 d.C.) escreveu sobre capítulos de diferentes livros da Bíblia, e Dionísio (190-264 d.C.) declarou que alguns haviam examinado o livro de Apocalipse capítulo por capítulo.



Langton de Canterbury



Robert Estienne

Em meados do século III, Amônio de Alexandria completou uma harmonização dos evangelhos, dividindo-os em seções temáticas (muito menores que nossos capítulos atuais). Essa divisão foi adotada em muitos manuscritos que continham o texto em latim e em grego. Até o final do século IV, acrescentou-se uma nova divisão chamada *titloi* (títulos), que eram porções dos evangelhos com resumos na parte superior ou inferior da página e que, por sua vez, agrupavam as seções temáticas.

Entre os séculos VI e X, o texto hebraico alcançou sua forma definitiva. Os massoretas (escribas judeus) se dedicaram a reunir e colocar por escrito a Massorá (tradição oral). Além disso, incluíram um complexo sistema de pronúncia: vogais, acentos ou sinais musicais (indicando o tom recitativo com que o texto deveria ser lido), sinais de pausa (equivalentes a nossos sinais de pontuação), sinais tônicos (acentuação normal da palavra) e outros sinais diacríticos.

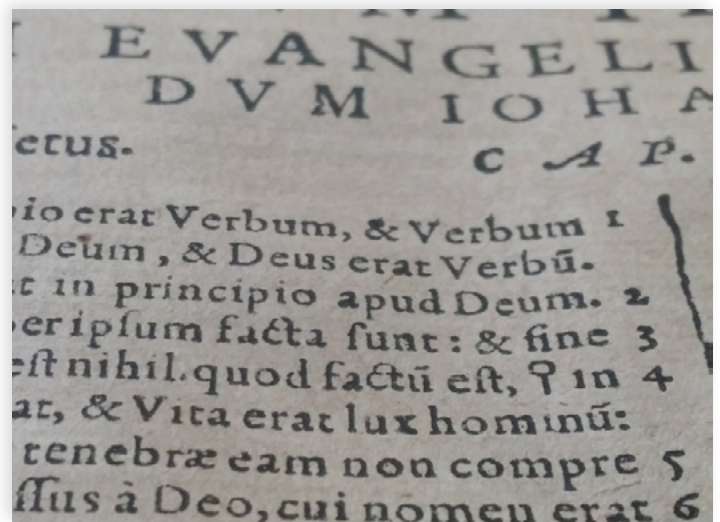
A partir do século VII, os massoretas subdividiram os antigos *perashiyot* em 669 segmentos menores chamados *sidrim*, a fim de facilitar a localização de referências. Até o século IX, eles estabeleceram a divisão de todo o texto do Velho Pacto em versículos e seções (*pisqah*).

• Divisão Atual

CAPÍTULOS

A divisão atual em capítulos foi esboçada no século XI pelo monge Lanfranco de Canterbury (arcebispo de Canterbury e conselheiro de Guilherme I da Inglaterra).

Durante o século XII, a Universidade de Paris (ou Sorbonne) floresceu, destacando-se como o maior



Versão de Jerônimo. Note os versículos na margem direita do texto.

centro de educação teológica do catolicismo romano durante a Idade Média. Um de seus professores, o inglês Stephen Langton, foi encarregado de implementar um sistema padronizado de capítulos, devido à dificuldade que os estudantes tinham de localizar partes da Escritura. Assim, Langton desenvolveu o esboço de Lanfranco e o terminou. Devido ao renome da Universidade de Paris, essa edição alcançou grande difusão e se propagou por toda a Europa, chegando a ser o único texto utilizado por mais de três séculos.

A difusão da divisão em capítulos foi tão bem recebida que, por razões práticas entre outras, foi adotada pelos próprios judeus. Por volta do ano 1330 d.C., o rabino Salomão Ben Ismael inseriu essa divisão em capítulos pela primeira vez nos manuscritos do texto hebraico.

Posteriormente, em 1525, Jacob ben Jayim publicou em Veneza uma Bíblia contendo a divisão de capítulos feita por Langton.

VERSÍCULOS

A classificação de Langton havia se limitado aos capítulos, mas ainda era necessário subdividi-la em partes menores. A primeira tentativa nesse sentido foi feita pelo italiano Sanctes Pagnino (1470-1536), judeu convertido e depois dominicano, nascido em Lucca. Em 1528, ele publicou em Lyon sua tradução latina da Bíblia, a *Veteris et Novi Testamenti* nova translatio, subdividida em frases curtas ou, em outras palavras, em versículos. Mesmo assim, a subdivisão de Pagnino nunca foi amplamente adotada.

Por outro lado, Robert Estienne (1503-1559), prestigiado impressor e humanista francês, identificado com o movimento protestante, foi hostilizado pelos teólogos católicos de Sorbonne, pelo que se viu obrigado a deixar Paris e estabelecer-se em Genebra, na Suíça. No ano de 1551, Estienne imprimiu um Novo Testamento Grego no qual apareceu, pela primeira vez, nossa atual divisão de versículos. Em 1555, ele imprimiu a Bíblia inteira em latim, e essa foi a primeira vez que apareceu a divisão completa de capítulos e versículos que possuímos hoje.

Para os livros do Antigo Testamento e para os deuterocanônicos, Estienne adotou a divisão feita por Sanctes Pagnino, com alguns retoques. Os números dos capítulos e versículos não ficavam no meio do texto bíblico, e sim nas margens.

Em 1565, Teodoro de Beza colocou os números dos versículos propostos por Robert Estienne no interior do texto. E, em 1569, Casiodoro de Reina publicou em Basileia, na Suíça, a primeira tradução completa de toda a Bíblia para o idioma espanhol, incluindo nela a divisão atual de capítulos e versículos.

Arias Montano (1572) introduziu definitivamente a divisão atual de versículos na Bíblia hebraica em sua grande obra exegética, a Poliglota de Antuérpia.

Por fim, em 1592, o papa Clemente VIII mandou publicar uma nova versão da Bíblia em latim para uso oficial da igreja católica, e nessa versão se incluiu a divisão atual de capítulos e versículos.

Assim, ao final do século XVI, judeus, protestantes e católicos já tinham aceitado a divisão em capítulos introduzida por Stephen Langton e a subdivisão em versículos introduzida por Robert Estienne. Desde então, essas divisões em capítulos e versículos foram aceitas como forma padrão de se localizar porções da Escritura, sendo impostas no mundo inteiro.

• *Críticas à disposição atual de capítulos e versículos*

Contar com um sistema padronizado de capítulos e versículos para citar partes da Escritura é de valor indiscutível. Não obstante, estudos avançados demonstraram alguns inconvenientes, visto que essas divisões não são perfeitas:

1. Em certas ocasiões, os capítulos de Stephen Langton não respeitam a unidade do discurso ou relato.

2. Às vezes, os versículos de Robert Estienne aparecem no meio de uma oração, pensamento ou frase, em vez de formar parágrafos convenientes e lógicos. Em alguns lugares, a divisão acaba sendo artificial, improvisada, caprichosa e discutível.

3. A divisão nunca deveria substituir o texto corrido, interrompendo sua continuidade.

No estudo da Bíblia, devemos ignorar essa divisão, entendendo que seu único propósito é facilitar a referência. Algumas edições modernas tentaram resgatar a unidade do discurso acrescentando subtítulos mas, ainda assim, o estudante da Bíblia deve sempre ter em mente que esses subtítulos são adaptações feitas pelos editores, não fazendo parte do Texto Sagrado original.

No entanto, o leitor bíblico não está consciente dos benefícios de uma leitura sem obstáculos, já que não teve oportunidade de experimentar essa nova forma por não dispor de um texto sem numeração.

• *Exemplos*

Entre muitos, citaremos dois exemplos:

O relato da criação em Gênesis 1 não termina no versículo 31, e sim em 2.4: *Esta é a escritura da origem dos Céus e da Terra quando foram criados*. Portanto, o capítulo 2 do livro de Gênesis deveria começar em 2.5, em que se relata a história de Adão no Éden, começando com a frase: *No dia em que Elohim fez terra e céus...*

Em Romanos 8.20-21, a divisão de versículos interrompe o sentido da oração, deixando "em esperança" na frase anterior e deformando a mensagem:

20 *Porque a criação foi sujeita à frustração, não por sua própria vontade, senão pela daquele que a sujeitou em esperança (?)*

21 *de que também a criação mesma será liberada da escravidão da corrupção à liberdade gloriosa dos filhos de DEUS.*

Pelo contexto imediato, o número 21 deveria vir antes de "em esperança":

"20 *Porque a criação foi sujeita à frustração, não por sua própria vontade, senão pela daquele que a sujeitou* **21** *em esperança de que também a criação mesma será liberada da escravidão da corrupção à liberdade gloriosa dos filhos de DEUS".*

Cabe mencionar que a numeração dos salmos no texto hebraico difere da numeração utilizada nas versões grega (LXX) e latina (Vulgata). Essa diferença se deve ao fato de que alguns salmos foram divididos e outros fundidos. Assim, por exemplo, os salmos 9 e 10 do hebraico correspondem ao salmo 9 das versões grega e latina, ao passo que os salmos 114 e 115 da LXX correspondem ao 116 do texto hebraico. O mesmo acontece com o salmo 147 do texto hebraico, dividido em dois salmos (146-147) na versão grega.

Orden de los eventos en el libro de Daniel

Capítulos	História	Reinados	
1	Na Babilônia	Nabucodonosor	
2	O sonho de Nabucodonosor		
3	A soberba de Nabucodonosor		
4	v.1		O decreto real
	v.4	A grande árvore	
	v.19	A interpretação	
	v.28	O cumprimento	
7	As quatro bestas	Belsazar	
8	O carneiro e o bode		
5	O fim do reinado e a morte de Belsazar		
6	v.1	Dario	Dario
	v.16	O fosso dos leões	
	v.25	O decreto de Dario	
9	v.1	As setenta semanas	Dario
	v.20	A explicação da visão	
10	O Filho do Homem	Ciro	
11	Cronologia		
12	O tempo do fim		



UMA LEITURA DE “VERDADEIRA” REFORMA

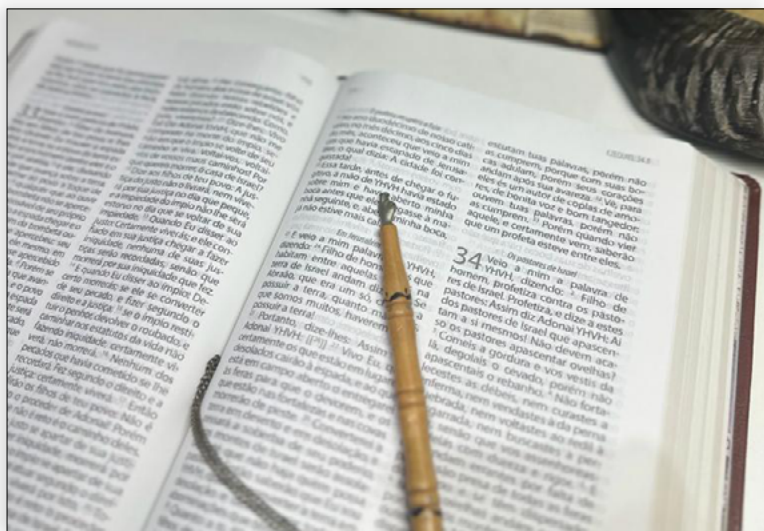
Tentando reproduzir mais fielmente a forma como os destinatários originais liam os diversos escritos do Novo Pacto, trabalhamos nessa nova edição a fim de eliminar do texto bíblico todo acréscimo humano de numeração de capítulos e versículos, ato que Glenn R. Pauuw, um autor recente, chamou de “libertar a Escritura de nós mesmos”. Não obstante, indicamos no cabeçalho de cada página uma referência simples ao capítulo ou capítulos incluídos nela, para que o leitor possa identificar mentalmente a porção que está lendo segundo o sistema tradicional.

Sem dúvida, uma leitura limpa e sem fragmentações nos ajudará a compreender de forma global o significado de cada livro do Novo Pacto. Quando os destinatários de uma carta a recebiam, eles se reuniam para lê-la juntos e a compartilhavam com outras igrejas (Colossenses, p. 1484); e eles a liam por completo, tal como hoje lemos uma carta de um amigo. Esse tipo de leitura intensiva nos submerge no pensamento do escritor e nos faz desfrutar as riquezas inerentes à Escritura. Isso nos obriga a ler por mais tempo, o que não seria mais do que imitar o que o povo de Israel fez em Neemias 8.3, só que em escala reduzida, pois uma leitura de 25 a 30 minutos diários só nos permite ler o Novo Pacto em dois meses.

“Tudo tem o seu tempo”. Parfraseando o Qohélet, há tempo para estudar intensivamente a Escritura e tempo para ler intensivamente a Escritura. A leitura em forma de narrativa ou de epístola é chamada “de imersão” quando o editor fornece condições ótimas a nível de design e o leitor dedica tempo suficiente para compreender o sentido global do livro ou carta por inteiro. Esta edição tem justamente esse objetivo. Se o leitor conseguir desfrutar desse tipo de leitura e for levado a uma experiência de imersão nas profundas riquezas da Palavra de Deus, nos daremos por satisfeitos, desejando que possa dar glória a Deus por sua Palavra.

Nesta ordem de ideias, a BTX seguiu fielmente as regras ortográficas de pontuação do português, introduzindo em alguns casos o uso de três pontos (...) e em outros passando por cima da divisão de versículos, citando posteriormente as passagens beneficiadas por estas aplicações.

Outro exemplo interessante que vale mencionar é a ordem dos capítulos registrada no Papiro 967 (Göttingen), concluído no século III a.C. e que conserva o texto de Daniel em sua totalidade, sendo a forma mais antiga do texto grego, diferença fundamental em relação ao Texto Massorético e aos demais documentos conhecidos até 1968. A ordem apresentada pelo documento é: 1-4; 7-8; 5-6 e 9-12, ordem seguida pela Bíblia Textual 1ª Edição.



Escritas

Nos primeiros dias da Igreja Cristã, logo que uma carta apostólica era enviada a um indivíduo ou congregação, ou depois que um evangelho era escrito a fim de suprir as necessidades de um público específico, eram feitas cópias desse material com o objetivo de aumentar sua influência e permitir que outros pudessem se beneficiar dele. Portanto, era inevitável que essas cópias manuscritas tivessem um número considerável de diferenças de palavras em relação ao original.

Causas involuntárias

A maior parte das divergências, como confundir uma letra ou palavra com outra parecida, surgiu por causas involuntárias. Por exemplo, se duas linhas vizinhas começavam ou terminavam com o mesmo grupo de letras, ou se duas palavras parecidas apareciam juntas na mesma linha, é possível que o olho do copista saltasse do primeiro grupo de letras para o segundo, omitindo assim uma porção do texto. Por outro lado, a visão do escriba poderia *voltar* do segundo grupo para o primeiro, sem querer duplicando uma ou mais palavras.

Os ditongos ou tritongos de mesma pronúncia também podiam ser confundidos pelos escribas ouvintes.

Esses erros acidentais eram quase que inevitáveis sempre que se copiava a mão longas passagens, o que era ainda mais provável de acontecer se o escriba tivesse visão ou audição defeituosas, se fosse interrompido em seu trabalho ou se, por cansaço, estivesse menos atento do que deveria.

Copista



Essa palavra indica uma pessoa que reproduz livros a mão. Seu trabalho era importante para a difusão de livros até aparecer a imprensa de tipos móveis no mundo ocidental em meados do século XV.



Escriba

Era o copista ou amanuense da antiguidade. Devia prestar muita atenção. Quando experiente, era capaz de escrever duas a três folhas por dia. Escrever um manuscrito completo levava vários meses de trabalho.

Soferim



Eram escribas judeus habilitados a transcrever o texto hebraico da Bíblia e outros textos religiosos. Eram experientes no uso da caligrafia hebraica, seguindo regras muito precisas no traçado das letras.

Massoretas

Foram os escribas judeus que escreveram as notas da Massorá (conjunto de instruções para a escrita e leitura do Texto Massorético) entre os séculos VII e X d.C. Também definiram a pronúncia do hebraico bíblico.



Jn. 17.15

PARABLEPSIS

Homoeoarcton

..... αὐτοὺς ἐκ τοῦ
κόσμου.....
..... αὐτοὺς ἐκ τοῦ
πονηροῦ

Homoeoteleuton

Jn. 17.15

PARABLEPSIS

Homoeoarcton

..... αὐτοὺς ἐκ τοῦ
κόσμου.....
..... αὐτοὺς ἐκ τοῦ
πονηροῦ

Homoeoteleuton

Jn. 17.15

PARABLEPSIS

..... αὐτοὺς ἐκ τοῦ

πονηροῦ

Jn. 17.15

PARABLEPSIS

..... αὐτοὺς ἐκ τοῦ
πονηροῦ

1Jo 3.1

A versão ARC registra:

Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não conhece a ele.

Embora se possa argumentar que as palavras “e o somos” são uma nota explicativa introduzida pelos copistas com o propósito de afirmar a realidade do estado descrito previamente, é bem mais provável que tais palavras sejam genuínas, visto estarem respaldadas por bons representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (, A, B,

Vede que classe de amor! O Pai nos há concedido que sejamos chamados filhos de DEUS, e o somos; por isso o mundo não nos conhece, porque tampouco o conheceu a Ele.

C). A ausência dessas palavras em manuscritos tardios seguidos pelo *Textus Receptus* (TR) se deve a uma omissão do escriba, talvez ocasionada pela semelhança gráfica com a palavra anterior, podendo também ser um corte deliberado do editor ao se deparar com uma frase difícil entre parênteses.

João 7.8

A versão ARC registra:

Subi vós a esta festa; eu não subo **ainda** a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido.

Os escribas – superficiais (e orgulhosos!) – não entendendo a súbita mudança de proceder do Senhor, introduziram em tempos recentes a leitura “οὐπο” (= ainda não), com o objetivo de aliviar a aparente inconsistência da passagem (vv. 8 e 10). Contudo, os melhores e mais fiéis documentos do Novo Testamento Grego (NTG) respaldam a leitura sem “οὐπο”.

Subi vós para a festa. Eu não subo para a festa, pois meu tempo ainda não tem sido cumprido.

Esquerda: Em Jo 17.15, o original registra: “Não rogo que os guardes do mundo, e sim que os guardes do maligno”, mas algumas cópias manuscritas registram: “Não rogo que os guardes do maligno” por um erro do copista por parablepse (i.e. por confusão visual, lit. “olhar para o lado”).



Romanos 8.1

A ARC registra:

Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.

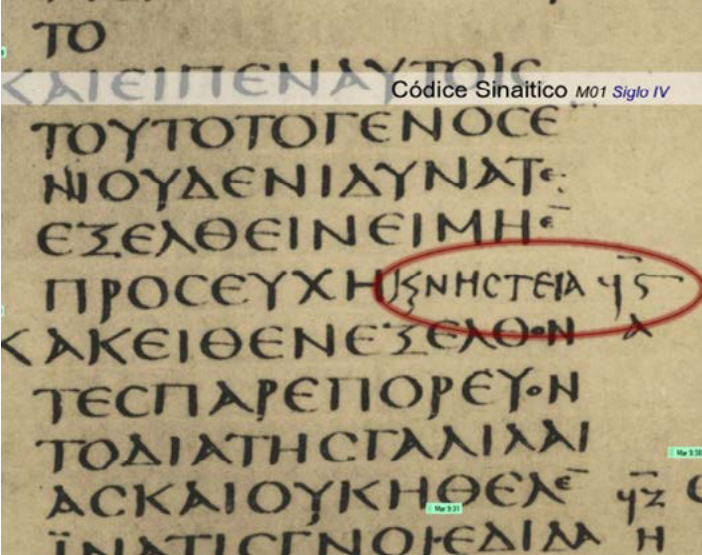
No final do v. 1, os manuscritos utilizados para compilar o *Textus Receptus* introduzem a expressão do v. 4 em duas etapas: “que não andam segundo a carne”, e a mesma cláusula seguida por “mas segundo o espírito”. A leitura mais curta, que torna a declaração muito mais apropriada sem a qualificação unicamente aplicável ao v. 4, está fortemente respaldada por antigos representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental. Do ponto de vista das considerações internas, esta errônea inserção desvirtua o propósito doutrinário da epístola ao trasladar uma cláusula *conclusiva* (v. 4) e convertê-la em uma *condicional* (v.1).

Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em CRISTO JESUS,

Causas deliberadas

Outras divergências textuais surgiram de tentativas deliberadas de suavizar formas gramaticais grosseiras ou de eliminar partes real ou aparentemente obscuras no significado da passagem.

Algumas vezes, o copista substituiu ou acrescia o que lhe parecia ser uma palavra ou forma mais apropriada, talvez derivada de uma passagem paralela (harmonização de leituras semelhantes). Desta maneira, durante os primeiros séculos que se seguiram à formação do Cânon do Novo Testamento, surgiram centenas – e até milhares – das chamadas *variantes textuais*.



Note o acréscimo (grafia diferente) “e jejum” ao texto grego de Marcos 9.29. O texto original de Marcos termina com “senão com oração”, pelo que as palavras “e jejum” são secundárias e não originais. À luz da crescente ênfase da igreja primitiva no jejum, é perfeitamente compreensível que a nota “e jejum” encontrasse caminho aberto na maioria dos manuscritos. Entre os que resistiram ao acréscimo estão importantes representantes dos tipos de texto alexandrino, ocidental e cesareense. A leitura mais curta é firme no Códice Sinaítico e no Códice Vaticano.

1 Tessalonicenses 4.1

A ARC registra:

Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradar a Deus, assim andai, para que continueis a progredir cada vez mais.

No demais, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor JESUS, que da maneira que aprendestes de nós como deveis viver e agradar a DEUS (como certamente viveis), assim abundeis mais e mais..

A frase “como em verdade vos conduzis” não está presente no *Textus Receptus*, tendo sido omitida acidental (por confusão visual) ou deliberadamente (por parecer supérflua ou repetida). O testemunho externo que respalda essa frase é firme nos documentos mais antigos do Novo Pacto. Da mesma forma, as considerações internas favorecem a presença da frase “continueis a progredir cada vez mais” e pressupõe a menção anterior dos tessalonicenses quando começaram sua vida cristã.



Alterações dos soferim

As *Tiqqney Soferim* (alterações dos escribas) são alterações feitas na antiguidade pelos escribas do Texto Hebraico. A Massorá (explicação marginal do Texto Massorético) registra especificamente cada uma das palavras antes de serem corrigidas.

Diferentes fontes históricas apresentam três listas cujo número varia entre oito, onze e dezoito correções. Em determinadas partes da Massorá se acham advertências que dizem: *Esta é uma das dezoito (Tiqqney Soferim) alterações dos escribas*. Contudo, como se pode comprovar, as alterações são mais de dezoito, pois mesmo quando não constam da lista oficial, os estudos de crítica textual mostram passagens igualmente alteradas.

Essas alterações foram feitas em uma época anterior à era cristã, não devendo ser consideradas como *variantes textuais*, visto que se adverte que são *mudanças deliberadas* e que a palavra original está preservada na margem. A maior parte dessas alterações foram feitas mudando-se uma só letra, em aparente simplicidade.

A análise dessas passagens mostra que o propósito dessas alterações provinha de um profundo senso de reverência dos escribas, que os levou a eliminar certos antropomorfismos supostamente ofensivos a Deus. Eles julgaram que tais vocábulos não deveriam estar nos lábios do leitor, desde que o texto original fosse preservado na margem. No entanto, as edições impressas da Bíblia Hebraica apresentam o texto sem as notas massoréticas, e assim as versões omitem essas modificações em detrimento do texto. De qualquer forma, essas alterações, expressamente reconhecidas por seus autores, são uma clara intromissão no texto hebraico.

Ezequiel 8.17

A ARC registra:

Então, me disse: Viste, filho do homem? há coisa mais leviana para a casa de Judá do que essas abominações, que fazem aqui? Havendo enchido a terra de violência, tornam a irritar-me; e ei-los a chegar o ramo ao seu nariz.

E me disse: Viste, filho de homem? Parece-lhe pouco à casa de Judá cometer as abominações que cometem aqui? Porque depois de encher o país de violência, eis que põem o ramo ante minhas narinas!

No texto hebraico modificado se lê: *"põem o ramo em suas narinas"*. Com essa modificação, os soferim pretendiam dissimular o pecado de Judá, já que esta rama era nada mais, nada menos do que uma *estaca votiva* em forma de pênis, cortada das árvores onde se prestava culto a Astarote. Esse culto obsceno havia sido introduzido na Casa de Deus e em seus átrios e, por antropomorfismo, o pecado de que aqui se fala consistia em que, ao introduzi-lo na Casa de Deus, eles estavam colocando esse ramo (Astarote) nas próprias narinas do Deus de Israel.

Jó 32.3

O Texto Massorético registra:

Também se irritou contra seus três amigos, pois ao não acharem resposta, haviam deixado a Jó como culpado.

Nessa alteração, os soferim modificaram o registro do texto primitivo, que dizia: *"havam deixado a Elohim como culpado"*, pelo que se lê atualmente no Texto Massorético: *"havam deixado a Jó como culpado"*. Essa modificação nos obriga a reformular 42.7 da seguinte forma: *"pois, como meu servo Jó, não falastes o correto de Mim"*.

Também se irritou contra seus três amigos, pois ao não acharem resposta, haviam deixado a Elohim como culpado.

Depois que Adonai falou estas palavras a Jó, aconteceu que Adonai disse a Elifaz, temanita: Minha ira se tem acendido contra ti e contra teus dois amigos, pois como meu servo Jó, não falastes o correto de Mim..

Jó 42.7

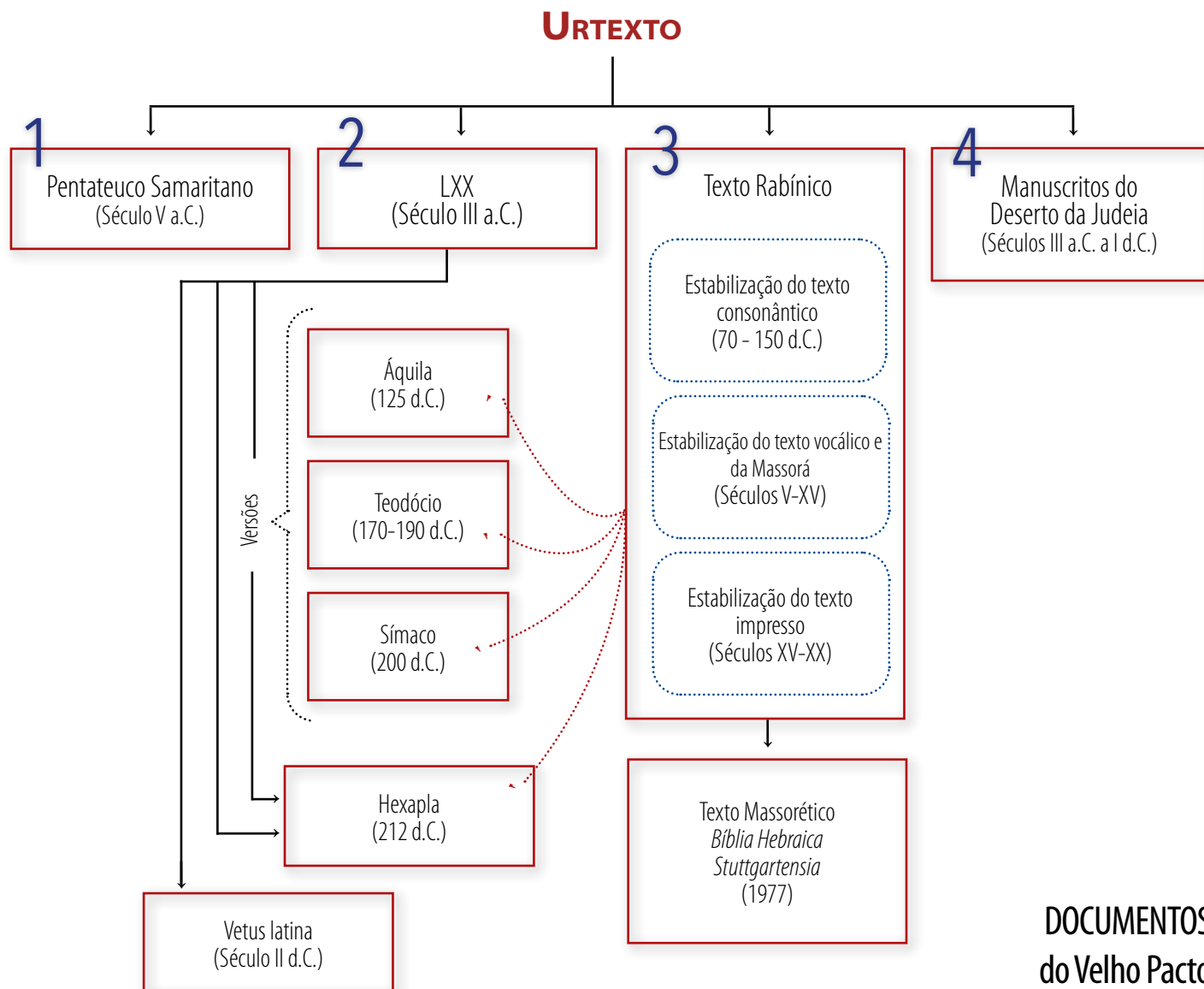
Transmissão e corrupção textual

A história do texto bíblico em seus diversos períodos sempre foi a história das sucessivas tentativas de **unificar o múltiplo**, e não de **multiplicar o único**.

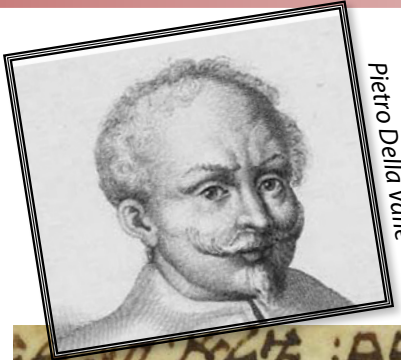
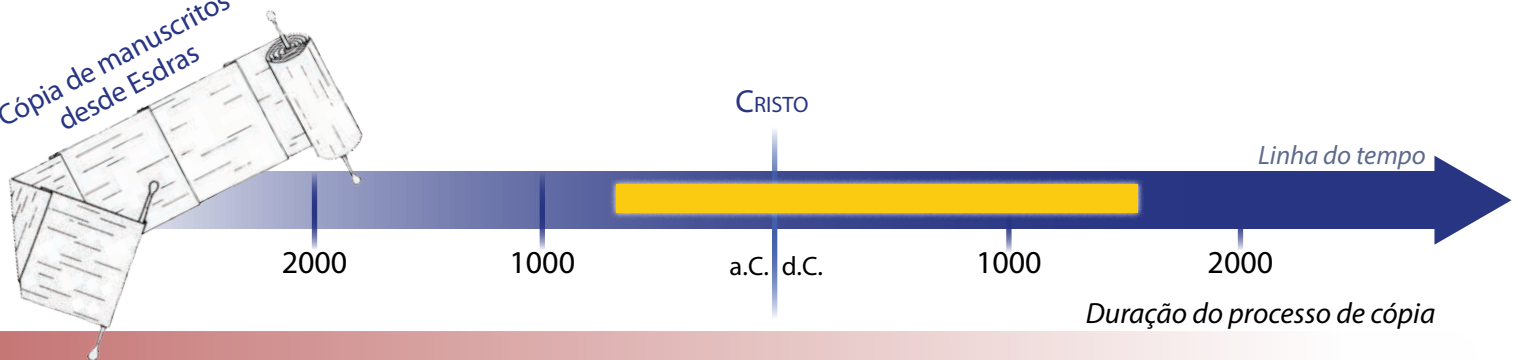
Velho Pacto

Na antiguidade, o texto bíblico circulou em diferentes formas, muitas das quais hoje conhecemos e entendemos graças ao descobrimento dos Manuscritos do Mar Morto nas últimas décadas. Agora podemos afirmar que, nos últimos séculos pré-cristãos, utilizava-se uma variedade de formas de texto na Palestina.

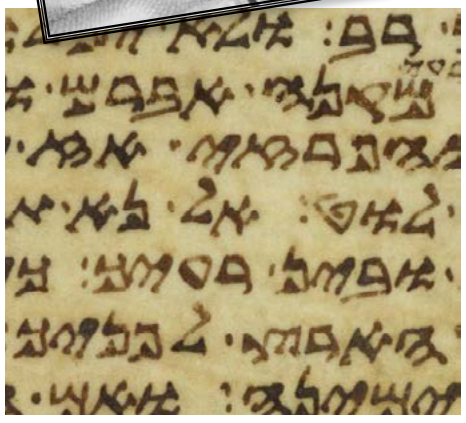
Embora todos partam de um único texto, o *Urtexto* dos tempos de Esdras, todos eles apresentam diferentes características e enfoques do texto bíblico, e entre eles também encontramos diferentes agrupamentos. Segundo os mais estudiosos, os termos “recensões” e “tipos de texto”, que se usam com tanta frequência na erudição bíblica, não são aplicáveis a esses grupos. Assim, a partir do *Urtexto* foram feitas cópias, cópias de cópias e mais cópias, dando lugar a diferentes grupos de documentos:



Cópia de manuscritos desde Esdras



Pietro Della Valle



Grafia do Pentateuco Samaritano

Pentateuco Samaritano. Transcrito igualmente em paleo-hebraico consonântico. É possível que, ao ser expulso por Neemias (Ne 13.4-9; Ed 4.1-4), Tobias, o amonita, tenha obtido uma cópia da Torá a fim de estabelecer a ordem do culto em Samaria. O Pentateuco Samaritano é a base da Escritura Sagrada para os samaritanos de hoje em Israel, sendo basicamente uma cópia do Pentateuco com uma série de variantes introduzidas a fim de respaldar as formas do culto rival que surgiu na divisão do reino nos tempos de Jeroboão.

As opiniões sobre a origem da comunidade variam. Os próprios samaritanos acreditam que sua origem remonta à época de Eli (século XI a.C.), quando os “judeus” se retiraram de Siquém a fim de estabelecer um novo culto em Siló, que logo foi levado para Jerusalém. Segundo eles, foram os judeus que se separaram dos samaritanos, e não o contrário. Temos um ponto de vista diferente em 2Reis 17.24-34, de acordo com a tradição em fontes judaicas. Segundo essa passagem bíblica, os samaritanos não eram originalmente judeus, e sim pagãos trazidos a Samaria pelos assírios após sua queda no século VIII a.C.

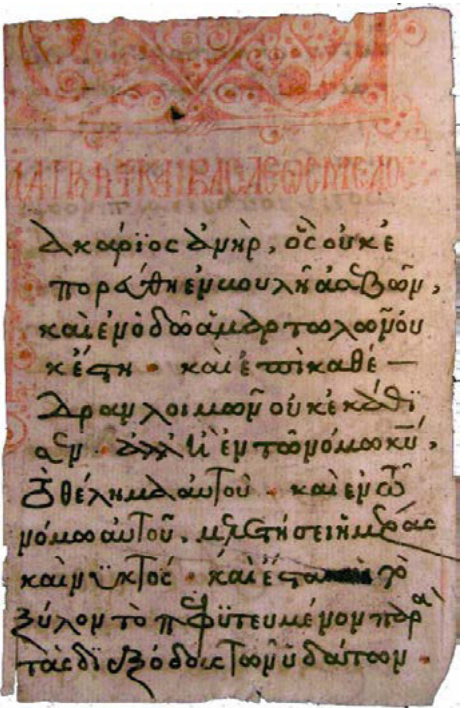
No ano de 1616, Pietro della Valle foi a Damasco com uma cópia do Pentateuco Samaritano, apresentada ao Ocidente por meio das Políglotas de Paris e de Londres.

• **Septuaginta.** O segundo grupo de documentos resultou na tradução grega denominada Septuaginta Alexandrina (LXXA), que é a primeira tradução da Bíblia. Seu nome designa propriamente a tradução da Torá hebraica para o grego, levada a cabo em Alexandria durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.). A tradução dos demais livros foi feita em um processo que durou cerca de quatro séculos, ou seja, até o século I d.C. Sua necessidade se justificava pelo considerável número de judeus de fala grega (helenistas) que residiam no Egito, governados pela favorável dinastia ptolemaica.

Pela primeira vez, a sabedoria de Israel, condensada ao longo de séculos na Bíblia Hebraica, passava de uma língua semítica para uma língua indoeuropeia e, conseqüentemente, para o mundo ocidental. Ao ser adotada posteriormente como Bíblia oficial dos cristãos, esta versão acompanhou a expansão do cristianismo, tanto no Oriente como no Ocidente, influenciando a cultura de mil maneiras. Somente a partir do século V d.C. é que essa versão foi destituída no Ocidente pela nova versão de Jerônimo em latim, a *Vulgata*.

Foi preciso esperar até o século XX para que a Septuaginta novamente recuperasse o protagonismo. Hoje proliferam estudos e traduções deste texto fundamental, compartilhado pelo judaísmo helenístico e pelo cristianismo nascente.

A princípio, o nome Septuaginta (LXX, ou “os Setenta”) designava o número de tradutores do Pentateuco (70-72), seis de cada tribo.



Septuaginta – Salmo 1



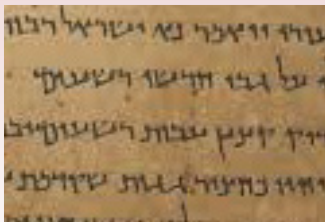
Judeus discutindo acerca das Escrituras



• **Texto Rabínico.** Tal como chegou até nós, o texto tradicional do Velho Pacto é conhecido como Texto Massorético (TM). Este nome provém da palavra hebraica *masorah* (= *tradição*). A história de sua proeminência pode ser sintetizada da seguinte forma:

Estado de fluidez textual

antes de 70 d.C.



Junto à linha de transmissão textual que chega até nós através dos massoretas medievais (caligrafia quadrada aramaica), reaparecem agora, graças aos achados dos Manuscritos do Deserto da Judeia, outras linhas de tradução textual que foram apagadas no final do século I d.C. e começo do século seguinte. Destas linhas só se haviam conservado reflexos na Septuaginta, no Pentateuco Samaritano, em algumas citações dos escritos apócrifos e no Novo Pacto.

Estabilização do texto consonântico

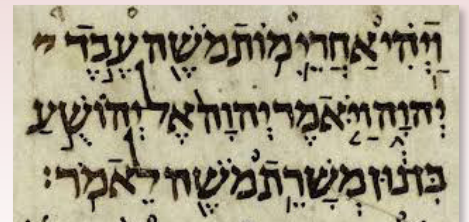
70-150 d.C.



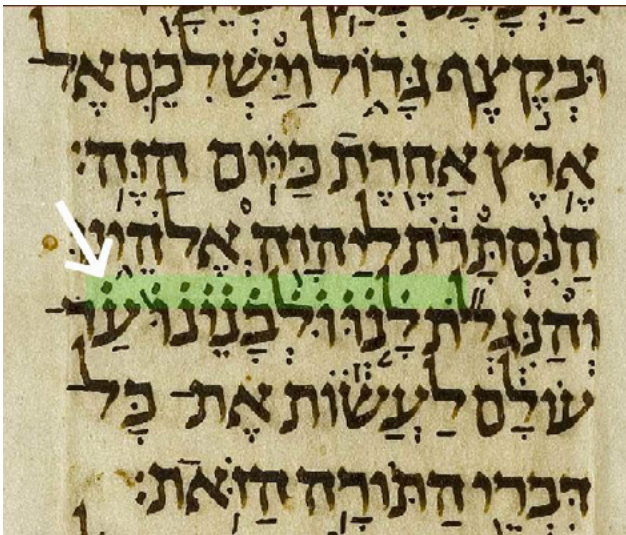
Essa etapa contempla a progressiva estabilização do texto consonântico (quadrado aramaico), obtida através de uma prévia depuração dos numerosos textos que se achavam em circulação na época pré-cristã. Após a devastação do ano 70 d.C., em que os romanos reconquistaram Jerusalém, muitos manuscritos hebraicos foram *destruídos* ou *desapareceram*. Desde então e por causa de sua *desaprovação* do Cristianismo, os fariseus uniram forças para recompilar um tipo de texto único e, assegurando-se de que todos os manuscritos existentes concordassem em sua redação, começaram a *eliminar* todo tipo de *texto divergente*. Durante os anos que se seguiram à destruição do Segundo Templo até o *Concílio de Jâmnia* no ano 100 d.C., os escribas dos fariseus *refizeram* um tipo de texto hebraico *unificado*, conhecido como *Texto Rabínico*.

Estabilização do texto vocálico e da Massorá

Séculos V-XV

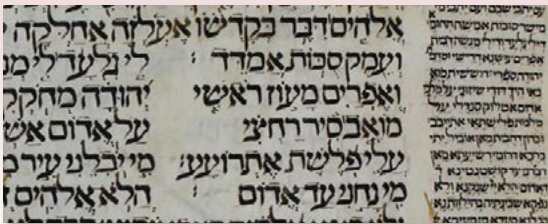


Até o início da Idade Média, o texto bíblico era transmitido unicamente em caracteres consonânticos, *sem* nenhuma anotação vocálica. Então, os massoretas começaram a aplicar um sistema de vogais e acentos inventado por eles, com o objetivo de *fixar* seu conteúdo. Conseguiu-se estabilizar o texto vocálico partindo de tradições como a Massorá (*letras suspensas, sebirin, ketib-qere, pontos extraordinários*) e diversos sistemas de pontuação, como o babilônico, o palestino e o tiberiense. Este último foi desenvolvido pela família Ben Asher em Tiberíades (780-980 d.C.) onde, no ano de 1008, este sistema de pontuação conseguiu impor seus critérios editoriais (Códices de Aleppo, Leníngrado e Cairo), sendo utilizado nas edições atuais da Bíblia Hebraica.



Deuteronomio 29.29: Pontos extraordinários (puncta extraordinaria) estão relacionados com o procedimento de destacar certas palavras do texto com pontos (em cima ou embaixo).

Estabilização do texto impresso Séculos XV-XX

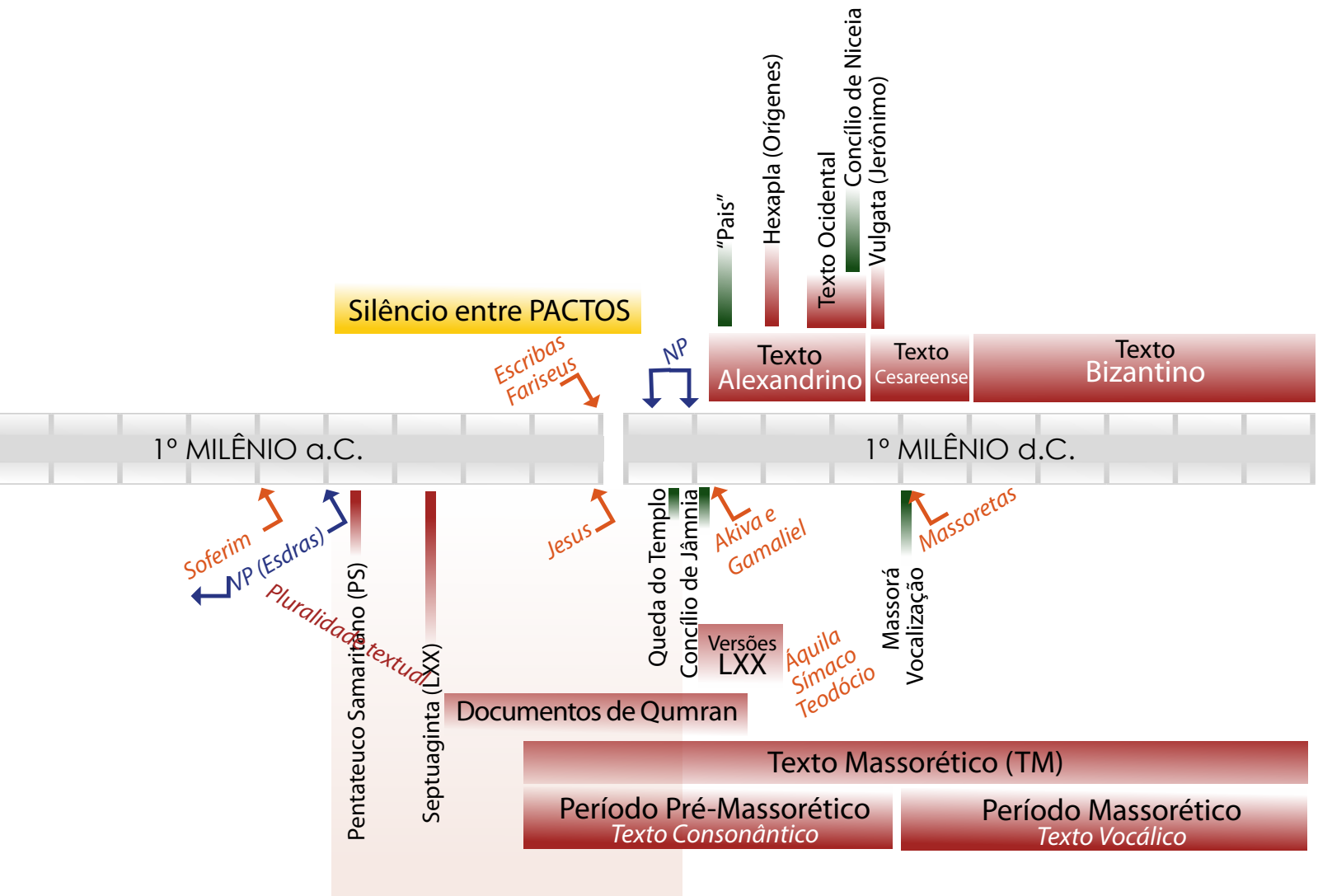


A história da Bíblia impressa é a história da estabilização progressiva do texto impresso a partir de três recensões (a edição de Soncino [1494], a Bíblia Poliglota Complutense [1514-1517] e a 2ª Bíblia Rabínica de Jacob ben Hayyim [1524-1525]), editadas no período renascentista no que diz respeito às consoantes e vogais do texto hebraico, bem como aos acentos e anotações massoréticas. Essas três recensões foram impressas e a partir delas foram feitas as edições políglotas de Antuérpia, Paris e Londres, bem como a edição de Ginsburg (1908 e 1926) e a Bíblia Hebraica de Kittel (baseada na 2ª Bíblia Rabínica de Jacob ben Hayyim em suas duas edições de 1906 e 1912). Posteriormente foram feitas impressões da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1977), reproduzindo o texto do Códice de Leningrado (1008 d.C.) e da Bíblia Hebraica Quinta (parcialmente publicada desde 2004).



Segunda Bíblia Rabínica de Jacob ben Hayyim (1524-1525). Considerada a "textus receptus" ou a edição Vulgata autorizada da Bíblia Hebraica. A Bíblia Rabínica (Bíblia com comentários) surgiu da necessidade de ler a interpretação do texto sem ter de recorrer a outro códice. A disposição da página, com textos em paralelo, é inspirada no modelo da Vulgata latina acompanhada do comentário (chamado Postilla) de Nicolau de Lira.





Maimônides
(1138-1204) Moisés ben Maimon, mais conhecido como Maimônides, foi um judeu sefardita considerado um dos maiores estudiosos da Torá na época medieval. Era médico, filósofo, astrônomo e rabino em Al-Andalus, Marrocos e Egito. Escreveu sobre lei e ética durante toda a vida. A Mishné Torá, que reúne a tradição oral, o considera um referencial em autoridade canônica e leis judaicas. De forma póstuma, Maimônides foi reconhecido na escola talmúdica como um dos filósofos rabínicos mais relevantes da história judaica.



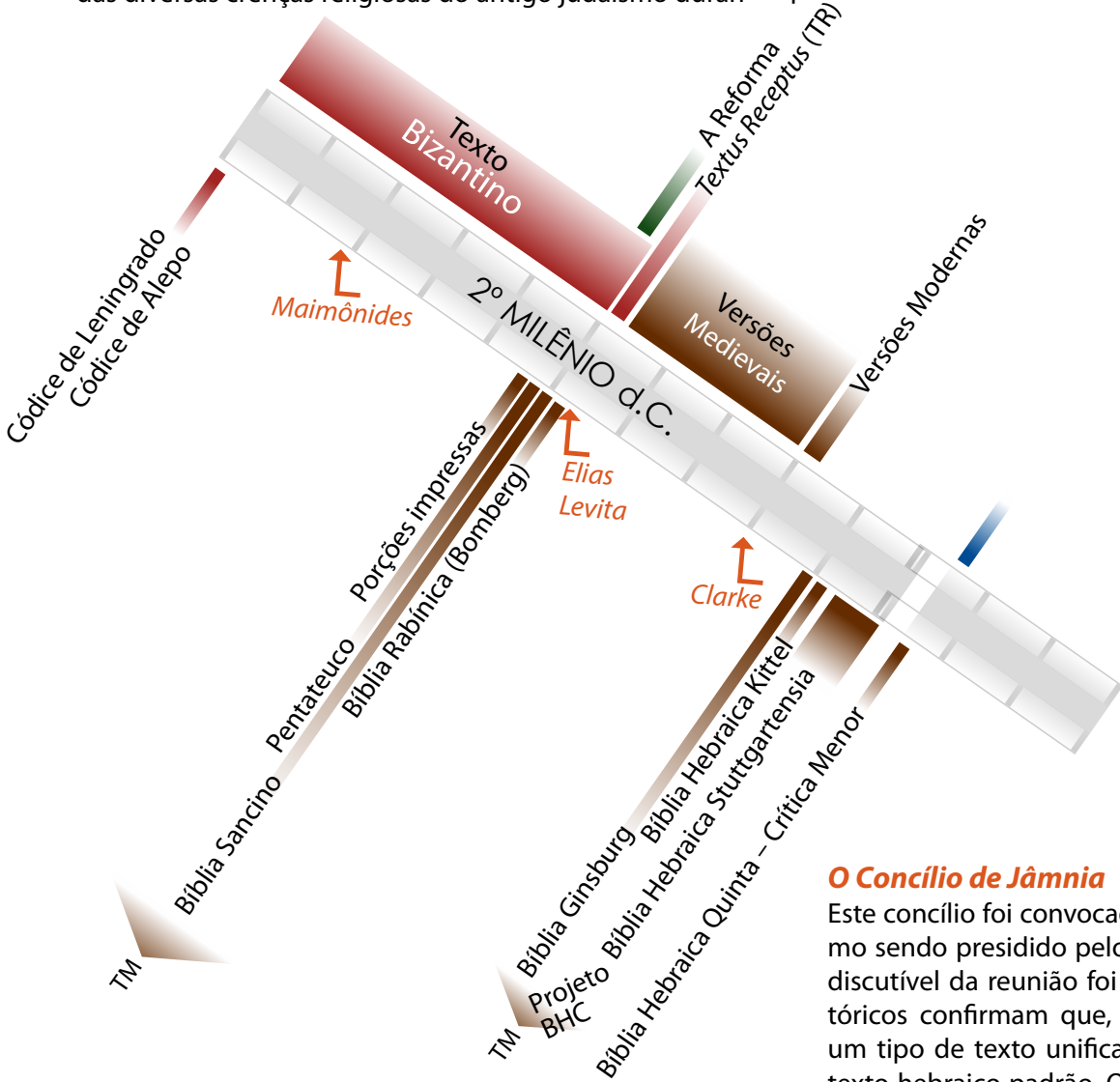
Adam Clarke
(1760? - 1832) Pregador e tradutor bíblico irlandês, Adam Clarke foi um diligente estudioso do hebraico e de outras línguas orientais, criticando o sistema vocálico e de acentuação implementado pelos massoretas. Seus trabalhos de comparação entre manuscritos por mais de 40 anos o levaram a concluir que tal sistema era um comentário contínuo inserido no texto hebraico, conferindo a cada palavra em que os sinais eram postos um significado particular, o qual, em vários casos, não seria sugerido de maneira nenhuma caso as palavras se mantivessem em seu estado simples.

Manuscritos do Deserto da Judeia. O descobrimento dos primeiros rolos do Mar Morto em uma caverna remota do deserto da Judeia em 1947 é amplamente considerado o maior evento arqueológico do século XX. Esses achados provêm uma informação crucial para a restauração do texto hebraico.

Arqueólogos e caçadores de tesouros beduínos finalmente encontraram restos de centenas de pergaminhos antigos. Esses frágeis pedaços de pergaminho e papiro, entre os quais se encontram as cópias mais antigas da Bíblia hebraica, foram conservados durante dois mil anos graças ao clima quente e seco do deserto e à escuridão das cavernas onde foram colocados. Os rolos proporcionam uma imagem sem precedentes da vida cotidiana e das diversas crenças religiosas do antigo judaísmo duran-

te o turbulento período do Segundo Templo, período em que o Senhor Jesus viveu e pregou.

Nas cavernas de Qumran foram encontrados fragmentos de todos os livros da Bíblia hebraica, exceto do Livro de Ester. Algumas dessas cópias antigas são idênticas ao texto tradicional da Bíblia hebraica que se usa hoje. Surpreendentemente, outras cópias estão de acordo com a LXX e devem ser consideradas representantes de um tipo de texto hebraico que circulava na época do Senhor Jesus e seus apóstolos. Esses achados evidenciam que as passagens do Antigo Testamento (Velho Pacto) citadas pelos escritores do Novo Testamento não se referem à LXX, e sim à mesma base textual hebraica que serviu para traduzi-la.



Rabino Akiva
(50-135 d.C.) Considerado o pai do Judaísmo Rabínico, em seus últimos anos Akiva apoiou abertamente a rebelião de Simão Bar Kokhba contra o Império Romano, dando-lhe suporte com sua riqueza pessoal e respaldando suas aspirações messiânicas.

O Concílio de Jâmnia

Este concílio foi convocado por volta de 100 d.C. Mesmo sendo presidido pelo rabino ben Zakai, o líder indiscutível da reunião foi o rabino Akiva. Os anais históricos confirmam que, no final do primeiro século, um tipo de texto unificado subitamente se tornou o texto hebraico padrão. O fato de que nenhuma cópia discordante sobreviveu (exceto os rolos do Mar Morto,

escondidos no momento da convocação) indica claramente quão drásticas foram as medidas adotadas pelos membros do Concílio em relação aos textos divergentes, rejeitando categoricamente o tipo de texto que serviu de base para traduzir a LXX, visto que ela se tornou a Bíblia dos cristãos. Esse repúdio se tornou realidade ao se produzir uma versão rival, a qual não era outra senão o texto hebraico consonântico formulado pelo farisaísmo, conhecido como Texto Rabínico, em oposição ao texto utilizado por Jesus, seus discípulos e a Igreja Primitiva. Com o passar dos séculos, o Texto Rabínico veio a se tornar o famoso e prestigioso Texto Massorético, o qual, com pequenas variações, conseguiu se tornar o texto hebraico normativo que serviu de base para todas as traduções vernáculas do Velho Pacto do final do século IV até hoje.

MANUSCRITOS DO DESERTO DA JUDEIA

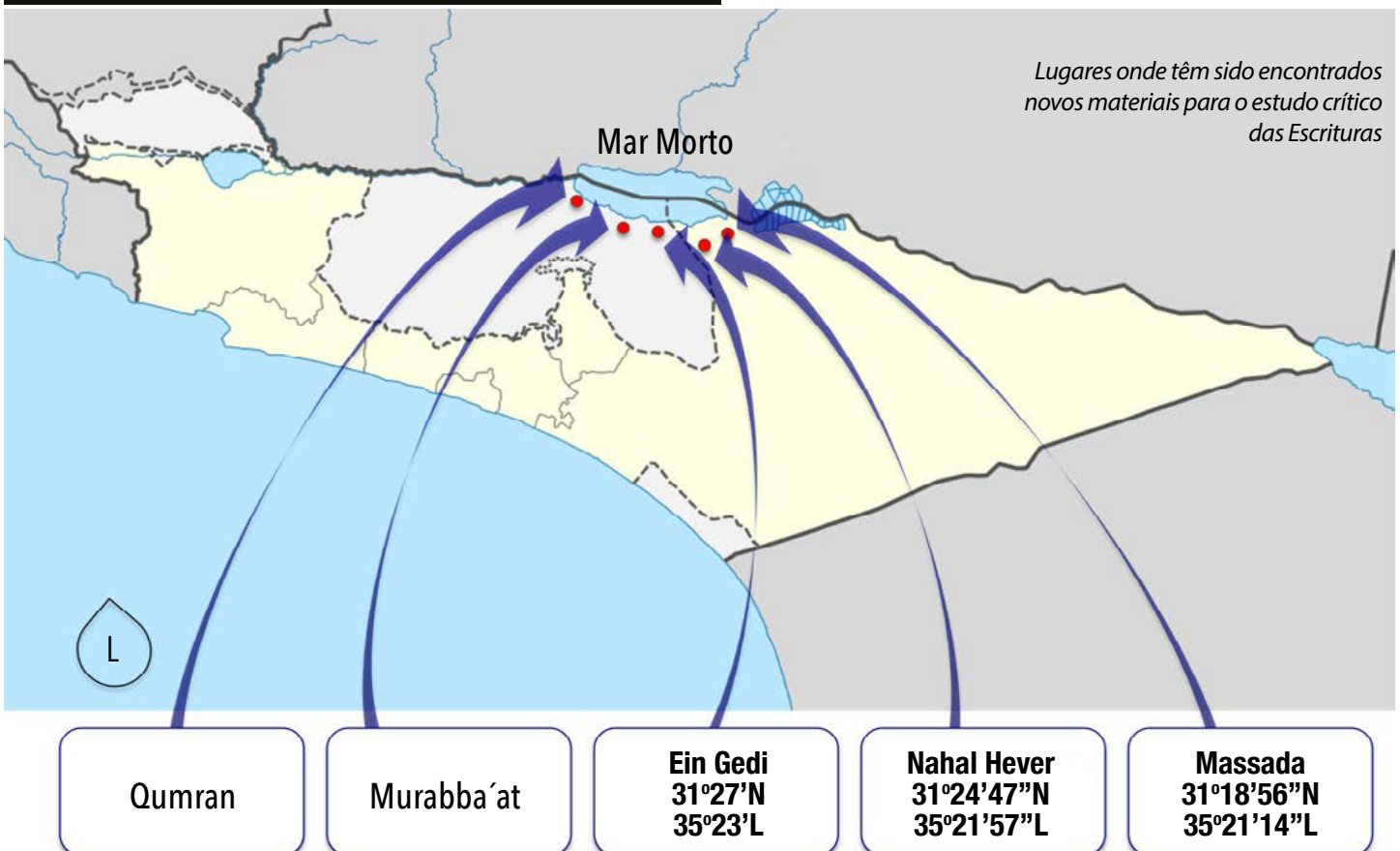
Contribuições

Antes do descobrimento dos manuscritos bíblicos de Qumran, era possível pensar que a transmissão do texto bíblico fora feita seguindo uma linha única e reta, partindo dos manuscritos dos autores bíblicos e chegando até os manuscritos hebraicos medievais e até nossas edições impressas. Contudo, os achados evidenciaram que a história da transmissão do texto bíblico no período helenístico é muito variada e complexa.

Embora a investigação e o estudo permaneçam inconclusivos atualmente, podemos resumir as contribuições dessas maravilhosas descobertas da seguinte maneira:

- Confirmação da tradição massorética.
- Pluralismo textual nos séculos anteriores à mudança de era.
- Revalorização do testemunho de outras fontes (Septuaginta e Pentateuco Samaritano).

Vista a partir de uma das cavernas de Qumran



Outras Versões Gregas. Papiros dos séculos II e I a.C. apresentam marcas de que a tradução da LXX foi revisada para adaptá-la ao texto hebraico em curso. O Concílio de Jâmnia produziu um tipo de texto "único", assegurando-se de que todos os textos *divergentes* fossem *destruídos*. Essa "padronização" do Texto Rabínico deu lugar às versões gregas de Áquila, Teodócio e Símaco. Vale mencionar que Áquila foi um discípulo fiel do rabino Akiva (que é considerado *pai* do Judaísmo Rabínico e apoiou a rebelião e as aspirações messiânicas de Simão Bar Kokhba), produzindo assim sua nova versão em grego para os judeus da diáspora seguindo fielmente o Texto Rabínico. Isso confirma a influência de Akiva na formação do novo texto.

A Hexapla. O ato seguinte do drama ocorreu em 200 d.C., quando Orígenes compôs sua famosa *Hexapla*. Essa versão incluiu as três versões gregas em paralelo, junto com o Texto Rabínico em hebraico e em grego, e por fim a LXX (revisada pelo próprio Orígenes). Leve-se em conta que, exceto pela LXX, as outras cinco versões da Hexapla eram meras variações do texto "unificado" no Concílio de Jâmnia. Ao que parece, os esforços de Orígenes não estavam direcionados à recuperação da forma original da base hebraica da LXX, e sim a "harmonizá-la" com o texto hebraico dominante. Assim, com surpreendente liberdade, Orígenes alterou o texto da LXX, e este grave feito afetou particularmente todas as outras versões do Velho Pacto que, dali em diante, passaram a ser meras transcrições servis do Texto Rabínico. Só em 617 foi que Paulus de Tella trouxe à tona as alterações de Orígenes.

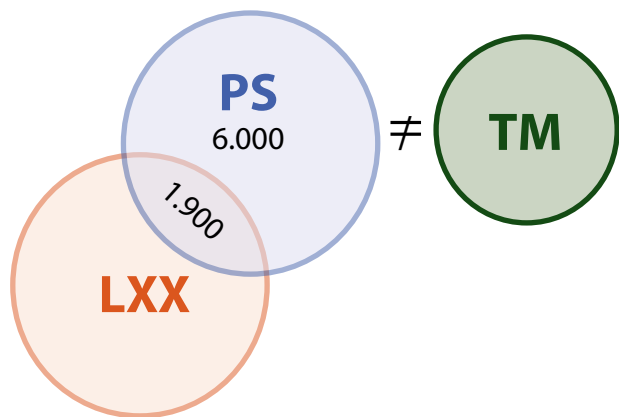


Palimpsesto da Hexapla



Orígenes

Sociedad Bíblica Textual



O Pentateuco Samaritano (PS) apresenta pelo menos 6.000 diferenças em relação ao Texto Massorético (TM), das quais 1.900 estão respaldadas pela Septuaginta (LXX).

KETIB-QERE

Anotação massorética

As anotações massoréticas são de caráter muito variado, geralmente são letras ou palavras que poderiam gerar mal-entendidos. Um desses tipos de anotações é o *Ketib-Qere*. Trata-se de uma *nota marginal com o objetivo de destacar o que está escrito (Ketib)* no texto, comparado *ao que se deve ler (Qere)*.

Os eruditos consideravam que se tratava de um sistema para conservar variantes de manuscritos muito antigos ou para, de certa forma, corrigir palavras ou expressões incorretas, difíceis ou pouco utilizadas. No TM há mais de 1.500 notas marginais desse tipo.

Os *Ketib-Qere* indicam que uma certa palavra não deve ser pronunciada como aparece escrita no texto (*Ketib*), e sim conforme transmitida pela tradição oral (*Qere*). Em outras ocasiões, essas anotações destacam casos em que se deve ler uma palavra que não aparece escrita no texto. Também ocorre o contrário: o que aparece escrito não deve ser lido, e por isso deixa-se de escrever as vogais. Os *Ketib-Qere* também são utilizados para destacar *uma palavra escrita como um único termo a ser lido como se fossem duas palavras separadas*, ou o contrário.

Alguns eruditos consideram que a tradição não se originou nos escritos, e sim na *tradição da leitura*. O fato de *nunca se encontrar mais de uma palavra Qere* nos manuscritos aponta para uma *tradição de leitura* que está, naturalmente, limitada a uma palavra.

EXEMPLOS DE KETIB-QERE

REFERÊNCIA	KETIB	QERE
Rute 2.1	<i>conhecido</i>	<i>parente</i>
1 Samuel 14.32	<i>fazer</i>	<i>arrojar-se</i>
Salmo 71.20	<i>me... dar-me</i>	<i>nos... dar-nos</i>

LIVROS DAS BÍBLIAS HEBRAICA E GREGA

Texto Massorético	Septuaginta
TORÁ (LEI)	PENTATEUCO
Gênesis	Gênesis
Êxodo	Êxodo
Levítico	Levítico
Números	Números
Deuteronômio	Deuteronômio
NEVIIM (PROFETAS)	LIVROS HISTÓRICOS
<i>Profetas anteriores</i>	Josué
Josué	Juizes
Juizes	1 e 2 Reis
1 e 2 Samuel	3 e 4 Reis
1 e 2 Reis	1 e 2 Esdras [+ os 3 servos do rei Dario]
<i>Profetas posteriores</i>	Ester [+ suplementos de Ester]
Isaías	[Judite]
Jeremias	[Tobias]
Ezequiel	[1, 2, 3 e 4 Macabeus]
<i>Doze profetas</i>	LIVROS POÉTICOS E DE SABEDORIA
Oseias	Salmos [+ salmo 151 + Odes]
Joel	Provérbios
Amós	Eclesiastes
Obadias	Cântico dos Cânticos
Jonas	Jó
Miqueias	[Sabedoria de Salomão]
Naum	[Ben Sirá (Eclesiástico)]
Habacuque	[Salmos de Salomão]
Sofonias	LIVROS PROFÉTICOS, DOZE PROFETAS
Ageu	Oseias
Zacarias	Amós
Malaquias	Miqueias
KETUVIM (ESCRITOS)	Joel
Salmos	Obadias
Jó	Jonas
Provérbios	Naum
Rute	Habacuque
Cântico dos Cânticos	Sofonias
Eclesiastes	Ageu
Lamentações	Zacarias
Ester	Malaquias
Daniel	Isaías
Esdras	Jeremias
Neemias	[Baruc]
1 e 2 Crônicas	Lamentações
	[Carta de Jeremias]
	Ezequiel
	[Susana]
	Daniel
	[Bel e o Dragão]

Os livros em azul e entre colchetes são os chamados apócrifos (pelos protestantes) ou deutero-canônicos (pelos católicos romanos).

BÍBLIA TEXTUAL

Antes de traduzir palavras e frases da Escritura, o intérprete há de se interessar por um problema precedente: Qual é o texto original da passagem bíblica? Que tal pergunta deve ser feita... e respondida! Surge por dois fatos: 1 – Nenhum dos manuscritos originais das Escrituras existe na atualidade; 2 – As cópias existentes diferem umas das outras.

Ao ser escritos em frágil papiro, os originais logo foram destruídos ou perdidos, e cópias manuscritas existentes exibem entre si múltiplas diferenças, chamadas variantes textuais. Desde Jó, seu livro mais antigo (1500 a.C.), até o Apocalipse (90 d.C.), os livros foram escritos em hebraico, aramaico e grego em um período de quase dois milênios.

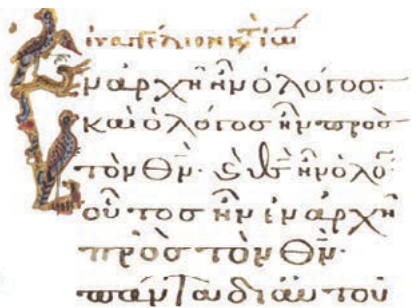
Eles foram realizados em três continentes: Ásia (Menor), África e Europa, por não menos que 40 autores de diferentes categorias sociais, ofícios e profissões. A maioria não se conheceu entre si, ainda que falaram sobre temas de extraordinária similitude, principalmente acerca das coisas por vir. Quando toda esta diversidade de personalidades, tempo e espaço coincidem de maneira tão exata no cumprimento de suas afirmações, as qualidades que se destacam da Escritura são sua maravilhosa unidade, autoridade e transcendência.



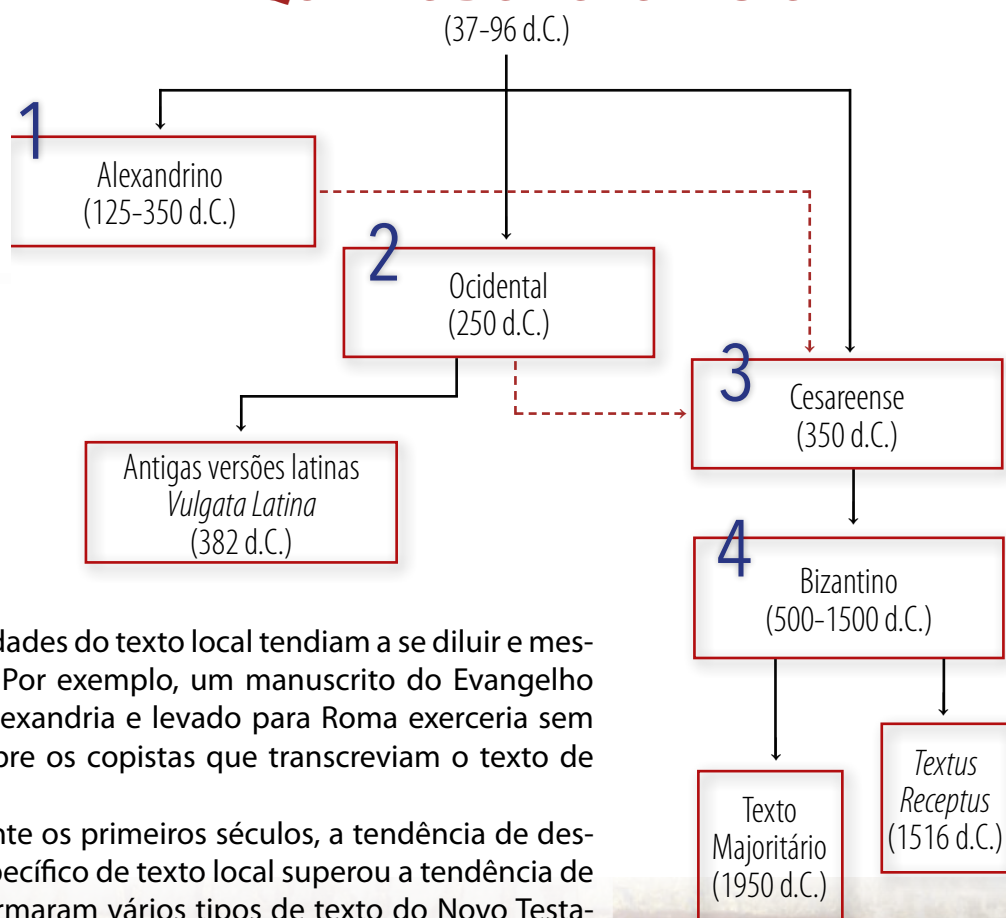
TIPOS de texto



Durante os primeiros anos de expansão da Igreja, desenvolveu-se o que hoje conhecemos como textos locais do Novo Testamento. Em cidades grandes (como Alexandria, Antioquia, Constantinopla, Cartago ou Roma) e próximo a elas, as novas congregações recebiam cópias das Escrituras da forma que era corrente na região. Ao se fazer cópias adicionais, o número de leituras especiais e interpretações era conservado e até certo ponto aumentado, de modo que começou a surgir um tipo de texto específico de cada local.



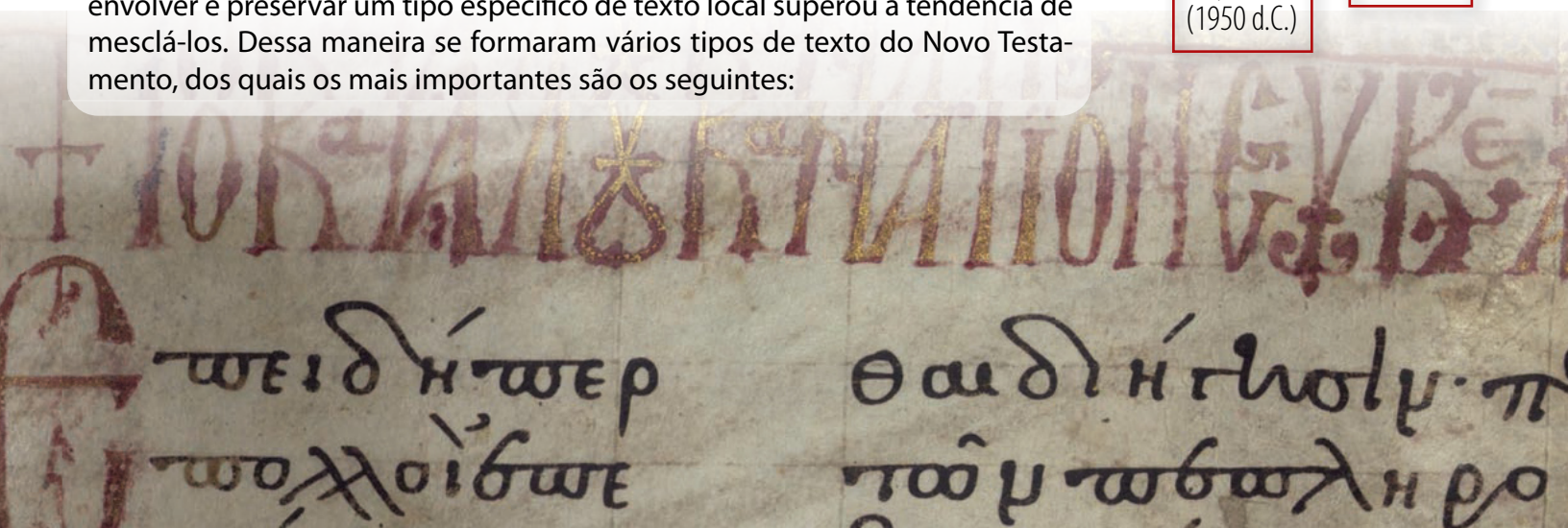
ARQUÉTIPO DO NOVO PACTO



Hoje é possível identificar o tipo de texto preservado nos manuscritos do Novo Pacto ao comparar suas características textuais com as referências das mesmas passagens nos escritos da patrologia cristã.

Ao mesmo tempo, as peculiaridades do texto local tendiam a se diluir e mesclar com outros tipos de texto. Por exemplo, um manuscrito do Evangelho segundo Marcos copiado em Alexandria e levado para Roma exerceria sem dúvida uma certa influência sobre os copistas que transcreviam o texto de Marcos corrente em Roma.

Em linhas gerais, porém, durante os primeiros séculos, a tendência de desenvolver e preservar um tipo específico de texto local superou a tendência de mesclá-los. Dessa maneira se formaram vários tipos de texto do Novo Testamento, dos quais os mais importantes são os seguintes:



CRISTO

Duração do processo de cópia manuscrita

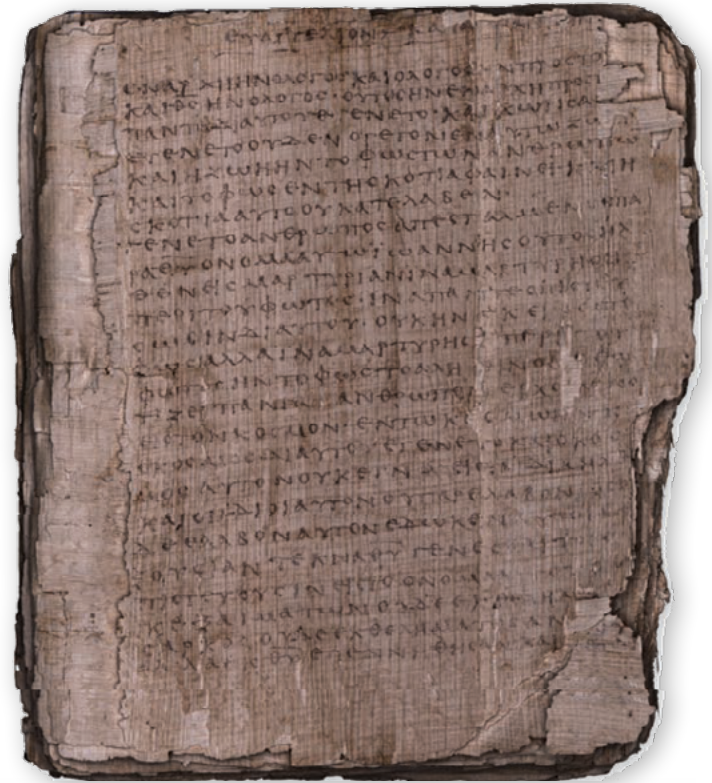
Linha do tempo



O texto Alexandrino

O tipo de texto alexandrino é considerado o melhor e mais fiel na preservação do Original. Suas características principais consistem em brevidade e rigor. Geralmente é um tipo de texto mais curto que os demais, não apresentando o grau de polidez gramatical e estilística que caracterizam o tipo de texto cesareense e mais ainda o bizantino.

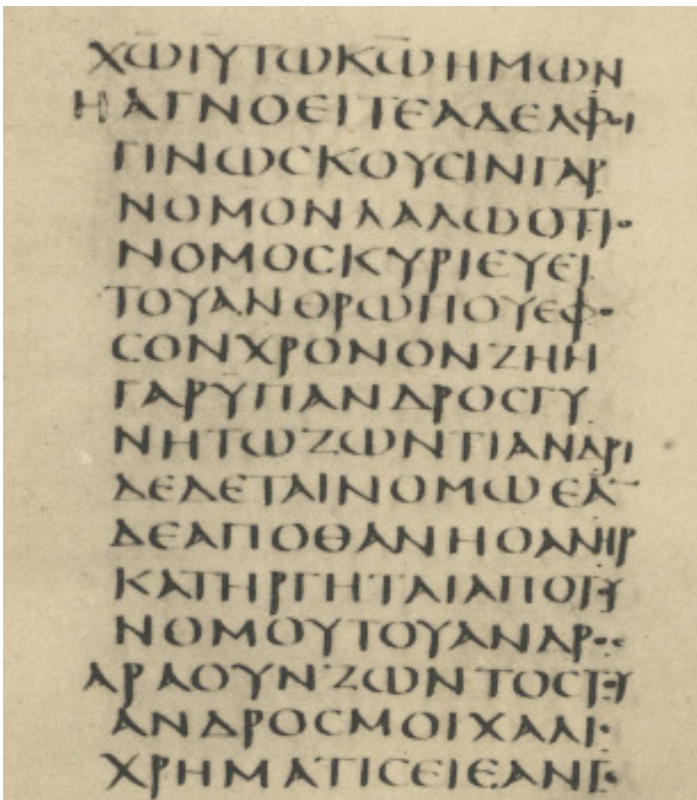
Até muito recentemente, os dois principais documentos com texto alexandrino eram o Códice Vaticano e o Códice Sináítico, manuscritos em pergaminho de 330 d.C. Não obstante, com a aquisição dos papiros Bodmer – especialmente os Papiros 66 e 75 (P⁶⁶ e P⁷⁵), ambos próximos do final do século II d.C. – agora há evidências de que o tipo de texto alexandrino pode ser remontado a um arquétipo localizado com todo rigor em 125 d.C.



O Papiro 66 (P⁶⁶, ou Bodmer II) é um dos manuscritos conhecidos mais antigos do Novo Testamento, com escrita concluída por volta de 200 d.C. É um códice quase completo do Evangelho segundo João, encontrado no Egito (em 1952, em Jabal Abu Mana, próximo de Dishna). Está guardado na Biblioteca de Coligny, em Genebra, na Suíça. Foi trazido a público em 1956 pelo professor Victor Martin.

Considerado um texto livre e classificado na categoria I (Alland), esse documento surpreende por seu nível de integridade e conservação. As primeiras 26 páginas estão quase totalmente intactas. Até se preservou a costura nas uniões. O manuscrito contém as seguintes seções do Evangelho de João: 1-6.11, 35b-14.26, 29, 30; 15.2-26; 16.2-4, 6-7, 10-20.20, 22-23, 25-21.9, 12, 17.

De acordo com outros papiros antigos remanescentes do Evangelho de João, com o P⁴⁵ (aparentemente), com o P⁷⁵ e com a maioria dos manuscritos unciais, o P⁶⁶ não inclui a passagem da mulher adúltera (7.53-8.11), o que demonstraria a ausência dessa passagem em todos os documentos antigos sobreviventes do Evangelho segundo João. O papiro contém 39 folhas – equivalente a 78 folhas, 156 páginas – com uma medida de 14,2 x 16,2 cm cada, com aproximadamente 15 linhas por página.



Códice Sináítico. Página do livro de Romanos.

O texto Ocidental

Esse texto era comum na Itália, Gália, Norte da África e Egito. Seu arquétipo também pode ser remontado ao século II d.C. Utilizado por Cipriano, Tertuliano, Irineu e Taciano, sua presença no Egito é demonstrada pelos papiros \mathcal{P}^{38} e \mathcal{P}^{48} (próximos de 300 d.C.).

Os manuscritos gregos mais importantes que representam o tipo de texto ocidental são: o Códice Beza (D) do século V ou VI (contendo os Evangelhos e Atos), o Códice Claromontano (D) do século VI (contendo as Epístolas Paulinas) e o Códice Washingtoniano (W) do final do século IV ou início do século V (contendo os Evangelhos).

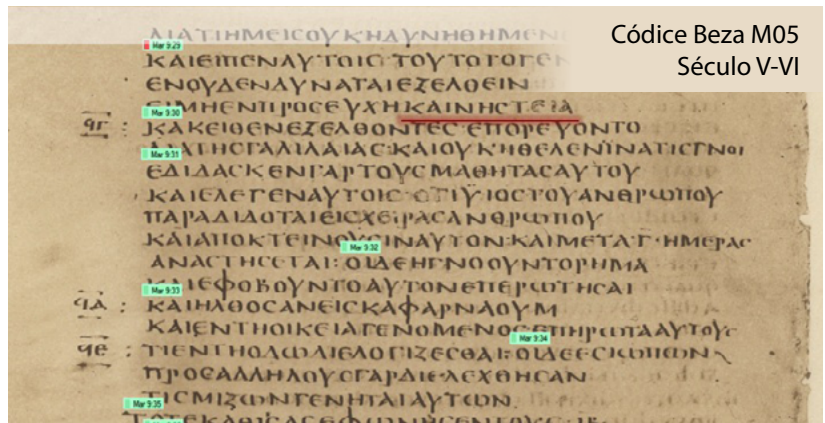
Da mesma forma, as versões latinas antigas são documentos notórios do tipo de texto ocidental, encontrando-se dentro de grupos principais assim como as formas africana, italiana e hispânica do texto latino antigo. A principal característica do tipo de texto ocidental é sua intensa paráfrase.

O texto Cesareense

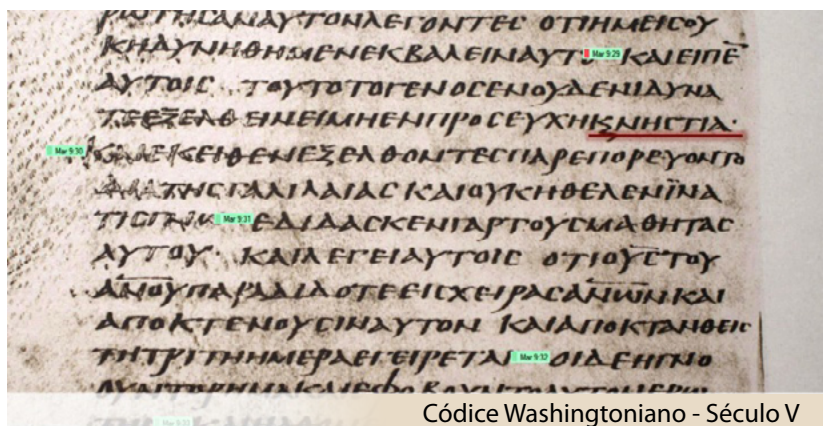
Ao que parece, esse tipo de texto se originou no Egito. Está respaldado pelo papiro Chester Beatty \mathcal{P}^{45} .

Possivelmente foi trazido por Orígenes a Cesareia, onde foi utilizado por Eusébio e outros. De Cesareia foi levado para Jerusalém, e ali foi utilizado por Cirilo e um grupo de armênios que no passado tinham uma colônia em Jerusalém. Os missionários armênios levaram o tipo de texto cesareense para a Geórgia, onde ele influenciou a Versão Georgiana bem como o Códice Koridethi (Q), manuscrito grego do século IX.

Aparentemente, o tipo de texto cesareense teve uma carreira longa e acidentada. De acordo com o ponto de vista da maioria dos eruditos, trata-se de um texto oriental caracterizado por uma mistura de leituras ocidentais e alexandrinas, no qual se pode observar um propósito de transformação *elegante* de suas expressões, distinção especialmente notável no tipo de texto bizantino.



Códice Beza M05
Século V-VI



Códice Washingtoniano - Século V

Páginas do Evangelho segundo Marcos, capítulo 9.
Sublinhado em vermelho o acréscimo "e jejum".



\mathcal{P}^{45} . Porção de Atos (15.38-16.4; 16.15-21)



O texto Bizantino

esse é o último dos vários tipos de texto do Novo Testamento. É caracterizado por seu esforço em fazê-lo parecer *completo* e muito claro. Sem dúvida alguma, os construtores desse texto tentaram polir toda forma rude de linguagem, combinando também duas ou mais leituras divergentes em uma única leitura expandida (processo chamado *fusão*) e harmonizando passagens paralelas divergentes. Esse estilo textual foi criado na Síria, sendo logo levado para Constantinopla e dali distribuído amplamente pelo Império Bizantino. Seu melhor representante é o Códice Alexandrino e uma grande quantidade

de manuscritos minúsculos.

Do século VI até a invenção da imprensa, o texto bizantino foi o texto de maior circulação e o único autorizado pela Igreja Católica. J. Hort (*Westcott e Hort, op.cit., pp. 134f*) o descreve assim:

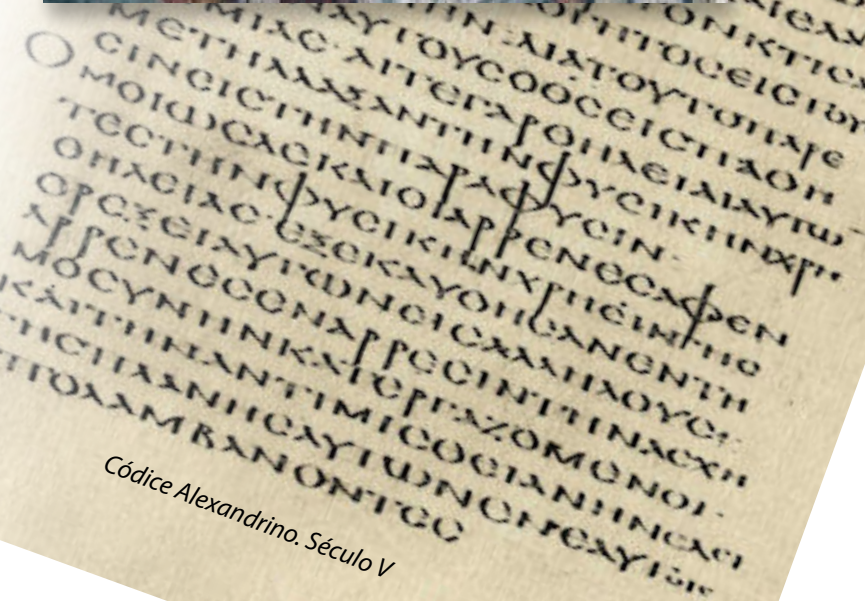
“As qualidades que os autores do texto bizantino pareceram mais interessados em ressaltar são a clareza e a totalidade.

Eles estavam evidentemente ansiosos por remover toda pedra de tropeço no caminho do leitor comum, até onde fosse possível e desde que não tivessem de recorrer a medidas drásticas. Também estavam igualmente desejosos de que o leitor obtivesse os benefícios da parte instrutiva contida em todo o texto existente, sem confundir o contexto ou introduzir aparentes contradições. Por isso, novas omissões são raras e, quando ocorrem, geralmente querem contribuir para aparentar simplicidade.

Por outro lado, novas interpolações [i.e. inserções de texto] são abundantes, a maioria delas devido a harmonizações ou outras similitudes, felizmente identificáveis por serem caprichosas ou incompletas. Tanto em tema como em dicção, o texto bizantino é claramente um texto “completo”.

Ele se deleita em pronomes, conjunções e termos redundantes, e provê ligações de todo tipo, bem como acréscimos de consideração. Como que distinguindo-se do precioso valor dos escritos ocidentais e da erudição dos alexandrinos, o espírito de suas correções é ao mesmo tempo sensível e débil.

Totalmente irrepreensível em bases literárias ou religiosas com respeito a dicções vulgares ou indignas, mas mostrando ausência de discernimento crítico-espiritual, o texto bizantino apresenta o Novo Testamento de uma forma branda e atraente, mas notavelmente empobrecido em força e sentido, sendo mais apropriado para uma leitura rápida ou recitativa do que para um estudo diligente e repetido”.



Códice Alexandrino. Século V

Essa forma alterada de texto grego foi a mais aceita e reconhecida, servindo de base para a edição impressa de Erasmo de Rotterdam, que se tornou famosa por seu nome latino: *Textus Receptus*.

MANUSCRITOS:

Papiros, UNCIAIS, *minúsculos* e *leccionários*

PAPIROS

Até o século passado, só se conheciam 9 papiros do Novo Pacto; atualmente são 139 papiros catalogados, abrangendo 40% do texto do Novo Testamento. Todos procedem do Egito, onde também foram copiados. Datam dos séculos II a VIII, porém mais da metade corresponde aos séculos III e IV. Por sua antiguidade, os papiros têm uma importância enorme para a crítica do texto neotestamentário, mesmo que em muitos casos os fragmentos conservados sejam pequenos demais ou mal sejam utilizáveis. As duas coleções de papiros mais famosas são as chamadas *Chester Beatty* (P⁴⁵⁻⁴⁷, atualmente em Dublin, na Irlanda) e *Martin Bodmer* (P⁶⁶, P⁷², P⁷⁴, P⁷⁵, em Genebra, na Suíça).

P⁴⁵ - Esse papiro é do início da primeira metade do século III. As 30 folhas conservadas contêm fragmentos dos quatro Evangelhos e de Atos. O texto de Marcos se aproxima do tipo de texto cesareense; os demais evangelhos se situam entre o alexandrino e o ocidental.

P⁴⁶ - Concluído no ano 200 d.C., esse papiro possuía 140 folhas, das quais se conservam 86, e apresentava o texto das cartas paulinas em uma ordem diferente (Rm, Hb, 1 e 2Co,

Ef, Gl, Fp, Cl, 1 e 2 Ts), certamente faltando as cartas pastorais. O texto é mais próximo do tipo alexandrino do que do ocidental. Portanto, ele documenta um texto *neutro* das cartas paulinas, que antecede em um século e meio todos os demais documentos conservados desse tipo de texto.

P⁴⁷ - Procede do último terço do século III. Concorde com o Códice Sinaitico mais do que com qualquer outro manuscrito, mas mantém uma notável independência.

P⁵² - Concluído em 125 d.C. É o fragmento do Novo Pacto mais antigo que se conhece, muito próximo da data de escrita do Evangelho de João, em 90-95 d.C., e documenta a difusão deste evangelho no Egito no início do século II. Se encontra na *John Rylands Library* em Manchester, na Inglaterra.

P⁶⁶ - Procede do ano 200 d.C. Contém o texto dos capítulos 1-14 de João com escassas lacunas; os capítulos 15-21 se encontram em pior estado. Apresenta um texto misto, com elementos alexandrinos e ocidentais.

P⁷² - Do século III. Com texto de Atos e das epístolas gerais, é muito eclético e próximo do texto tardio.

P⁷⁵ - Concluído em 200 d.C. É a cópia mais antiga conhecida de Lucas e uma das mais antigas de João. Seu texto é muito semelhante ao do Códice Vaticano, o que leva a remontar essa forma de texto ao século II e demonstra que o texto neutro não é um texto citado no século IV.

DISTRIBUIÇÃO DOS MANUSCRITOS DO NOVO PACTO SEGUNDO TIPO DE TEXTO E DATAÇÃO

Siglos	Aleandrinos	Occidentales	Bizantinos
IX			
VIII			
VII			
VI			
V			
IV			
III			
II			

UNCIAIS

São chamados de unciais os manuscritos escritos em pergaminho com um tipo de letra derivada da letra maiúscula usada em inscrições. Até o século IX, os caracteres unciais foram os únicos usados nos manuscritos do Novo Pacto e continuaram sendo usados por algum tempo na cópia de leccionários.

Chegaram até nós 268 manuscritos unciais do Novo Pacto. São designados com números arábicos precedidos de um zero, e alguns são conhecidos tam-

bém pelas letras latinas, gregas ou hebraicas com que eram citados antes da implantação do sistema numérico (01 = Α, 02 = Β, 03 = Γ etc). Por sua antiguidade, são considerados a fonte mais importante para o estudo do Novo Pacto. No entanto, após o descobrimento dos papiros (anteriores aos unciais) e uma vez feita sua análise de crítica interna, hoje não temos mais receio de admitir que o texto dos manuscritos unciais contém erros que necessitam de correção.

MINÚSCULOS

São chamados de minúsculos os manuscritos escritos em caracteres cursivos ou minúsculos. Seu período de difusão vai do século IX até a invenção da imprensa. Assim como os unciais, os minúsculos mais antigos estão escritos com maior cuidado e menos ornamentação externa.

Hoje são conhecidos 2.792 manuscritos minúsculos, designados com números arábicos. Por se tratar de manuscritos menos antigos que os unciais, considera-se que seu texto também está mais distante do original; de fato, em sua maioria eles apresentam texto bizantino, mas nem sempre. O elemento determinante do valor das leituras de um texto não é a antiguidade do manuscrito, e sim a qualidade


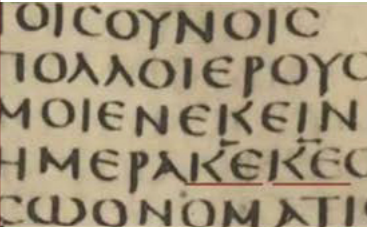
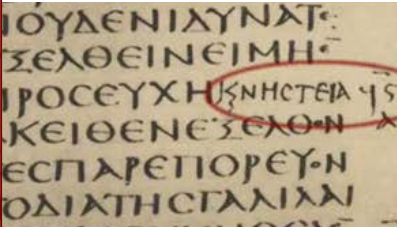
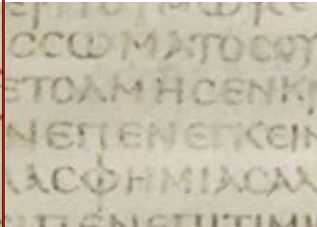

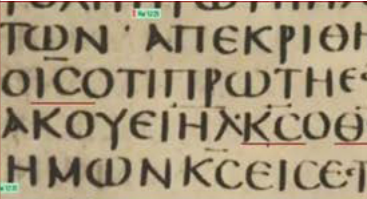
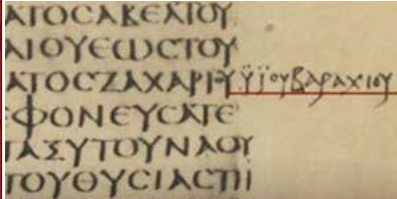
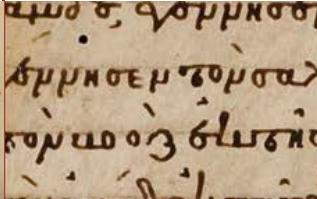
do arquétipo utilizado para cópia. Assim, por exemplo, o manuscrito 33, que data do século IX, apresenta um texto alexandrino de grande valor.

LECIONÁRIOS

Desde muito cedo, a liturgia cristã selecionou algumas passagens dos Evangelhos e do resto da Novo Pacto (sendo Apocalipse a única exceção) para serem lidas nas celebrações de cada dia do ano e especialmente nas festas dominicais. Há cerca de 2.193 manuscritos de lecionários catalogados. Nenhum é anterior ao século IX e os mais antigos estão escritos em caracteres unciais, que ainda assim foram utilizados até o século XI para a escrita de lecionários. São designados com um λ, seguido do número correspondente (λ1, λ2, λ3, etc.).

Investigações recentes destacaram o valor dos lecionários para o estudo textual do Novo Pacto. Por outro lado, os óstracos e amuletos, que contêm breves fragmentos de texto, carecem de valor crítico pela falta de controle de seu texto.

CARACTERÍSTICAS DOS MANUSCRITOS DO NOVO PACTO

FORMA	USO DE ABREVIATURAS	"ALTERAÇÕES" MARGINAIS	ESTILO
<p>Rolo</p> 	<p>Mt 7.22 <i>Senhor, Senhor</i> (vocativo)</p> 	<p>Mc 9.29 <i>e jejum</i></p> 	<p>Uncial</p> 
<p>Códice</p> 	<p>Mc 12.29 <i>Jesus, Senhor, Deus</i></p> 	<p>Mt 23.35 <i>Filho de Berequias</i></p> 	<p>Minúsculo</p> 

Textus Receptus



Primeira imprensa

No século XV, a invenção de Johannes Gutenberg (a imprensa de tipos móveis) gerou benefícios transcendentais para a cultura e civilização ocidental. Dali em diante, pôde-se reproduzir livros de forma mais rápida e econômica, com um grau de perfeição até então nunca alcançado.

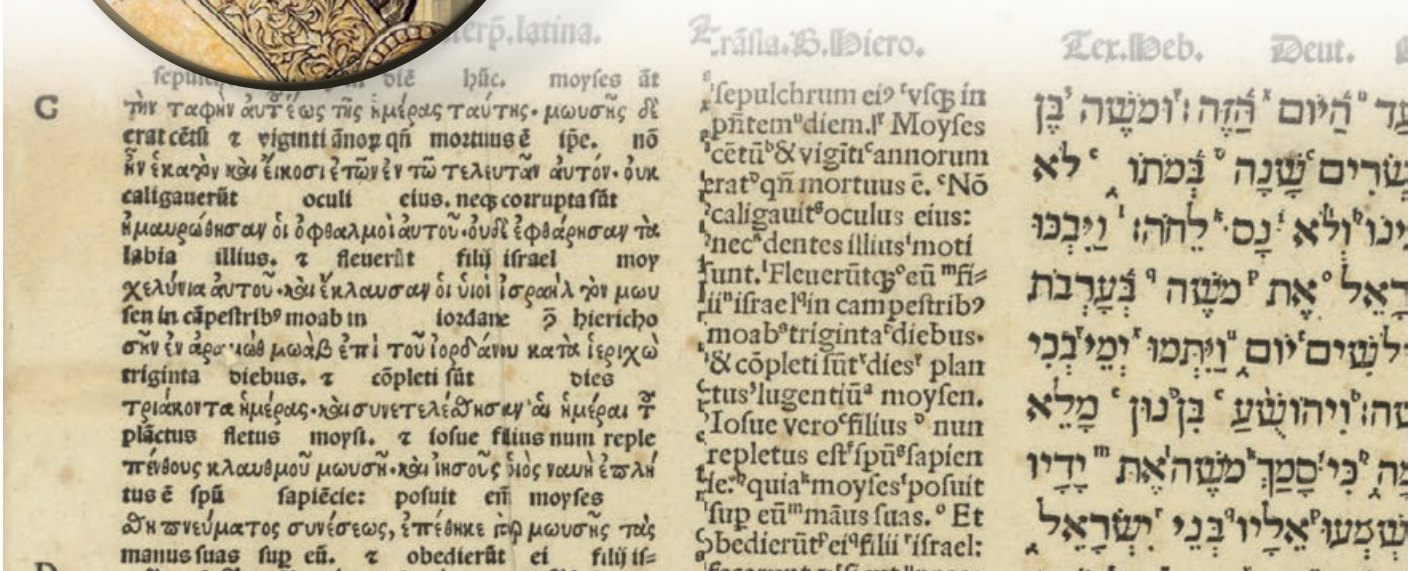
Muito apropriadamente, a primeira impressão importante de Gutenberg foi uma magnífica edição da Bíblia, para a qual ele utilizou o texto da versão de Jerônimo traduzida para o latim, a Vulgata. Essa edição foi publicada em Mainz entre 1450 e 1456.

Não obstante, com exceção de algumas passagens, o Novo Testamento Grego teve de esperar até 1514 para ser impresso. Essa demora de quase setenta anos é atribuída a duas razões. A primeira foi a dificuldade e o custo da produção de tipos de fundição gregos, necessários para um livro de dimensões consideráveis. A segunda e mais importante razão para a demora da publicação do texto grego foi, sem dúvida, o prestígio da Vulgata latina. As traduções para idiomas vernáculos não anulavam a superioridade do texto latino do qual provinham, mas a publicação do Novo Testamento Grego oferecia a qualquer erudito conhecedor de ambas as línguas uma ferramenta com a qual poderia criticar e corrigir a Bíblia oficial da Igreja Romana.

Ainda assim, em 1514 saiu da imprensa o primeiro Novo Testamento Grego, como parte de uma Bíblia poliglota. Planejada em 1502 pelo cardeal Cisneros, com texto hebraico, aramaico, grego e latino impresso na cidade universitária de Alcalá, foi uma edição extraordinária, denominada Bíblia Complutense. Apesar do texto complutense ter sido o primeiro Novo Testamento grego a ser impresso, ele não foi o primeiro a ser publicado (isto é, colocado em circulação). A primeira



Cardenal Cisneros



MANUSCRITOS UTILIZADOS POR ERASMO PARA SU NUEVO TESTAMENTO GRIEGO

Manuscrito	Contenido	Fecha
Minúsculo 1 ^{ea} p	El NT entero excepto el Apocalipsis	Siglo XII
Minúsculo 1 ^{rk}	Apocalipsis	Siglo XII
Minúsculo 2 ^e	Evangelios	Siglo XII
Minúsculo 2 ^{ap}	Hechos y Epístolas	Siglo XII
Minúsculo 4 ^{ap}	Epístolas de Pablo	Siglo XV
Minúsculo 7 ^p	Epístolas de Pablo	Siglo XII
Minúsculo 817	Evangelios	Siglo XV



edição publicada foi a edição preparada pelo famoso erudito e humanista holandês Desidério Erasmo de Rotterdam.

Não se sabe com precisão quando foi que Erasmo decidiu preparar a edição do Testamento Grego mas, durante uma visita a Basileia em agosto de 1514, ele discutiu com o editor J. Froben (talvez não pela primeira vez) a possibilidade de produzir tal volume. As negociações parecem ter se interrompido por algum tempo, mas foram restabelecidas durante uma visita de Erasmo à Universidade de Cambridge em abril de 1515, quando Froben o importunou através de um amigo em comum, Beatus Rhenanus, a fim de que se começasse imediatamente a edição do Novo Testamento Grego.

Tendo ouvido sobre a iminente publicação da Bíblia poliglota espanhola e percebendo que o mercado

estava pronto para uma edição do Novo Testamento Grego, sem dúvida Froben desejava capitalizar a demanda antes que a obra de Cisneros fosse concluída.

Assim, a proposta de Froben, acompanhada da promessa de pagar a Erasmo "... tanto quanto qualquer outro pudesse oferecer por tal trabalho", veio em momento oportuno. Tendo ido novamente a Basileia em julho de 1515, Erasmo esperava encontrar manuscritos gregos suficientemente bons para enviá-los ao impressor e logo apresentá-los juntamente com sua própria tradução latina, na qual vinha trabalhando de forma intermitente havia alguns anos. Não obstante, comprovou com desprazer que os únicos manuscritos disponíveis no momento requeriam certo grau de correção antes de poderem ser utilizados como cópias para impressão.



J. Froben



Beatus Rhenanus



Desiderius Erasmus de Rotterdam


O trabalho começou em 2 de outubro de 1515 e, cinco meses depois, em 1º de março de 1516, a edição completa havia sido concluída em um grande volume de aproximadamente mil páginas que, segundo o próprio Erasmo declarou mais tarde, foi “precipitado, e não editado”. Devido à pressa com que foi produzido, o volume continha centenas de erros tipográficos. Sobre isso, F. H. A. Scriverer declarou: “É o livro com mais erros que eu conheço!”

Como Erasmo não conseguiu arranjar nenhum manuscrito que contivesse o Novo Testamento completo, ele se viu obrigado a utilizar diferentes manuscritos para cada parte do livro. Para a maior parte do texto ele se baseou em (apenas!) dois manuscritos (inferiores) de uma biblioteca monástica de Basileia: um manuscrito dos Evangelhos e outro de Atos e das Epístolas, ambos com datas aproximadas do século XII. Erasmo comparou os manuscritos com outros dois ou três sobre os mesmos livros, fazendo correções para o impressor na margem ou entre as linhas dos próprios manuscritos. Para o livro de Apocalipse, ele só tinha um manuscrito também do século XII, que tomara emprestado de seu amigo Reuschlin e ao qual infelizmente faltava a última folha. Para esses versículos – assim como para outras passagens em que o texto grego de Apocalipse e o comentário adjunto, por estarem tão mesclados, são indistinguíveis até hoje – Erasmo dependeu da Vulgata Latina, e assim traduziu do latim para o grego.

Como era de se esperar de um procedimento tão audacioso, em todo o texto se encontram leituras do grego próprio de Erasmo, nunca encontradas em nenhum manuscrito grego conhecido, mas perpetuadas até hoje nas impressões do chamado Textus Receptus. Mesmo em outras partes do Novo Testamento, Erasmo

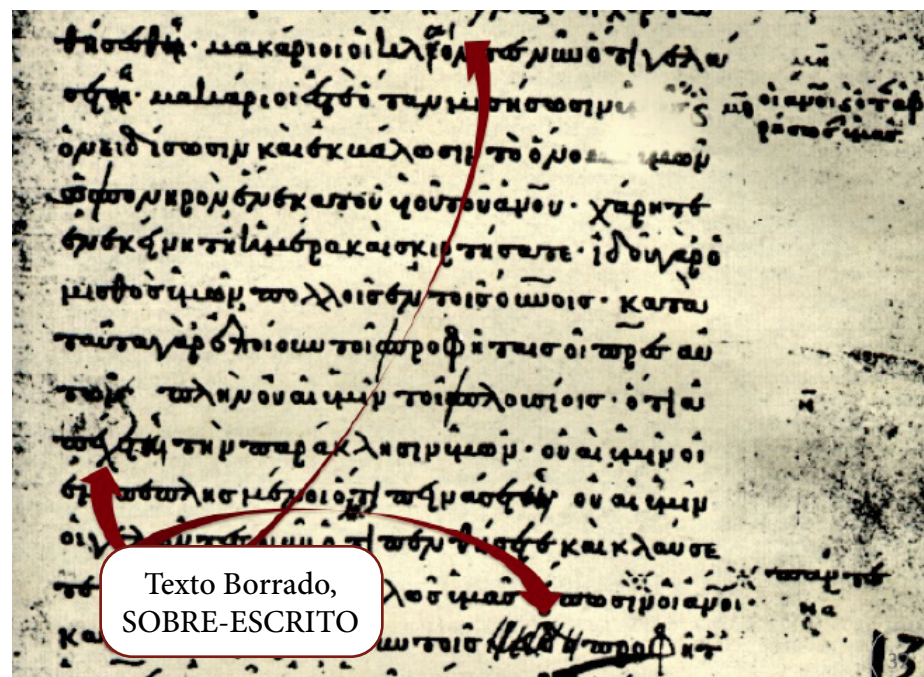
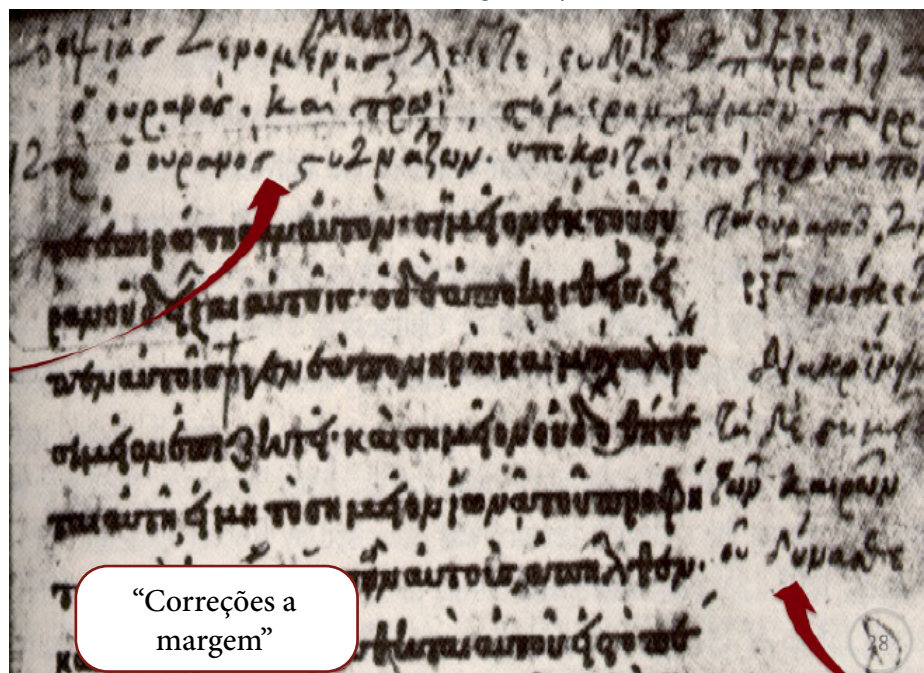
Apocalipse 17.4
 ἰακαθαρτητος?
 τα ακαθαρτα

Apocalipse 17.8
 καιπερ εστιν = E, no entanto, é
 και παρεσται = E virá



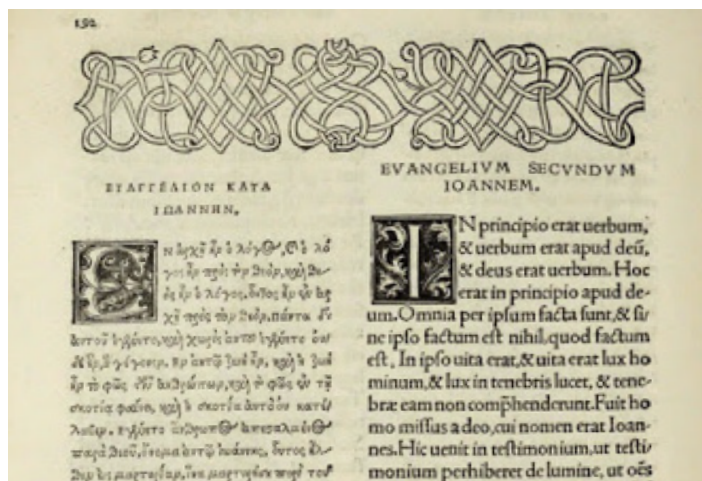
Scriverer

Dos de los siete manuscritos utilizados por Erasmo.
 Obsérvese las confusas notas marginales y tachaduras en el texto.



introduziu no texto grego um certo material da Vulgata Latina. Por exemplo, a pergunta que Paulo faz no momento de sua conversão no caminho de Damasco em Atos 9.6: “E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça?” é uma óbvia interpolação procedente da Vulgata. Esse acréscimo, não encontrado em nenhum manuscrito grego, se tornou parte do *Textus Receptus* que Casiodoro de Reina usou como base para sua Versão de 1569, sendo perpetuada até suas revisões atuais do século XXI.

Outra interpolação não respaldada por nenhum manuscrito grego antigo e fidedigno é a chamada *Comma Johanneum* em 1Jo 5.7-8 (“três são os que testificam no céu...”), que Erasmo se viu obrigado a introduzir em seu texto devido a ataques dos editores da Poliglota Complutense. Por fim, o texto do Novo



Primeira impressão do Novo Testamento Grego, junto de sua tradução em latim realizada por Erasmo



Atos 8.37

A ARC registra:

E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

Manuscritos inferiores acrescentam o pedante esclarecimento (v. 37): “E disse Filipe: É lícito, se crês de todo coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”, esclarecimento esse que é um acréscimo não encontrado nos melhores manuscritos (P⁴⁵, P⁷⁴, Códice Alexandrino, Códice Vaticano, Códice Ephraemi Rescriptus). Esse acréscimo que, com algumas variações, é lido na maioria dos manuscritos minúsculos, passou para o *Textus Receptus* e dali para a maioria das versões. Não há razão pela qual os esforçados escribas alexandrinos houvessem omitido esse acréscimo no texto original. Deve-se notar também que Jesus Cristo não é uma expressão de Lucas. A fórmula era, sem dúvida, utilizada pela igreja primitiva nas cerimônias de batismo, e pode ter sido escrita na margem de uma das cópias de Atos. Sua inserção em textos tardios parece ter obedecido à crença de que Filipe não podia ter batizado o etíope sem antes ter garantido uma confissão de fé, o que precisava estar expresso na narrativa. Apesar de o manuscrito mais antigo com tais palavras datar do século VI, sua tradição já era conhecida no final do século II, pois Irineu cita parte dessas palavras (em *Contra as heresias*). Mesmo que a passagem não apareça nos manuscritos que Erasmo utilizou para sua edição, ele inseriu essas palavras em seu *Textus Receptus*, pois, segundo suas próprias palavras, ele julgou que elas haviam sido omitidas por descuido dos escribas.

Papa Leão X



Eu percebia que esse ensino que constitui nossa salvação precisava estar em uma forma muito mais pura e viva caso buscássemos o manancial principal e quiséssemos beber das fontes autênticas, e não de tanques e riachos. E assim revisei todo o Novo Testamento (como o chamam), contrastando-o com o modelo do original grego... acrescentei anotações próprias com vistas a, em primeiro lugar, mostrar ao leitor as alterações que realizei e por quê e, em segundo lugar, desvendar e explicar qualquer coisa que pudesse ser complicada, ambígua ou obscura.

Desiderio Erasmo de Rötterdam

Porção de uma carta que Erasmo enviou ao papa Leão X ao lhe dedicar sua obra, comprovando sua atitude despreocupada quanto à intervenção nos manuscritos bíblicos.

Atos 9.5-6

A ARC registra:

E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor:
 Eu sou Jesus, a quem tu persegues;
 Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões.
 E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor,
 que queres que faça? E disse-lhe o Senhor:
 Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o
 que te convém fazer.

Depois da palavra *persegues* e omitindo o *mas* do versículo 6, o *Textus Receptus* acrescenta: “duro é para ti recalcitrar contra os agulhões. E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor”. Até onde se sabe, nenhum manuscrito grego registra essas palavras neste ponto do texto. Essas palavras foram tomadas de At 26.14 e 22.10 e só se encontram neste local nos códices da Vulgata Latina, os quais substancialmente coincidem entre si, exceto com a própria Vulgata, que acrescenta depois de *atônito* as palavras *pelo que lhe acontecera* (de At 3.10). Esta passagem ilegítima foi introduzida no *Textus Receptus* quando Erasmo a traduziu da Vulgata Latina para o grego, inserindo-a em sua primeira edição do Novo Testamento Grego (Basileia, 1516).

Respondeu: Quem és, Senhor? E Ele: Eu sou JESUS, a quem tu persegues. Mas levanta-te e entra na cidade, e te será dito o que tens que fazer.



TENDÊNCIAS DO TEXTO MAJORITÁRIO

Tendência	Exemplo
Dilui a graça gratuita de Deus e sua eficácia redentora.	Romanos 8.1
Diminui a soberania do chamado divino.	1 Pedro 5.10
Exalta a exigência de obras humanas para a salvação.	Lucas 2.14
Obscurece a esperança messiânica.	Judas 5
Abranda as “polêmicas” do Texto Sagrado.	23 interpolações

Testamento Grego de Erasmo está baseado em no máximo sete manuscritos minúsculos. O mais antigo e melhor deles, o Códice I (manuscrito minúsculo do século X, que em muitas partes concorda com o texto uncial antigo), foi justamente aquele que Erasmo descartou, pois tinha medo de seus possíveis erros!

A obra de Erasmo de Rotterdam foi editada cinco vezes e mais de trinta edições foram realizadas sem autorização em Veneza, Estrasburgo, Basileia, Paris e outros lugares. Apesar de ter realizado um número considerável de alterações, editores subsequentes (como Melchior Sessa, Robert Estienne, Teodoro de Beza, os irmãos Buenaventura e Abraham Elzevir) continuaram reproduzindo vez após vez essa forma adulterada de texto grego, garantindo-lhe tal proeminência que o *Textus Receptus* chegou a ser elevado ao posto de “*texto normativo*” do Novo Testamento, e por mais de quinhentos anos resistiu (e ainda resiste) a todos os esforços eruditos de substituí-lo por um texto mais fiel.

Até pouco antes do século XX, o *Textus Receptus* serviu com única base de tradução do Novo Testamento para a maioria dos idiomas vernáculos da Europa, incluindo o português. Sua imerecida reverência era tão supersticiosa e arrogante que as tentativas de criticá-lo ou corrigi-lo foram consideradas um sacrilégio; tudo isso apesar de sua base textual ser basicamente um apanhado de manuscritos tardios escolhidos ao acaso e apesar de, em pelo menos uma dúzia de passagens, sua leitura não estar respaldada por nenhum manuscrito grego conhecido até hoje.



Teodoro de Beza

EDIÇÕES DO NOVO TESTAMENTO GREGO DE ERASMO

Edições	Data	Alterações	Tradução
Primeira	1516		
Segunda	1519	400	Lutero
Terceira	1522	180 modificações. Introdução do Comma.	Casiodoro de Reina
Quarta	1527	90 em Ap. Bíblia Complutense	
Quinta	1535		



Por mais de quinhentos anos, o *Textus Receptus* tem resistido à substituição pela verdadeira base textual grega. Hoje, com seu novo nome de *Texto Majoritário*, ele continua sendo um obstáculo no caminho de todo esforço para restaurar a genuína Palavra de Deus.

INTERPOLAÇÕES

Livro	Cita	Libro	Cita
João	5.4	Marcos	7.16
	7.53-8.11		9.44
Mateus	16.3		9.46
	17.21		11.26
	18.11		15.28
	21.44		16.9-20
	23.14	1 João	5.7-8
Lucas	17.36	Atos	8.37
	23.17		9.5-6
Romanos	8.1 ^b		15.34
	16.24		24.7

1 João 5.7-8

A ARC registra:

Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num.

Porque três são os que dão testemunho: O Espírito, a água e o sangue; e os três concordam.

Depois de *dão testemunho*, o *Textus Receptus* acrescenta: “no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra”. O fato de que estas palavras são ilegítimas e não têm nenhum direito a integrar o texto do Novo Pacto é verdade à luz das seguintes considerações:

a. *Evidência Externa*:

1. A passagem está ausente de todos os manuscritos gregos conhecidos, exceto quatro, e estes contêm a passagem no que parece ser a tradução de uma recensão da Vulgata. Estes quatro manuscritos são o ms. 61, do século XVI; o ms. 88 do século XII (que tem a passagem escrita à margem com mão moderna); o ms. 629, do século XIV ou XV, e o ms. 635 do século XI (que tem a passagem escrita à margem por uma mão do século XVII).

2. A passagem não é mencionada por nenhum dos Pais gregos, os quais, se dela houvessem sabido, certamente a haveriam empregado nas controvérsias trinitárias (de Sabélio e Ário). Sua primeira menção em grego é a versão (latina) das atas do Concílio de Latrão em 1215.

3. A passagem está ausente nos mss. de todas as versões antigas (síria, copta, armênia, etíope, árabe e eslava, exceto a latina).

b. *Probabilidade Interna*:

1. No referente à probabilidade de transcrição, mesmo que a passagem fosse original, não se encontra nenhuma razão que justifique sua omissão, quer acidental ou intencionalmente, por copistas de centenas de mss. gregos e por tradutores das versões antigas.

2. A respeito da probabilidade intrínseca, a passagem rompe o sentido do contexto: *Não há necessidade de testemunhas no céu.*



Elzevir (1633): “O leitor tem o texto, que agora é recebido por todos, em que não temos nada alterado ou corrompido”.

A versão de CASIODORO DE REINA

Antecedentes

A Espanha ficou totalmente à margem da Reforma Protestante por causa da “Santa Inquisição”. Essa circunstância foi resultado da união política europeia – obviamente empoderada por Satanás – entre a coroa espanhola e o *Sacro Império Romano Germânico*, união liderada pelo monarca Carlos V (Carlos I da Espanha). Portanto, Reforma e Império eram realidades antagônicas: soberania nacional e Igreja independente versus hegemonia transnacional imperial da Roma político-religiosa.

Foi por causa da Inquisição e do Império que o apoio espanhol à Reforma Protestante acabou sendo insignificante. Em toda a Espanha, as duas únicas congregações protestantes (Valladolid e Sevilha) foram descobertas e imediatamente fulminadas nos autos da fé de 1559. Conseqüentemente, algumas dezenas de refugiados espanhóis se viram expatriadas em meio a uma Europa em plena agitação política e religiosa, enquanto se delimitava teologicamente suas fronteiras políticas.

É igualmente importante compreender as razões do fracasso do *protestantismo espanhol no exílio*, visto que esse movimento, de forma geral, não perdurou nem contribuiu de maneira decisiva com as gerações seguintes.

A única exceção, é claro, foi a tradução da Bíblia para o espanhol, vigente até hoje no mundo hispânico: a venerável versão Reina-Valera, cujo *único* autor foi o singular sevillhano Casiodoro de Reina (1520-1594).



Casiodoro de Reina (1520-1594)



Queima de Bíblias

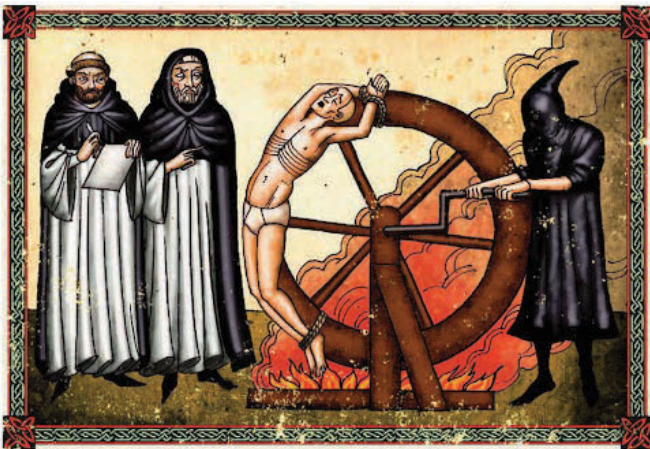
O precursor

As primeiras versões do Novo Testamento em espanhol foram feitas sob o amparo da Reforma mas, no momento de sua publicação, não puderam alcançar seus destinatários devido ao rígido controle exercido pela Inquisição nas fronteiras espanholas. Por isso, a primeira versão traduzida diretamente do grego (obra de Francisco de Enzinas, editada em Bruxelas em 1543) teve de esperar algum tempo para ser distribuída. Foi quando Juan Pérez (revisor de Enzinas) entrou em contato com um personagem muito singular chamado Julián Hernández. Lirotipista por profissão e conhecido como *Julianillo*, esse homem se ofereceu para introduzir cópias do Novo Testamento na Espanha.

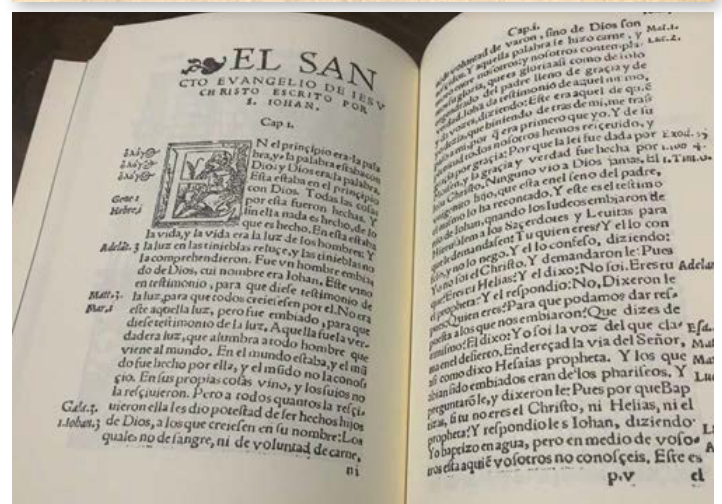
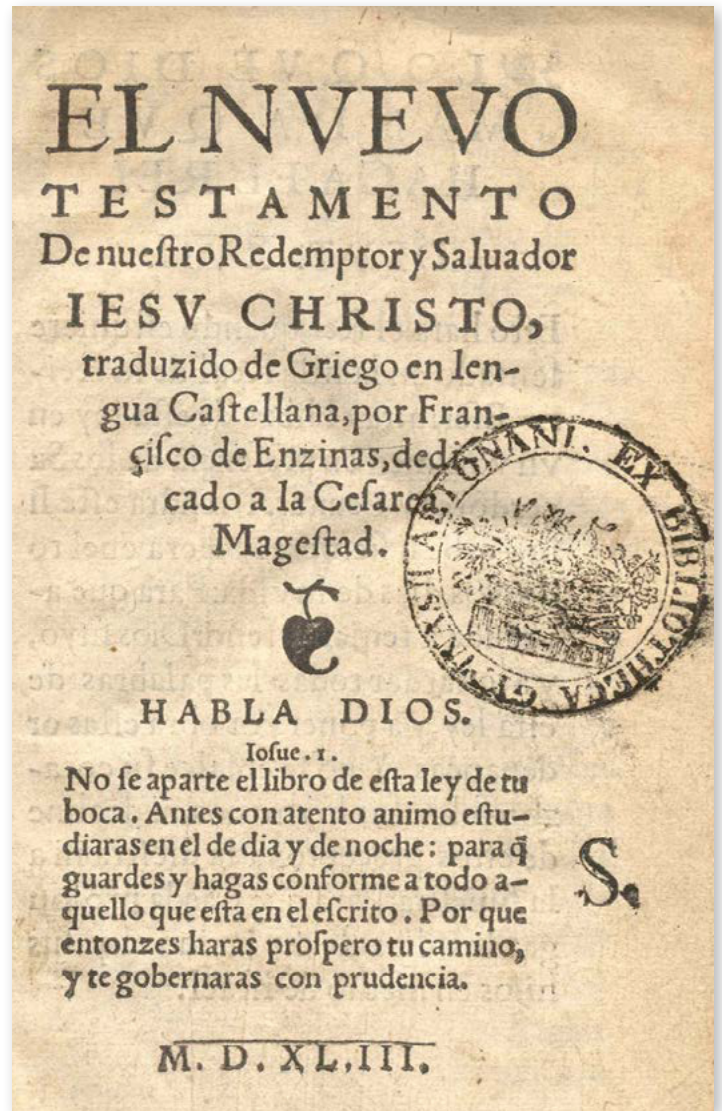
Com a terrível força opositora da Inquisição, Julianillo começou suas arriscadas viagens e, com coragem e valor admiráveis, conseguiu introduzir grande quantidade de Novos Testamentos em seu país. Ninguém conseguia explicar como tantos livros haviam chegado à Espanha. Mal podiam imaginar que era graças ao trabalho incansável de um insignificante vendedor de tecidos, fraco e corcunda, que gritava de povoado em povoado: "*Belos tecidos de Cambray!*"

Seus próprios torturadores o reconheceram como "*o mais ativo de todos os reformadores*". Os tenebrosos jesuítas disseram sobre ele:

"Com incrível habilidade ele encontrava entradas e saídas secretas, e assim o veneno da nova heresia se espalhou com grande velocidade por toda Castela e Andaluzia... Onde punha o pé começava o incêndio... Ele mesmo ensinou aos homens e mulheres as más doutrinas dos reformadores, alcançando seu objetivo com muito sucesso, especialmente em Sevilha, onde formou um verdadeiro ninho de hereges".



Torturas realizadas pela "Santa" Inquisição



Novo Testamento de Francisco de Enzinas

Em outubro de 1557, *Julianillo* foi traído e entregue nas mãos de seus perseguidores, que durante três anos o torturaram, desconjuntando-lhe os braços e as pernas na garrucha e no potro, instrumentos que refletiam fielmente a alma de seus usuários. Finalmente o queimaram vivo numa fogueira em 22 de dezembro de 1560. Assim foi promovido ao Céu

o pequeno *Julianillo*, o maior dos vendedores ambulantes, que em sua marcha até a fogueira cantava:

*“Vencidos vão os frades, vencidos vão!
Corridos vão os lobos, corridos vão”.*

Também dizia aos que morriam com ele:

*“Coragem, companheiros!
Esta é a hora em que devemos nos mostrar
valentes soldados de Jesus Cristo.
Demos fiel testemunho de sua fé perante os homens
e dentro de poucas horas receberemos
o testemunho de sua aprovação perante os anjos”.*

E adormeceu, dizendo:

*“Hei pelejado a boa
batalha,
Hei acabado a carreira,
Hei guardado a fé” (2Tm 4.7)*

Casiodoro de Reyna

O trabalho de *Julianillo* não foi infrutífero; antes de ser capturado, conseguiu esconder o precioso contrabando em vários lugares ao longo de sua rota de fuga. Um desses lugares foi nada mais, nada menos que *San Isidoro del Campo*, um claustro de monges católicos! O resultado de tal façanha não demorou a chegar: a Palavra da Vida começou sua obra convertendo o coração de muitos dos monges do monastério, os quais, por abraçarem sua nova fé, se viram forçados ao exílio. Dentre os primeiros que fugiram da Espanha estavam Casiodoro de Reina e seu jovem discípulo, Cipriano de Valera. Ao perambular pelas cidades protestantes da Europa, Casiodoro começou sua árdua tarefa, refletida em sua admoestação:

“A obra tem estado em nossas mãos há longos doze anos. Desconsiderando o tempo que passamos em enfermidades, viagens e outras ocupações necessárias em nosso desterro e pobreza, podemos afirmar que foram pelo menos nove anos em que não soltamos a pena das mãos nem afrouxamos o estudo enquanto duraram as forças do corpo e do ânimo. Parte da tão grande demora foi por causa de nossa falta de erudição para tão grande obra, a qual foi



Monastério de San Isidoro del Campo em Sevilha, na Espanha.

necessário compensar com trabalho quase que dobrado; outra parte da demora foi devido à estima que Deus nos deu por essa obra e ao zelo de tratá-la com toda perfeição, obrigação a que nenhuma erudição ou longa diligência jamais poderá satisfazer. A erudição e o conhecimento das línguas, mesmo que não tenha sido nem seja o gostaríamos, foi o bastante para entender os pareceres do mais entendidos e para conferi-los entre si, para poder escolher o que fosse mais conveniente conforme o sentido e conhecimento que Deus nos deu de sua Palavra. Nos fizemos ajudar do parecer e doutrina tanto de vivos como de mortos (no que sua obra pôde dar alguma ajuda), bem como consultamos todas as versões que existem até hoje e, muitas vezes, os comentários. Tampouco nos faltaram as experiências e o exercício de muitas das coisas das quais trata e prioriza a divina Escritura, que é de fato a maior e mais substancial ajuda (sem esquecer das outras) para seu verdadeiro entendimento”.

Casiodoro de Reyna (era assim que ele assinava) é um dos grandes desconhecidos do século XVI na Espanha, apesar de que seu nível intelectual e sua contribuição para o pensamento moderno estão à altura de outros personagens de sua época, como Lutero, Calvino e Zwinglio. Por um lado, desterrado e perseguido pela Inquisição espanhola, e por outro, incompreendido e contrariado pelos calvinistas, Reyna é o maior representante da tentativa de implantar a Reforma na Espanha. Ele soube ser tolerante em uma sociedade intolerante e dogmática, a fim de poder levar a cabo sua maior contribuição: a primeira tradução completa da Bíblia para o espanhol, versão lida hoje em dia por milhões de pessoas em todo o mundo.

Sabe-se que Casiodoro nasceu em Sevilha em 1520, proveniente de uma família muçulmana convertida. Estudou na Universidade de Salamanca e logo ingressou no monastério jerônimo de San Isidoro *del Campo*, que veio a se tornar um foco do “luteranismo”. Casiodoro se tornou o guia espiritual daquele lugar, bem como do grupo leigo simpatizante das doutrinas da Reforma na cidade de Sevilha.

Em Genebra

Casiodoro chegou a Genebra em 1557. Sua estadia na cidade de Calvino foi de dois anos, integrando-se à pequena congregação espanhola pastoreada por Juan Pérez. Isso confirma o antagonismo que logo surgiria entre Casiodoro e Juan Pérez, o qual seguia as diretrizes oficiais da Igreja de Genebra no que dizia respeito aos anabatistas. Casiodoro, por sua vez, rejeitava o rigor contra outros protestantes e, certamente por esse motivo, persuadiu alguns membros da congregação espanhola – seus pais, irmãos e o vigário do monastério de Sevilha, entre outros – a ir com ele para Londres. Por causa desse episódio, o pastor Juan Pérez chegou a se referir a ele, talvez com certa ironia, como o *Moisés dos espanhóis*.

Reina foi o único que não teve necessidade de fazer estudos complementares de teologia em Lausanne*. É igualmente cômico saber que, junto com Juan de Sosa (um anabatista de Sevilha que foi sufocado em Antuérpia em 1560), Casiodoro foi o único a receber dos inquisidores o “honroso” título de *mestre de hereges*. Apesar de morar numa cidade protestante, o que Casiodoro observava em Genebra não era de seu

agrado. O assassinato de Serveto por parte de Calvino e seus seguidores e a rigidez que imperava na cidade o levaram a declarar que “*Genebra se converteu numa nova Roma*”. Depois desses acontecimentos, em 1559, ele decidiu ir para Frankfurt, onde se uniu à igreja de fala francesa.

Na Inglaterra

Contudo, quando Elizabeth I subiu ao trono da Inglaterra, Casiodoro decidiu ir para Londres, encontrando-se com outros que fugiam da perseguição na Espanha. Houve espanhóis reformados que não conseguiram chegar à Inglaterra, sendo capturados e devolvidos à Espanha para serem julgados como hereges.

Uma vez em Londres, Reina começou com êxito a fazer *reuniões privadas nas casas*, reunindo protestantes espanhóis dispersos em congregações francesas e holandesas, solicitando assim seu reconhecimento como Igreja Reformada Espanhola, no mesmo nível da Igreja Francesa e Holandesa. Obviamente, Reina seria o pastor dessa Igreja espanhola.

É importante dizer que as outras Igrejas se opuseram a essa primeira petição de Reina. O motivo foi a vinculação que existia naquela época entre pessoas de origem espanhola e Miguel Serveto. De fato, a disputa com Serveto ainda era recente (1553). Pode-se argumentar que as suspeitas das outras igrejas reformadas se baseavam em um preconceito contra os espanhóis, mas também é certo que Reina havia chamado a atenção do conselho francês, que começava a considerá-lo “doutrinariamente suspeito”.

Acusações

Em 1562, Casiodoro solicitou à rainha da Inglaterra, da qual era amigo, que lhe concedesse o uso de uma igreja para suas reuniões. Sua petição foi atendida, sendo-lhe permitido o uso da igreja de Santa Maria de Harás. Pouco depois, como fez Lutero após pendurar o hábito, Casiodoro se casou. Também trouxe com ele seus pais, já convertidos à fé evangélica.

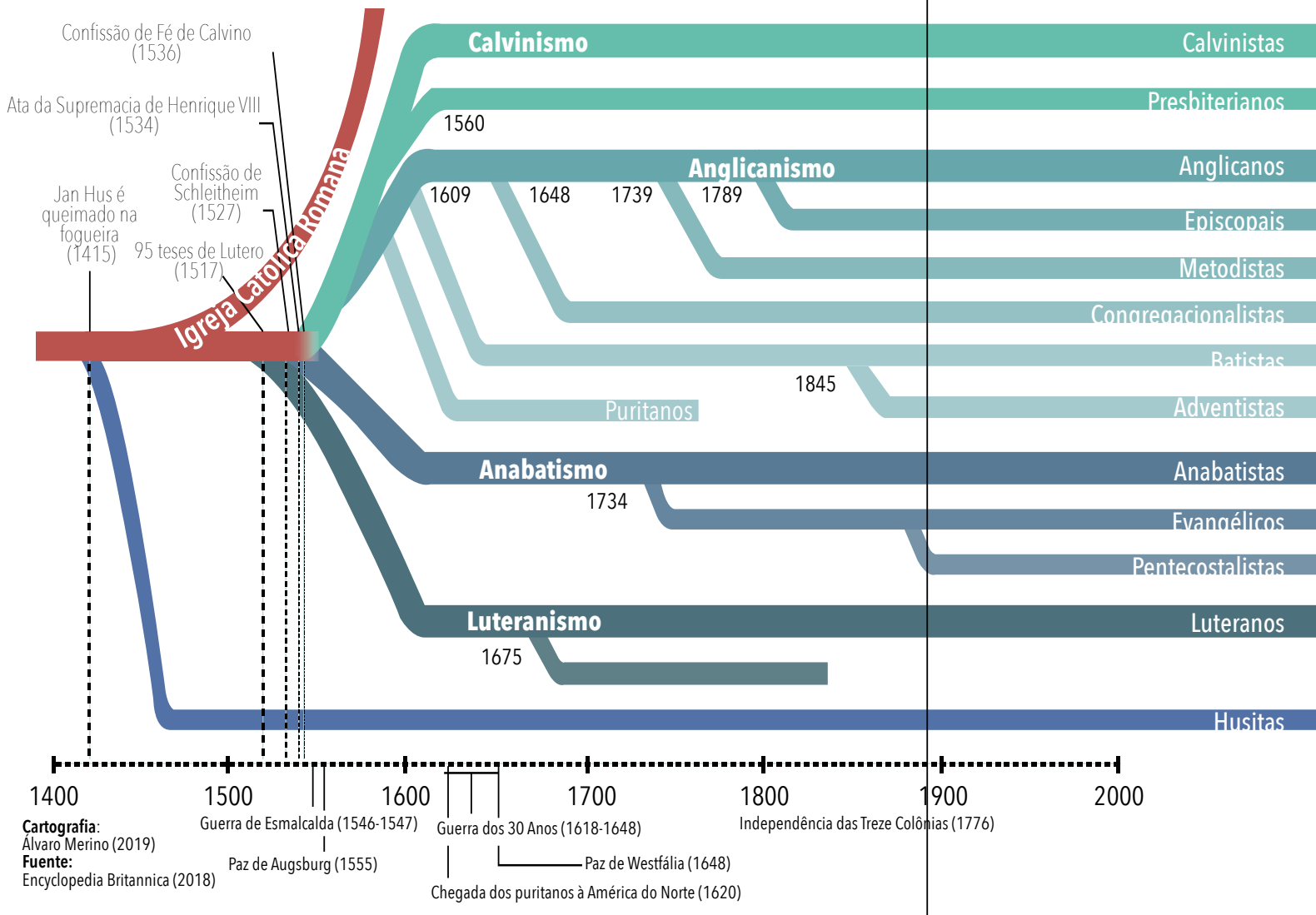
Por pouco tempo, teve uma congregação reformada espanhola em Londres, que se reunia três vezes por semana, mas essa situação favorável não durou muito. Primeiramente, a rainha se encheu de ira contra Casiodoro, pois tinha aversão a clérigos casados, e assim sua pensão real foi retirada. Em segundo lugar

*MORENO, Doris. *Casiodoro de Reina: libertad y tolerância en la Europa del siglo XVI*, Sevilha: Fundación Pública Andaluza, 2017.

A ramificação da Igreja Protestante

Evolução histórica e grandes marcos

Creative Commons BY-NC-ND



(como não podia deixar de ser), tanto Casiodoro quanto a Igreja espanhola chamaram a atenção do embaixador espanhol em Londres. Isso se intuiu facilmente pela intenção do rei da Espanha, que exigiu por carta ao embaixador que conseguisse que Reina fosse expulso da Inglaterra. Dessa maneira, em 1563 se instalou um gravíssimo escândalo: Reina foi acusado de heresia (certamente por parte de agentes provocadores espanhóis), bem como de faltas morais que iam desde sodomia até adultério. Então, o bispo de Londres, amigo de Reina, abriu uma investigação com respeito a sua *Confissão de fé*, a qual teria de ser reconsiderada. Um triste detalhe na vida de Casio-

doro foi o fato de que as acusações contra ele foram apresentadas pelos próprios membros de sua congregação.

Frente a esses inusitados ataques, Casiodoro decidiu subitamente abandonar a Inglaterra com sua família. Esta decisão parece ter sido motivada pela convicção de um julgamento injusto por contrariar a rainha, ou talvez por vislumbrar a possibilidade de continuar seu trabalho de tradução no reino de Navarra. Talvez ambos os motivos estivessem presentes em seu espírito. Em todo caso, como consequência de sua saída, a Igreja Reformada Espanhola desapareceu definitivamente.



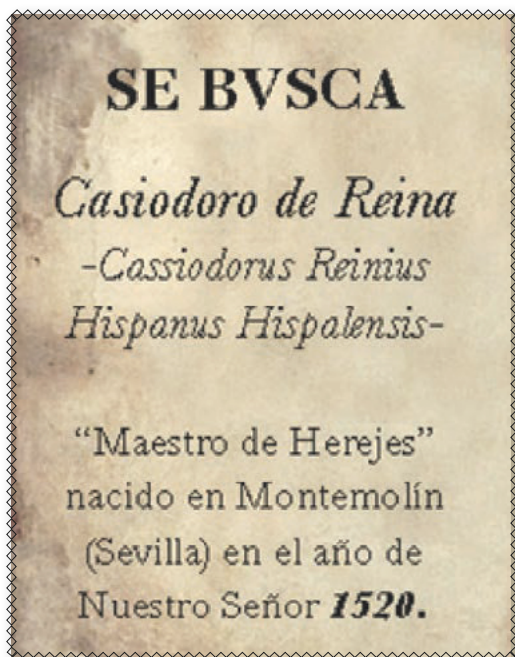
Elizabeth I, rainha da Inglaterra e da Irlanda (1533-1603)

No continente

Assim, Reina começou uma longa peregrinação pelo continente europeu. A princípio foi para Antuérpia, mas teve de sair da cidade porque as autoridades espanholas haviam colocado sua cabeça a prêmio. Portanto, instalou-se na cidade de Frankfurt, onde viveu intermitentemente o resto da vida. Ali continuou sua magna obra de tradução iniciada na Inglaterra, trabalhando às vezes como obreiro, depois como professor para famílias judias abastadas, até converter-se em um próspero comerciante de seda.

Ainda assim, Casiodoro nunca renunciou ao ministério pastoral. Em 1565, o conselho reformado de Estrasburgo lhe ofereceu o cargo de pastor, apesar de ter se deparado com importantes oposições teológicas. Reina teve de explicar suas posições teológicas em uma carta dirigida à congregação e, demonstrando grande habilidade, conseguiu refutar as acusações valendo-se de ensinamentos dos próprios reformadores. Apesar de ter convencido o conselho de Estrasburgo, seu sucesso não foi completo: ao longo de sua defesa ele conquistou a inimizade do sucessor de Calvino em Genebra, Teodoro de Beza, que afirmou que, no fundo, Reina era um luterano.

Antes de assumir o cargo, Reina precisou reparar o escândalo que há quinze anos provocara sua fuga de Londres. A necessidade de fazê-lo era evidente: todo pastor deve ter uma boa reputação. A comissão que havia tratado das denúncias



Ordem de "busca e captura" de Casiodoro



João Calvino (1509-1564)



Martinho Lutero (1483-1546)

contra Reina se reuniu novamente e logo o declarou inocente de todas as acusações morais e (pouco tempo depois, em março de 1579) também das acusações doutrinárias, com exceção de algumas inconsistências encontradas com relação ao batismo infantil. Sua reputação como biblista bem como a torpe atividade do embaixador espanhol contra ele certamente foram úteis.

No início do ano de 1565, Reina se propôs a pastorear uma congregação na Igreja Calvinista de Estrasburgo, enquanto completava a tradução da Bíblia, porém sua nomeação foi dificultada pela intervenção de três teólogos calvinistas que o acusaram de faltas graves em sua concepção da eucaristia e da ascensão do Senhor. Casiodoro escreveu uma defesa, mas os informes que chegaram de Londres pareciam ratificar as acusações dos teólogos.

A verdadeira razão de sua inimizade com os calvinistas era sua afinidade com Sebastián Castellion (tradutor do Novo Testamento para o latim, o qual Enzinas havia utilizado para traduzir para o espanhol

sua versão do Novo Testamento), que se opunha a Calvino e aos calvinistas (entre os quais se encontravam Juan Pérez e Cipriano de Valera) por considerá-lo "tolerante em questões de religião". A ele, Casiodoro se dirigia chamando-o de "*docto et pio viro Sebastiano Castalioni*".

A partir desse momento, Casiodoro se tornou "suspeito" para os calvinistas de Genebra, por defender que "também se deveria considerar os anabatistas como irmãos" e por propagar entre os refugiados espanhóis o livro de Castellion dizendo que não se devia queimar os hereges e que "Miguel Serveto fora queimado injustamente em Genebra". A defesa de Casiodoro perante a Igreja de Estrasburgo não dissipou as dúvidas de seus críticos e, mesmo tentando desculpar-se em uma segunda nota escrita em janeiro de 1566, o resultado de toda essa controvérsia foi a perda da oferta de Estrasburgo e seu retorno a Frankfurt. A partir desse momento, ele se dedicou exclusivamente a traduzir a Bíblia para o espanhol, que veio à luz em Basileia em 1569.

Cipriano de Valera

Apesar da versão de Casiodoro ter sido aprovada pelo conselho de Genebra (o que não tem muito valor, já que eles não conheciam o idioma espanhol), Valera decidiu por conta própria revisar a Bíblia de Casiodoro em Londres, em 1580.

Seus motivos estavam bem longe de realizar uma revisão linguística. Já naquela época, Valera suspeitava duplamente de Casiodoro: primeiro por seu “servetismo” [isto é, seu “apoio” a Miguel Serveto] no passado (segundo Beza) e depois por ter sido pastor de uma igreja luterana.

Contudo, querendo evitar a acusação de plágio, Valera esperou até a morte de Casiodoro (15 de março de 1594), tornando-se uma espécie de “saqueador de túmulos literário” ao publicar dois anos depois (Londres, 1596) sua “própria” edição do Novo Testamento.

A edição de Valera não teve muita repercussão no continente. Vemos que, três anos depois, com a edição de “O Novo Testamento em doze línguas” (Nuremberg, 1599), o texto em espanhol não foi o de Valera, e sim o da Bíblia do Urso.

E mesmo que fosse o texto de Valera, não se teria notado diferença, pois em sua edição do Novo Testamento ele se limitou apenas a remover ou acrescentar notas marginais, alterando o texto de vez em quando mas, sobretudo, tendo o especial cuidado de omitir por completo o nome do falecido tradutor.

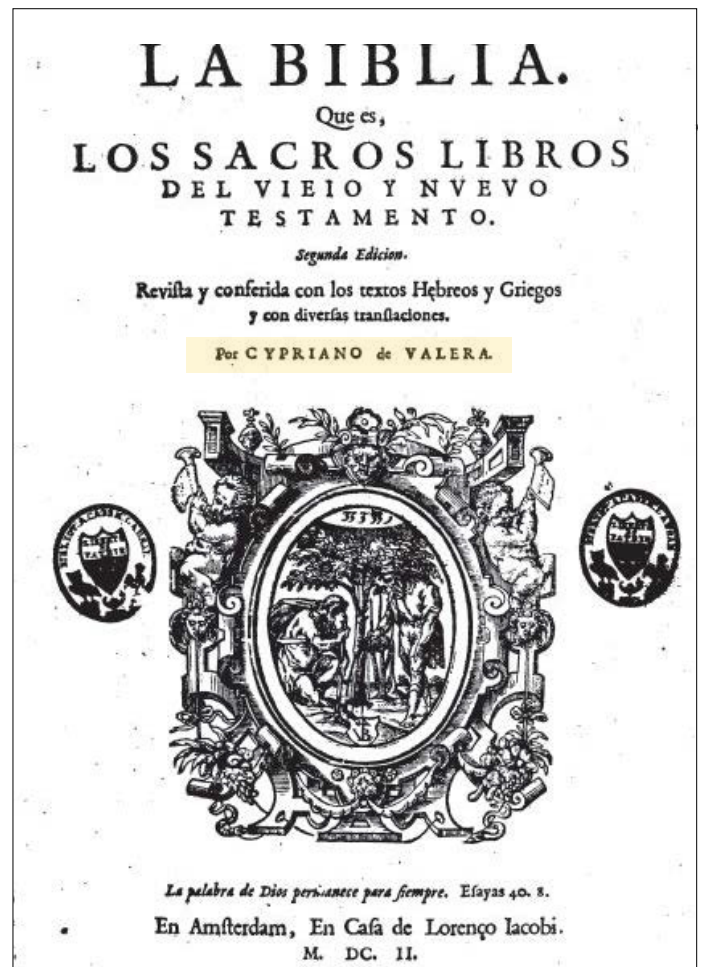
Obviamente, em sua edição da Bíblia completa (1602), Valera não pôde mais manter tal silêncio. Assim, observamos que, em seu extenso *prefácio*, ele dedicou apenas quatro linhas (sem precisar de reticências) ao verdadeiro tradutor, ao passo que teve bastante cuidado de que seu nome, Cipriano de Valera, figurasse em letras grandes no centro da capa.

Não obstante, como era de se esperar, também nessa “revisão” o trabalho de Valera consistiu apenas em ajustar a ordem dos livros segundo o cânon reformado e remover ou acrescentar notas marginais, seguindo fielmente a doutrina das Bíblias de Genebra. As alterações do texto, que Valera presume ter feito “algumas vezes”, nem sempre significaram melhoria (às vezes até piorando o texto), e o mesmo se pode dizer de sua meticulosa eliminação de expressões como “porventura”, que Valera removeu, como ele mesmo escreveu, “por saber como são os pagãos”.

O fato é que Valera destacou seus acréscimos nas notas marginais, mas não deixou registro algum das notas que eliminou. No que diz respeito ao texto



Cipriano de Valera (1531/1532-?)

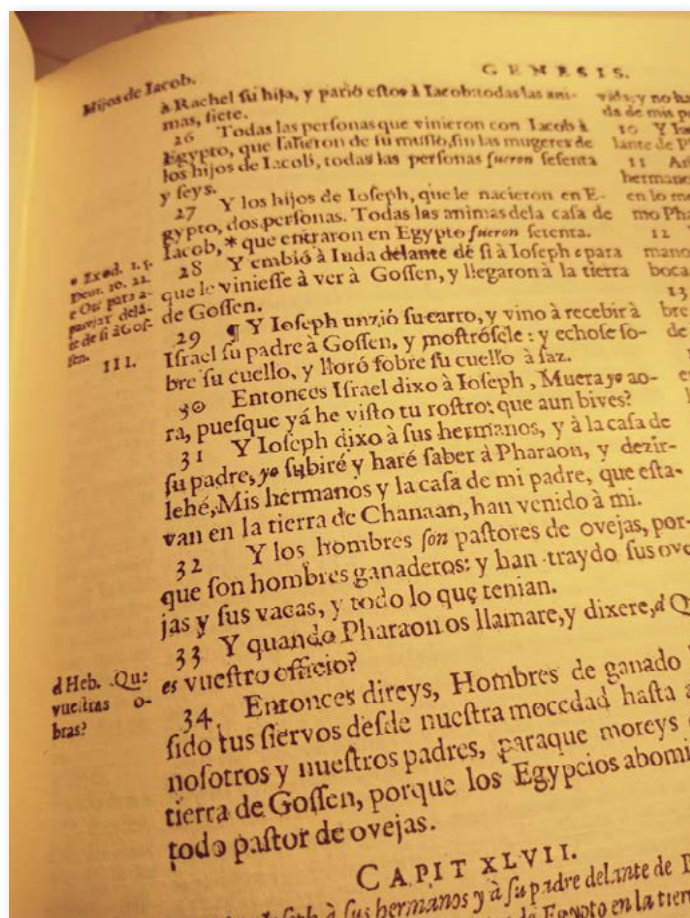


Primeira página da Bíblia publicada por Cipriano de Valera (1602) em Amsterdam. Note a ausência do nome de Casiodoro de Reina (seu tradutor). A revisão da Bíblia do Urso feita por Valera consistiu, entre outras coisas, em suprimir algumas notas marginais (LXX e Vulgata), alterar 27 nomes próprios e esclarecer o sentido de seis passagens acrescentando expressões e ideias.

REVISÃO DA BÍBLIA DO URSO FEITA POR VALERA

Alteração das 113 ocorrências da palavra <i>porventura</i> .	
Eliminação das variantes de leitura marginais da LXX e da Vulgata	Da LXX: Gn 46.20; Êx 2.22
	Da Vulgata: Sl 14.2; Pv 14.21
	De ambas: Pv 4.27; 5.2; 7.1, 9, 18; 10.4; 12.11; 13.13; 14.15; 17.16 e mais algumas desse livro.
Alteração de 27 nomes próprios derivados da Vulgata e da LXX, substituindo-os pelos respectivos nomes do texto massorético.	
Esclarecimento de passagens, acrescentando expressões e ideias	Gn 27.19; Êx 2.25; Ne 9.3; Dn 7.5; 2Sm 14.14; Jó 4.11; Sl 146.4
Eliminação de frases e palavras	Jó 9.23
Atualização da ortografia	

Sarmiento que, citando a obra de Casiodoro de Reina, não hesitou em escrever: “Existe uma versão da Bíblia em espanhol que não serve para nada”.



Bíblia do Cântaro – Gênesis 46

A Bíblia do Urso

Porém, o fruto do trabalho de Casiodoro de Reina é a extraordinária versão que hoje possuímos. Por sua excelência, ela sobrepuja todas as outras versões das Sagradas Escrituras em espanhol. A pureza de suas expressões constitui para a prosa espanhola uma contribuição monumental não reconhecida.

Para milhões de pessoas, ela possui o valor incalculável de ter sido a primeira luz de sua fé. Por mais de quatro séculos, sua feliz desenvoltura de expressão une o pensamento cristão e é um ponto de convergência das promessas e da vontade de Deus para seus filhos.

Ainda assim, com o avanço dos estudos bíblicos desde o início do século XIX até hoje, e com o descobrimento de manuscritos gregos muito mais antigos que aqueles que Casiodoro utilizou como base para sua versão, têm se evidenciado defeitos tão graves que foi indispensável considerar sua revisão à luz de um tipo de

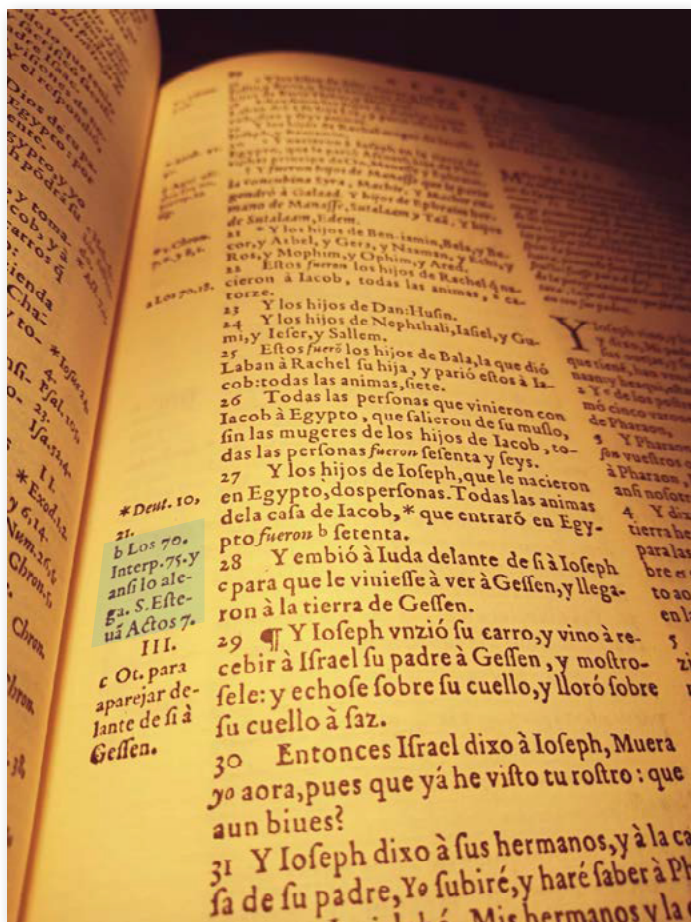
próprio da Bíblia (reproduzido nas edições modernas), a diferença entre as duas Bíblias não poderia ser mais insignificante. Basta esperar que o texto original de Casiodoro e o texto “original” de Valera sejam colocados em linguagem digital para determinar a porcentagem quantitativa e qualitativa das alterações introduzidas por Valera.

Não seria surpresa alguma se – exceto pelos detalhes de ortografia ou evidentes erros tipográficos – a porcentagem de alterações introduzidas por Valera no texto bíblico não superasse 0,5%!

Já é tempo de deixar de aclamar a participação de Cipriano de Valera como coautor da Bíblia do Urso, visto que se trata de uma versão exclusiva de Casiodoro de Reina: a saber, de um crente independente e honesto que, se os desejos de Valera e seus amigos calvinistas tivessem se tornado realidade, nunca poderia ter levado a bom termo uma tradução tal que nem Cipriano de Valera (cujo estilo era capaz de fazer uma pessoa dormir em pé) nem nenhum outro protestante espanhol do século XVI teria sido capaz de realizar, privando assim as pessoas de fala espanhola do passado e do presente de um inestimável monumento em seu idioma.

Muito já lhes privaram nos séculos passados os algozes da “Santa” Inquisição e também, em tempos mais modernos, os não poucos eruditos como Martín

texto grego mais fiel, estabelecido mediante uma metodologia sistemática que avaliasse todas as referências de evidência manuscrita. E as próprias palavras de



Bíblia do Urso – Gênesis 46

Casiodoro nos mostram que ele pensava desta forma: “...Isso é o mais importante daquilo que até o presente nos pareceu que devíamos prestar contas de nossa versão à Igreja do Senhor, por cujo bem e consolo temos trabalhado: No tocante a nós, ter assumido um empreendimento tão grande com forças tão pequenas pode ser considerado uma temeridade – principalmente por aqueles que não apreciam nada, por aqueles que pouco ou nada sabem agradecer (mesmo aquilo que utilizam) ou por aqueles que, sendo mais doutos, não esperam tirar nenhum proveito ou contentamento de nosso trabalho. Mesmo com tudo isso, ainda tem remédio o que essa nossa temeridade possa ter feito de errado. Em primeiro lugar porque, tendo feito com toda a fidelidade tudo o que podíamos, nenhuma crítica sã jamais nos ofenderá pelo que nossas forças não alcançaram. A quem puder e quiser fazer melhor, nosso presente trabalho não irá obstruir; pelo contrário, irá lhe ajudar com as próprias falhas e erros que tiver. Em segundo lugar, porque não

pretendemos impor regra à Igreja, para que ela tenha necessariamente que classificar e canonizar nossa versão como infalível. Só pretendemos ajudar com o que pudermos, pouco ou muito, até que Deus conceda provisão mais abundante para sua Igreja. Em terceiro lugar, porque (para quem nos quiser corrigir com amor), pela graça de Deus, não estamos entre aqueles que, com ou sem razão, pensam tanto de si que consideram ter concluído totalmente o que sai de suas mãos, como se nada se lhe pudesse acrescentar ou retirar. Confessamos que poderia haver muitos outros compatriotas agraciados com maiores dons de Deus para essa tarefa, mas Deus não lhes deu nem o querer nem a coragem, ocupados porventura com outras coisas a seu parecer mais importantes; tampouco temos por que nos intrometer nesse julgamento, pois eles é que sabem que contas prestarão no juízo de Deus acerca do bom ou mau emprego de seus dons. Quanto a nós é certo, e disso nos dará fiel testemunho o Senhor um dia, que – visto que nenhum desses doutíssimos que poderiam ter feito melhor ousou encarregar-se de uma obra tão necessária para o avanço do Reino e para a glória do Senhor – a dor da necessidade que a Igreja padecia nesse sentido nos deu o ânimo que nunca nos poderia dar a mera consideração de nossas forças, tanto para começar esta obra como para fazê-la chegar a este ponto. E não temos dúvida alguma de que nosso trabalho tenha sido agradável a Deus, pois ele nos deu a contínua assistência de seu favor, mediante o qual pudemos levar um fardo tão pesado, tão estorvado por Satanás e tão pouco ajudado por irmãos por tantos dias”.



De todos os ângulos, é lamentável que aqueles que mantêm o benefício comercial dessa grande versão tenham privado o leitor dessa edificante admoestação introdutória que retrata Casiodoro como um crítico textual íntegro.

Para sua tradução do Velho Pacto ele teve a ajuda da antiga tradução espanhola do Antigo Testamento (a qual não seguiu muito). Também utilizou o texto hebraico e a LXX, a tradução de Sanctes Pagnino e a Bíblia de Ferrara. Para o Novo Pacto ele tinha os textos gregos (possível referência ao Novo Testamento de Erasmo).

O português João Ferreira Annes D'Almeida nasceu em 1628 em Torre de Tavares, aldeia pobre de gente do campo e pastores de rebanhos próxima de Lisboa. Após a morte dos pais ainda jovens, foi morar em Lisboa em casa de um tio clérigo, e lá foi educado.

Não se sabe se foi por espírito de aventura ou para ganhar a vida (como soldado ou comerciante), mas o fato é que, em 1641, com menos de 14 anos, ele já estava em Batávia (atual Jacarta, capital da Indonésia) e pouco depois em Malaca (cidade da atual Malásia, fronteira à Indonésia), territórios que na época pertenciam à Holanda. Lá se converteu com a leitura de um folheto espanhol, se unindo à igreja protestante calvinista local.

Surpreendentemente, Almeida começou a traduzir a Bíblia para o português com 16 anos, sendo o mais jovem tradutor da Bíblia de que se tem notícia até hoje. Traduziu o Novo Testamento a partir das versões e idiomas que conhecia na época. Almeida não teve formação acadêmica regular como a concebida hoje. Tanto que o pesquisador Herculano Alves afirma:

“Não acreditamos que Almeida soubesse hebraico para traduzir diretamente desta língua o AT. O que ele utilizou, certamente, foram diferentes Bíblias, sobretudo a holandesa e a espanhola de Reina-Valera. Quanto ao Novo Testamento, pensamos que estaria em condições para cotejar, pelo menos, o seu texto pelo grego (...) esta é uma das nossas maiores desilusões, pois pensávamos que Almeida tinha traduzido o seu texto diretamente dos originais (...) Mas tampouco queremos culpar Almeida por este fato, pois as circunstâncias em que lhe tocou viver não lhe proporcionaram os meios necessários para se especializar nas línguas hebraica e grega”. (p. 530-531)

Almeida disse:“(…) me pus logo (ao 1644, e de minha idade o 16) com todas as minhas forças, a traduzir do latim do mui reverendo e douto Pe. Theodoro de Beza todo o inteiro Novo e Sacro S. Testamento (...) ajudando-me também, para isso, das versões espanhola, francesa e italiana, que eram as que também então melhor entendia” (p. 455). Já antes dele se fizeram traduções manuscritas de partes da Bíblia para o português, mas a grande inovação de Almeida foi conceber um projeto para uma tradução completa da Bíblia.

ALMEIDA AFIRMOU: “SE O SENHOR ME CONCEDER VIDA, TEMPO E SAÚDE, EU ESPERO COM TODAS AS MINHAS FORÇAS, EMBORA SEJAM POUCAS, (...) HONRAR-VOS COM O TEXTO INTEGRAL DA SAGRADA ESCRITURA NA VOSSA LÍNGUA MATERNA; ISTO SERÁ O MAIOR DOM E O TESOURO MAIS PRECIOSO QUE EU SEI, NINGUÉM VOS PODIA DAR” (P. 313-314).

Além de tradutor, a princípio foi visitador de doentes e diácono, depois pastor e missionário no Ceilão (atual Sri Lanka, ao sul da Índia), percorrendo diariamente os hospitais e casas de doentes, animando e consolando a todos com as suas orações e exortações. Contudo, não aceitava de bom grado os trabalhos servis e constantemente se indispunha com seus líderes da igreja.

“Fervia em pouca água, defeito que o acompanhou por toda a sua vida; [não obstante] era de uma persistência impressionante (...) nunca parou de insistir e persistir e lutar pela obra à qual estava completamente dedicado, [além de ser de uma] inteligência privilegiada, sobretudo para as línguas (efetivamente, vemo-lo a pregar em português, francês, espanhol, italiano e holandês) [e] sempre foi um modelo (...) no amor à Palavra de Deus” (p. 168, 169, 533)



Em 1668, aos 40 anos de idade, concluiu a tradução do Novo Testamento a partir do grego. Contudo, o NT só foi publicado 13 anos depois, devido a morosidades de revisão por seu presbitério na Batávia. Irritado, tentou libertar-se da autoridade destes, enviando o manuscrito para a Holanda a fim de lá ser impresso.

Quando finalmente, em 1681, foi publicado o Novo Testamento de Almeida em português em Amsterdam,

“o NT deixou-lhe amargos de boca, devido aos revisores holandeses. Os da Holanda deixaram a obra mal revista e os de Batávia nunca mais acabavam de a rever. Além disso, o NT estava cheio de erros introduzidos pelos revisores na Holanda... O resultado da comunicação de Almeida foi a destruição de todos os exemplares que ainda não tinham saído da Holanda... o fato de esta ser a única obra bíblica publicada em vida de João Ferreira d’Almeida ... constituiu para ele um rude golpe” (p.267-268).

Felizmente, algumas Bíblias se salvaram e foram feitas correções a mão a fim de salvar a obra.

O motivo foi que provavelmente “os revisores nunca confiaram muito nas capacidades de tradutor de Almeida, por motivos técnicos e/ou ‘políticos’” (p. 480). “Como Almeida não era muito servil à versão holandesa, em 1667, as autoridades eclesiásticas da Holanda recusaram publicar o seu NT por não seguir essa versão” (p. 481). Assim, “Os ‘revisores’ de Almeida são, em parte, cotradutores” (p.470). Foram cerca de 14 revisores, a maioria holandeses.

“Pena foi que ele realizasse apenas parte do projeto e que praticamente toda a sua obra ficasse nas mãos estrangeiras dos holandeses que deturparam, em parte, a sua tradução. Neste sentido, não podemos falar, com toda a verdade, da Bíblia de Almeida como falamos da Bíblia de Casiodoro de Reina ou da Bíblia do Padre António Pereira de Figueiredo, por exemplo” (p.530).

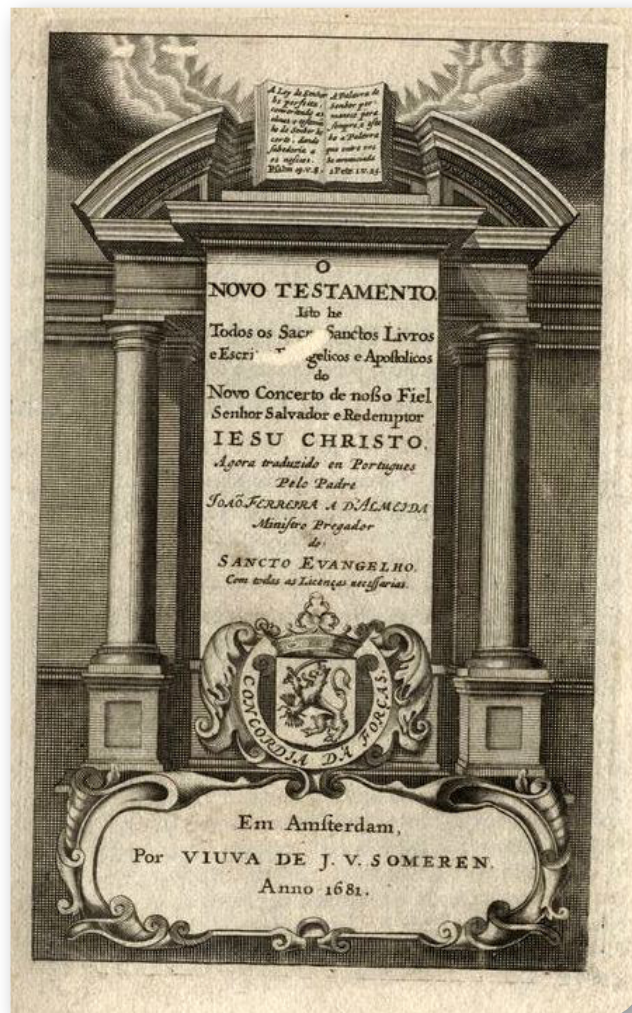
Infelizmente, Almeida morreu aos 63 anos, em 1691, sem ter terminado de traduzir o Antigo Testamento (quase terminou o livro de Ezequiel, Ez 48.25) sendo o restante traduzido pelo holandês Jacobus op den Akker, com conclusão em 1693. No entanto, a publicação do AT também foi lenta: o Antigo Testamento a princípio foi publicado em 2 volumes (Gênesis a Ester em 1748, Jó a Malaquias em 1753), sendo a Bíblia completa em 1 volume com revisão ortográfica publicada apenas em 1819, 57 anos após sua morte.

Apesar de tudo, a obra de Almeida foi bem menos conhecida em Portugal do que nas Índias Orientais holandesas. Ela só foi introduzida em sua terra natal por volta de 1800, quando tropas inglesas vieram a Portugal por causa das invasões napoleônicas e a Sociedade Bíblica de Londres aproveitou para trazer Bíblias editadas na Inglaterra, por iniciativa de oficiais do exército inglês e de vendedores ambulantes. Tal demora se deveu à oposição católica às “Bíblias falsificadas, viciadas e truncadas pelos protestantes” em idioma vulgar. Difícilmente Almeida imaginou que sua Bíblia chegasse a Portugal, pensando mais nas colônias holandesas onde houvesse portugueses, “e, no entanto, foi o seu Portugal que lhe ‘salvou’ a Bíblia; pois, com a ausência dos portugueses e a consequente desaparecimento da língua portuguesa no Oriente, teria desaparecido a sua tradução da Bíblia” (p. 255), que hoje abençoa cerca de 250 milhões de falantes de português no mundo todo.

Com todas as alterações introduzidas pelos holandeses, que não tinham conhecimento nativo do português, a Bíblia de Almeida foi:

“de tal modo transformada, que o original de Almeida quase não se identifica com as edições atuais, todas atribuídas a ele (...) Este fato inegável leva-nos a questionar, se não a legitimidade, pelo menos a oportunidade de continuar a editar um texto que tem uma história inigualável, mas que julgamos ter chegado ao fim (...) Depois de tantas revisões e adaptações, não será a altura de as editoras que tradicionalmente o editam procurarem outro texto?” (p. 532-533).

BIBLIOGRAFIA: ALVES, Herculano. *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2014.



Restauração textual

A CRÍTICA

A **crítica textual** é o conjunto de operações exercidas sobre um ou mais textos (alterados por diversos acontecimentos sofridos desde o momento em que foram escritos até chegarem até nós) a fim de restituir o que se considera ser sua forma original. Não confundir *crítica textual* com *alta crítica*.

Mediante a indagação das cópias divergentes, a crítica textual busca estabelecer qual forma de texto deveria ser considerada a mais próxima do original. Em alguns casos, as evidências se acham tão igualmente divididas que fica extremamente difícil decidir entre duas variantes. Em outros casos, o crítico pode chegar a uma decisão baseada em razões mais precisas que o movem a preferir ou rejeitar uma variante em favor da outra. Este criticismo, que trata da origem e da natureza de todas as formas de um texto bíblico específico, envolve discussões acerca de sua suposta forma original e da análise dos diferentes representantes (documentos) do texto bíblico variante. Essa análise inclui uma discussão sobre a relação intertextual, avaliando ao mesmo tempo as circunstâncias do processo de cópia e os procedimentos de transmissão envolvidos. A crítica textual não apenas coleta informação sobre as variantes que surgem entre os diferentes documentos textuais, como também os avalia dentro de parâmetros racionalmente determinados.

DIFERENÇAS ENTRE OS DOCUMENTOS

O texto bíblico tem sido transmitido em muitas fontes manuscritas, antigas e medievais, que vieram a ser conhecidas por nós através de edições modernas impressas em diferentes idiomas, tais como a Bíblia Hebraica Stuttgartensia e o *Novum Testamentum Graece*. Hoje temos manuscritos em hebraico, grego antigo e outras línguas da Idade Média, bem como fragmentos de pergaminho e rolos de papiro de mais de dois mil anos. Essas fontes lançam luz sobre o texto original, daí o nome de “documentos

TEXTUAL



textuais”. Devido às dificuldades que apresenta a cópia manuscrita, os documentos diferem uns dos outros; e, como nenhuma dessas fontes textuais reflete fiel e totalmente o texto original, qualquer opinião séria necessita de um estudo minucioso de cada uma das fontes, incluindo todas as diferenças. A análise e avaliação comparativa dessas diferenças ocupam um lugar primordial no criticismo bíblico, conhecido como seleção de variantes.

METODOLOGIA

Dentro das orientações que o crítico textual deve seguir estão as chamadas categorias de avaliação, que são de dois tipos:

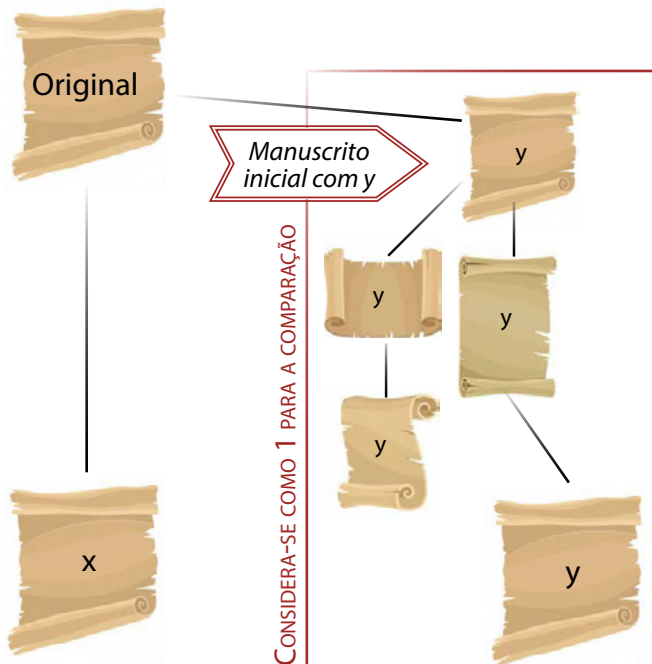
1. EVIDÊNCIAS EXTERNAS

a. Data e caráter do documento.

Em geral, os manuscritos mais antigos são menos propensos aos erros produzidos pela repetição de cópias. Não obstante, mais importante que a antiguidade do documento é a antiguidade e o caráter do tipo de texto que ele representa, bem como a fidelidade do copista ao produzir o manuscrito.

b. Relação genealógica de textos, grupos e “famílias” de documentos.

A simples quantidade de documentos em respaldo de uma variante textual não necessariamente demonstra sua superioridade em relação a outra variante.



Por exemplo, se em uma frase específica a leitura “y” está respaldada por 20 manuscritos e a leitura “x” apenas por um manuscrito, o respaldo numérico relativo que favorece “y” não tem muito valor caso se comprove que os 20 manuscritos são cópias provenientes de um mesmo original que não existe mais, cujo escriba introduziu a princípio essa variante específica. Nesse caso, a comparação deverá ser feita entre o manuscrito que contém a leitura “x” e o único documento ancestral dos 20, que contém a leitura “y”.

A ALTA CRÍTICA

A alta crítica se dedica ao estudo de problemas de composição, incluindo o autor, o momento, o lugar e as circunstâncias em que se escreveu o material em questão. Também tem a ver com a validade histórica do escrito. Ela se originou com as investigações de um grupo de eruditos bíblicos alemães (Schleiermacher, Strauss e Feuerbach) que, no final do século XVIII e início do século XIX, começaram a analisar os arquivos históricos do Oriente Médio da época de Cristo e do Antigo Testamento em busca de uma confirmação independente dos acontecimentos relatados na Bíblia.

Esses críticos consideravam a verdade com algo que Deus havia deixado para o homem descobrir, colocando em conflito a teologia desse grupo com o evangelicalismo e fazendo deles os descendentes intelectuais de Locke, Hume, Kant, Lessing, Fichte, Hegel e os racionalistas franceses.

Suas ideias foram comunicadas na Inglaterra primeiramente por Coleridge e depois, mais diretamente, pelas traduções de George Eliot de *A vida de Jesus* (1846) de Strauss e de *A essência do cristianismo* (1854) de Feuerbach. Strauss foi o primeiro a descrever totalmente o Jesus histórico (strausismo). Feuerbach foi mais radical em defender a ideia de que o homem criou Deus para expressar sua divindade interior e que o princípio, meio e fim da religião é o homem.

Hoje em dia, a alta crítica está se introduzindo com sutileza nas igrejas cristãs, seminários e institutos bíblicos.



Ludwig Andreas Feuerbach
(1804-1872)



David Friedrich Strauss
(1808-1874)



c. Os documentos devem ser avaliados antes de ser considerados.

O princípio enunciado no ponto anterior precisa ser desenvolvido: os documentos amplamente considerados fiéis em casos específicos devem ser considerados como predominantes nos casos em que os problemas textuais são ambíguos e de solução incerta. Contudo, como o peso relativo dos tipos de evidências difere entre os distintos tipos de variantes, não se deve realizar uma mera avaliação mecânica das evidências. Cada caso deve ser considerado de forma particular.

2. EVIDÊNCIAS INTERNAS

A evidência interna envolve dois tipos de probabilidades:

a. Probabilidades de transcrição (que dependem dos hábitos dos escribas) e condição paleográfica do manuscrito.

Em geral, prefere-se a leitura mais difícil, principalmente quando o sentido parece ser errôneo a princípio, mas em considerações posteriores prova ser o correto (a expressão *mais difícil* significa aquela leitura que deve ter sido mais difícil de aceitar para o escriba, o qual poderia sentir-se inclinado a fazer uma alteração). A maioria das alterações mostra grande superficialidade, às vezes se unindo a interpolações numa tentativa de melhorar o texto.

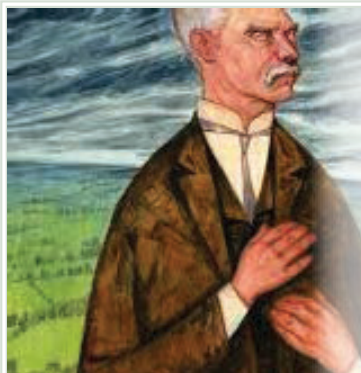
Obviamente a categoria *leitura mais difícil* é relativa, e às vezes se alcança um ponto em que a leitura em questão é tão difícil que só pode ter surgido

por um acidente de transcrição. Em geral, também se prefere a leitura mais curta, exceto quando o olho do copista possa ter passado inadvertidamente de uma palavra para outra por ter uma ordem parecida de letras ou quando o escriba possa ter omitido material por considerá-lo superficial, tosco ou contrário a crenças religiosas, usos litúrgicos e práticas ascéticas. Como a tendência do escriba era harmonizar divergências entre passagens paralelas e citações do Velho Pacto, a leitura com divergência verbal é preferida à leitura concordante. Os escribas costumavam substituir palavras raras por sinônimos mais familiares; alteravam formas gramaticais toscas ou expressões lexicográficas pouco elegantes de acordo com suas preferências expressivas; e acrescentavam pronomes, conjunções e redundâncias a fim de suavizar o texto.

b. Probabilidades intrínsecas dependentes de considerações a respeito do que é que o autor deve ter escrito.

Nesses casos, o crítico textual leva em conta:

- *Em geral*: O estilo e vocabulário do autor ao longo do livro, o contexto imediato e a harmonia com o estilo do autor em outras partes; e
- *Nos evangelhos*: O contexto do aramaico nos ensinamentos de Jesus, a prioridade do Evangelho segundo Marcos, e a influência da comunidade cristã com respeito à formulação e transmissão da respectiva passagem.



A crítica textual não é um ramo da matemática e, definitivamente, não é uma ciência exata. Ela trata de assuntos que não são rígidos e constantes como as linhas e os números,

mas sim fluidos e variáveis; ela trata principalmente das fragilidades e aberrações da mente humana e de seus subordinados servos, os dedos humanos. Portanto, a crítica textual não é suscetível a regras estritas e incisivas. Seria muito mais fácil se fosse assim, e é por isso que alguns pretendem que seja assim, ou pelo menos se comportam como se fosse assim. É claro que você pode ter regras estritas se assim desejar, mas então terá regras falsas, e elas o guiarão mal, porque sua simplicidade não se mostrará aplicável a problemas que não são simples, mas sim complexos por causa do papel da personalidade. Um crítico textual envolvido em seu trabalho não é, de forma alguma, como Newton investigando o movimento dos planetas, e sim como um cachorro procurando pulgas... Se um cachorro tentasse procurar pulgas baseado em princípios matemáticos, segundo suas investigações estatísticas de densidade populacional, jamais pegaria uma única pulga, salvo por acidente. Elas precisam ser tratadas individualmente, e cada problema que surge diante do crítico textual deve ser considerado, o máximo possível, como único.

A. E. Housman

É evidente que nem todos esses critérios são aplicáveis em cada caso. O crítico textual deve reconhecer quando é necessário dar maior atenção a um tipo de evidência e menor atenção a outro.

Como a crítica textual é, ao mesmo tempo, uma arte e uma ciência, é comum que, em alguns casos, os eruditos cheguem a diferentes avaliações quanto ao significado das evidências. Essas divergências se tornam quase que inevitáveis quando (como às vezes acontece) as evidências estão tão confrontadas que, por exemplo, a leitura mais difícil é encontrada nos documentos mais recentes, ou a leitura mais longa só é encontrada nos documentos mais antigos.

Romanos 10.17

A ARC registra:

De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Deus.

A variante *Cristo* está fortemente respaldada por documentos antigos e diversos como o \mathfrak{P}^{46} , e os Códices Sinaítico (\aleph), Vaticano (B), *Ephraemi Rescriptus* (C) e Claromontano (D) entre outros. O *Textus Receptus* – seguindo os Códices Alexandrino (A), de Moscou (K) e *Athous Lavrensis* (Ψ), os minúsculos 33, 614 e 1241 entre outros, e as correções feitas aos Códices Sinaítico (\aleph^c) e Claromontano ($D^{c,d}$), registra Deus. A expressão *Palavra de Cristo* somente ocorre aqui no Novo Pacto, enquanto que *Palavra de Deus* é uma expressão mais familiar (Jo 3.34; Lc 3.2; Ef 6.17; Hb 6.5; 11.3). A omissão de *Cristo* (ou *Deus*) em ancestrais de vários Documentos Ocidentais (G, itg, Ambrosiaster, Hilário, Pelágio) deve-se atribuir a um descuido.

Assim que a fé vem pelo que se ouve, e o que se ouve através da Palavra de CRISTO.

Mateus 23.35

A ARC registra:

...para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a que matastes entre o santuário e o altar.

Zacarias, *filho de Baraquias* (Zc 1.1), não é o Zacarias a quem Mateus se refere em sua narrativa, visto que ele não foi morto “entre o santuário e o altar”. Jesus demanda dos escribas e fariseus “o sangue justo que está sendo derramado sobre a terra”, cumprindo assim a petição feita por Zacarias, *filho de Joiada* (2Cr 24.20-22). Desde tempos antigos, as palavras *filho de Baraquias* foram acrescentadas como nota marginal por um copista em \aleph (M-01A), provavelmente contrariado pela sentença “YHVH o veja e o demande!” registrada em 2Cr 24.20-22 e vista e demandada pelo Filho de Deus (YHVH feito carne!). A caligrafia desta inserção é completamente distinta do texto do documento. A omissão está respaldada pelo minúsculo 59 (*Códice Demidorianus*), pelos lecionários $\mathfrak{L}6$, $\mathfrak{L}13$ e $\mathfrak{L}185$, e pelo historiador Eusébio. Tampouco a passagem paralela, localizada em Lc 11.51, registra “filho de Baraquias”. É de fazer notar que entre o *filho de Joiada*, contemporâneo do rei Joás (que viveu antes do cativo) e o *filho de Baraquias* profeta da restauração (que viveu depois do cativo) há uma diferença de 300 anos.

...para que venha sobre vós todo o sangue justo que está sendo derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, a quem assassinastes entre o santuário e o altar.



Porque **estou certo** de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir...

A VOZ PASSIVA É:

- **FREQUENTE** NOS EVANGELHOS E NAS EPÍSTOLAS.
- **REVELA** UMA DIMENSÃO TEOLÓGICA IMPORTANTÍSSIMA.
- AO OMITI-LA SE DILUI A AÇÃO INVISÍVEL DE UM TERCEIRO.

Dizer que Paulo “**está certo**” não é a mesma coisa que dizer que “**foi persuadido**”
(Rm 8.38-39)

Porque **tenho sido persuadido** de que nem morte nem vida, nem anjos nem governantes, nem o presente nem o porvir, nem as potestades...

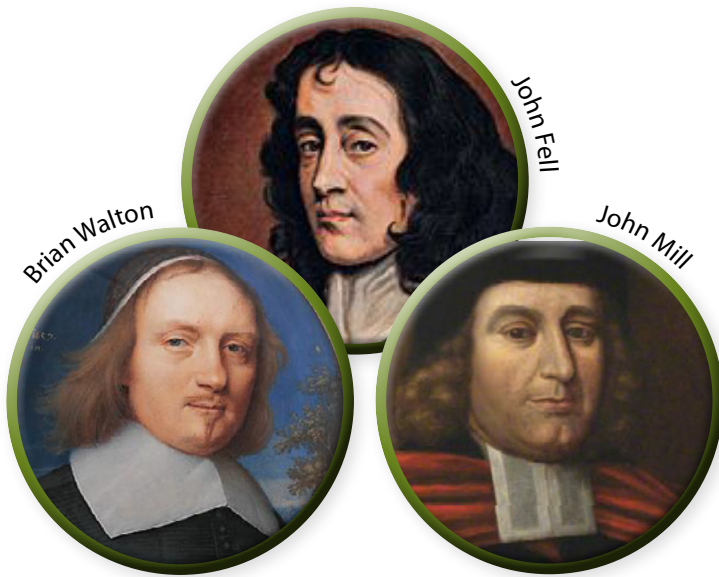
PRESERVAR ESTILO É PRESERVAR SENTIDO

O Novo Testamento Crítico

Os feitos mais sobressalentes na história dos homens que aplicaram a ciência e a arte da Crítica Textual na busca por restaurar o texto grego do Novo Testamento podem ser resumidos mais ou menos assim:

Período Pré-Crítico

Durante os séculos XVII e XVIII, um pequeno grupo de eruditos conseguiu reunir um considerável número de informações de muitos manuscritos, bem como das versões antigas e da patrologia grega. Porém, com exceção de dois ou três editores que timidamente se atreveram a corrigir alguns dos erros mais notórios do *Textus Receptus*, essa degradada forma de Novo Testamento continuou sendo reimpressa, edição após edição, sendo perpetuada nas versões clássicas dos idiomas vernáculos da Europa.



1655 - 1812

Walton	Bentley	Semler
Fell	Mace	Bowyer
Mill	Bengel	Harwood
Wells	Wettstein	Griesbach

Período Crítico

Lachmann, o precursor

Só na primeira par- do século XIX foi que o eru- dito clássico alemão Karl Lachmann se aventurou a aplicar os critérios que havia utilizado na edição de textos gregos clássi- cos. Lachmann foi o primeiro erudito a quem se reconheceu ter-se



apartado totalmente do *Textus Receptus*. Ele demons- trou, por comparação de manuscritos, como estes podiam ser remontados até seus arquétipos perdi- dos, inferindo sua condição e paginação. Ao editar seu Novo Testamento, a intenção de Lachmann não era reproduzir o texto original (o que considerava um trabalho impossível), mas sim apresentar, com puras evidências documentadas e à parte de qual- quer edição previamente impressa, o tipo de texto corrente da cristandade oriental no final do século IV.

Apesar dos muitos obstáculos que encontrou duran- te seu trabalho e apesar das limitações de sua obra, o parecer da maioria dos eruditos está de acordo com a avaliação que F. J. A. Hort fez de Lachmann e sua obra: "Um novo período começou em 1831 quando, pela primeira vez, um texto foi construído diretamente a partir de documentos antigos, sem a intervenção de nenhuma edição impressa, e quando foi feita a primei- ra tentativa sistemática de substituir a escolha arbitrá- ria pelo método científico na discriminação de varian- tes textuais".

Achados providenciais

O homem com quem os críticos textuais modernos do Novo Testamento mais se encontram em dívida é, sem dúvida, Lobegott Tischendorf (1815-1874). Esse eru- dito buscou e publicou mais manuscritos e produziu



mais edições críticas da Bíblia grega do que nenhum outro jamais fez. Entre 1841 e 1872, ele produziu oito edições do Novo Testamento Grego (algumas das quais foram reimpressas sozinhas ou junto com versões alemãs e latinas), bem como 22 volumes de manuscritos de textos bíblicos. O número total de seus livros e artigos, ressaltando que a maioria deles está relacionada com a crítica bíblica, supera 150.

Enquanto estudava teologia em Leipzig de 1834 a 1838, o jovem Tischendorf esteve sob influência de Johann Winer, cuja gramática do Novo Testamento Grego alcançou numerosas edições e permaneceu como normativa por várias gerações. Winer soube infundir em seu pupilo a paixão pela busca e aplicação crítica dos documentos mais antigos para reconstruir a forma mais pura da Escritura grega. O jovem erudito se dedicou a essa tarefa com grande paixão. Escrevendo a sua noiva em certa ocasião, ele declarou: *"...estou confrontado com um labor sagrado: a luta por recuperar a forma original do Novo Testamento"*.

Aos 25 anos de idade, Tischendorf decifrou o palimpsesto *Códice Ephraemi Rescriptus*; viajou extensamente por toda a Europa e Oriente Próximo em busca de manuscritos novos e antigos, achou-os, examinou-os e editou-os. Prosseguiu incansável até que, finalmente, em 1859, no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, descobriu o documento que ostenta a primazia entre os documentos mais fiéis e antigos do Novo Testamento: o *Códice Sinaítico*. A história desse achado é apaixonante e merece ser narrada com certo detalhe.

Abnegação

Na Inglaterra, o erudito que, em meados do século XIX, teve mais êxito em afastar a preferência inglesa pelo *Textus Receptus* foi Samuel Tregelles (1813-1875). Com menos de 20 anos, ele começou a fazer planos para uma edição crítica do Novo Testamento. Sem saber, desenvolveu, em paralelo e com semelhança assombrosa aos de Lachmann, os princípios de crítica textual. Daí em diante,

O descobrimento do Códice Sinaítico

Em 1844, quando Tischendorf ainda não tinha 30 anos e trabalhava como catedrático da Universidade de Leipzig, ele começou uma longa viagem pelo Oriente Próximo em busca de manuscritos bíblicos. Tendo obtido trabalho com simples lavador de pratos no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, teve a oportunidade de observar um cesto de lixo contendo algumas folhas de pergaminho, as quais seriam usadas para alimentar o fogo do aquecedor. Ao examiná-las, as folhas mostraram ser parte de uma cópia da Versão Septuaginta (LXX) do Antigo Testamento. Tischendorf conseguiu retirar do cesto nada menos que 43 folhas, enquanto os monges comentavam casualmente que dois cestos como aquele haviam acabado de ser queimados na lareira! Momentos depois, quando lhe mostraram outras porções do mesmo códice (que continha todo livro de Isaías e o quarto livro de Macabeus), ele advertiu aos monges que tais coisas eram demasiado valiosas para alimentar o fogo. Com as 43 folhas que lhe foi permitido guardar (que continham porções do primeiro livro de Crônicas, Jeremias, Neemias e Ester), ele fez uma publicação em 1846, nomeando esses documentos como *Códice Frederico Augustanus*. Em 1853, Tischendorf voltou a visitar o mosteiro com esperança de encontrar outras porções do mesmo manuscrito. Porém, a euforia demonstrada com o achado anterior havia tornado os monges mais cautelosos e reservados, e ele não pôde conseguir mais nada do manuscrito. Em 1859, dessa vez patrocinado pelo czar da Rússia, suas viagens o levaram novamente ao Monte Sinai. Detendo-se ali por um curto tempo, um dia antes de partir, Tischendorf apresentou ao abade do mosteiro uma cópia da edição da Septuaginta que havia publicado recentemente em Leipzig. Foi então que o abade comentou que também possuía uma cópia de um texto parecido. Logo em seguida, retirou de seu armário um grande livro envolto em um tecido vermelho e ali, diante dos olhos atônitos do erudito, repousava o tesouro que por tanto tempo desejava



Códice Sinaitico



Mosteiro de Santa Catarina. Península do Sinai, Egito.

encontrar. Tratando de controlar suas emoções e aparentando normalidade, Tischendorf pediu para folhear o códice “rapidamente”, e logo que se retirou para seu aposento passou toda a noite sem conseguir fechar os olhos, é claro, com a felicidade indescritível de estudar o manuscrito, como ele mesmo nos declara em seu diário: “quippe dormire nefas videbatur” (“de fato, teria sido um sacrilégio dormir”). Durante essa noite, pôde comprovar que o documento continha muito mais do que esperava, pois não apenas continha a maior parte do Antigo Testamento, como também o Novo Testamento se encontrava completo, intacto e em excelente estado de conservação, com o acréscimo de dois trabalhos cristãos do século II: a Epístola de Barnabé e uma longa porção de O Pastor

de Hermas (até então conhecido apenas por seu título). Na manhã seguinte, Tischendorf tentou comprar o manuscrito, mas sem sucesso.

Assim, insistiu e pediu permissão para levar o documento até Cairo a fim de estudá-lo, mas também não lhe foi concedida, tendo de partir sem ele. Dias depois, porém, enquanto se encontrava em Cairo, lugar onde os monges também tinham um pequeno mosteiro, Tischendorf pediu ao superior do lugar para trazer o manuscrito. O abade aceitou, com a condição de que o livro fosse seccionado e suas partes fossem transportadas por mensageiros beduínos, os quais trariam e devolveriam o manuscrito caderno por caderno (oito a dez folhas de cada vez), enquanto Tischendorf o copiava. Tendo por copistas um farmacêutico e um bibliotecário (dois alemães residentes no Cairo que tinham conhecimentos de grego) e sob a cuidadosa supervisão de Tischendorf, ele começou seu trabalho de transcrever as 110.000 linhas do texto, trabalho que terminou em um período de 60 dias. A próxima etapa de negociações envolveu o que, eufemisticamente, poderíamos chamar de “diplomacia eclesiástica”. Naquela época, o cargo de maior autoridade do mosteiro do Sinai se achava vago, pelo que Tischendorf sugeriu que seria muito vantajoso para eles dar um presente apropriado ao czar da Rússia, cuja influência como protetor da igreja grega os monges desejavam manter. E que melhor presente para o monarca do que o velho manuscrito? Depois de longas negociações, o precioso códice foi entregue nas mãos de Tischendorf para ser publicado em Leipzig, a fim de apresentá-lo em breve ao czar em nome dos monges. Não obstante, a publicação definitiva do códice foi feita pela Universidade de Oxford e teve de esperar até 1911 para o Novo Testamento e até 1922 para o Antigo Testamento.

Em meio à revolução bolchevique, não estando interessada em textos bíblicos e tendo necessidades econômicas, a Rússia negociou sua venda para o Museu Britânico por 100.000 libras, preço que foi dividido entre o governo inglês e uma subscrição individual e congregacional na Inglaterra e Estados Unidos. No final do ano de 1933, o *Codex Sinaiticus* foi depositado no Museu de Londres e hoje permanece na Biblioteca Pública de Londres.

Samuel Tregelles



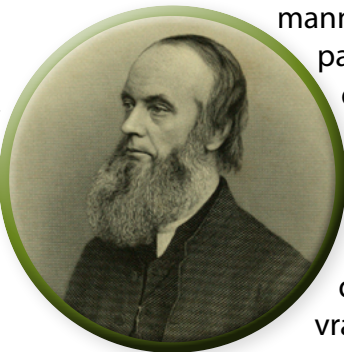
Tregelles se dedicou à comparação dos manuscritos gregos, viajando extensamente por toda a Europa com esse propósito. Seu cuidadoso e sistemático exame de quase todos os unciais (maiúsculos) conhecidos até então e de vários minúsculos importantes

resultou na correção de muitas citações erradas de antigos editores. Ele também revisou novamente as citações do Novo Testamento que se encontram nos escritos da patrologia grega até Eusébio, bem como as versões antigas até que, finalmente, produziu uma edição que publicou entre 1857 e 1872. Apesar de sua pobreza, oposições e enfermidades, Tregelles pôde superar todas as dificuldades e dedicou todo o tempo de sua vida a trabalhos meticolosos sobre o texto do Novo Testamento como um ato de adoração e compromisso com Deus, como declara no prefácio de sua edição: "... em plena fé de que, ao servir sua Igreja, será para o serviço de Deus".

Valor

Também merece menção Henry Alford (1810-1871), um ardente defensor dos princípios da crítica textual formulados por aqueles que, como Lachmann, segundo suas próprias palavras, "...havia trabalhado na demolição da imerecida e pedante reverência pelo *Textus Receptus*, o qual obstruiu o caminho de toda possibilidade de descobrir a genuína Palavra de Deus".

Henry Alford



A força do método genealógico

Para a ciência da crítica textual, o ano de 1881 tem um significado especial devido à publicação da mais notável edição crítica do Testamento Grego jamais produzida. Depois de 28 anos de trabalho, B. Westcott (1825-1901) e F. Hort (1828-1892), ambos professores em Cambridge e eruditos em filologia grega, produziram em dois volumes O Novo Testamento em Grego Original. Diferentemente de editores anteriores, Westcott e Hort não se

voltaram para a comparação de nuscritos, tampouco criaram um aparato crítico. Em vez disso, utilizando coleções de variantes textuais prévias, aperfeiçoaram a metodologia crítica desenvolvida por Griesbach, Lachmann e outros, e a aplicaram rigorosamente, mas com discriminação, aos documentos do Novo Testamento.

Os princípios e procedimentos da crítica textual elaborada por eles são demasiadamente extensos para serem explicados em detalhes, mas podem ser resumidos como eles mesmos determinaram em sua introdução, a saber:

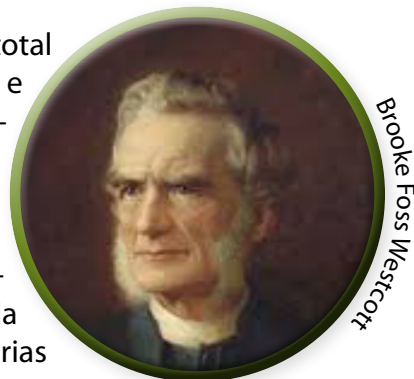
- (a) As evidências internas da leitura;
- (b) as probabilidades intrínsecas e de transcrição;
- (c) os grupos de evidências internas; e
- (d) as evidências genealógicas.

Olhando retrospectivamente, ao avaliar a obra de Westcott e Hort, pode-se dizer que os eruditos de hoje concordam que sua principal contribuição foi a clara demonstração de que o texto bizantino era posterior a outros textos.

Três formas principais de evidências respaldam esse parecer:

- (1) O texto bizantino contém leituras combinadas ou fundidas que são claras composições de elementos de outros textos mais antigos;
- (2) nenhum dos pais do período antenicensino cita leitura alguma do texto bizantino; e
- (3) na comparação das leituras bizantinas com outras rivais, sua aspiração de ser aceita como original se vê gradualmente diminuída e finalmente desaparece.

Não é surpresa que a total rejeição que Westcott e Hort mostraram em relação às aspirações do *Textus Receptus* de ser o Original do Novo Testamento foi vista com alarme por muitos homens da igreja, encontrando sérias



Brooke Foss Westcott

Fenton John Anthony Hort



A força do método genealógico

Eliminação de "unigênito"

O manuscrito original não tem erros.

As seguintes cópias foram provavelmente 100% precisas, mas podem ter tido erros de cópia. Esses exemplares se distribuíram pela zona mediterrânea

DOCUMENTOS DEL SIGLO II

As cópias dessas cópias podem ter erros de cópia. Observe o "erro" em **vermelho** à direita. Falta a palavra "unigênito".

DOCUMENTOS DEL SIGLO III

As cópias da versão errada tinham o erro copiado. Ainda assim, é possível que outras cópias da mesma época, de uma versão anterior, não tenham esse erro no mesmo lugar.

DOCUMENTOS DEL SIGLO IV

À medida que se copiavam os manuscritos, também se copiavam os erros. Às vezes se introduziam novos erros

DOCUMENTOS DEL SIGLO V

oposições. Basta dizer que todos aqueles que se opuseram à obra de Westcott e Hort (e conseqüentemente à aplicação crítica aos manuscritos do Novo Testamento) não conseguiram compreender a força do método genealógico, segundo o qual o texto mais tardio e combinado se evidencia como secundário e corrompido.

Esse breve relato da obra de Westcott e Hort pode ser concluído com a observação de que o consenso majoi-

ritário de eruditos reconhece que suas edições críticas foram verdadeiramente extraordinárias. Eles apresentaram o que, sem dúvida, é o texto mais puro e antigo que podia ser obtido com os meios de informação da época. Apesar de o descobrimento de novos manuscritos exigir um novo alinhamento de certos grupos de documentos, a validade geral de seus princípios e procedimentos é amplamente reconhecida pela erudição contemporânea.

A arte da crítica textual

Durante sua longa e produtiva vida, Bernhard Weiss (1827-1918), professor de exegese do Novo Testamento em Kiel e Berlin, editou o Novo Testamento Grego. Por ser primeiramente um bom teólogo, trouxe a seu trabalho um amplo e detalhado conhecimento dos problemas teológicos e literários do Texto Grego. Em vez de agrupar os manuscritos e avaliar as variantes pela via do res-

paldo externo, Weiss discriminou entre as leituras variantes de acordo com o que lhe parecia ser o sentido mais apropriado do contexto. Seu procedimento consistiu em recorrer a cada um dos livros do Novo Testamento com um aparato crítico e considerar as mais importan-

tes variantes textuais, selecionando em cada caso particular a leitura que lhe parecia justificada; tal como Hort expressou: “por probabilidade intrínseca”. Depois que Weiss editou seu texto adotando as variantes que lhe pareceram mais apropriadas de acordo com seu estilo e teologia, ele listou os diferentes tipos de erro observados entre as variantes textuais e avaliou cada um dos principais manuscritos de acordo com sua relativa ausência de tais faltas. Na atribuição de grau de pureza dos manuscritos gregos, em seus diferentes tipos de erros, Weiss determinou que o Códice Vaticano era o melhor. Logo, não é de surpreender que o caráter geral da edição de Weiss foi extraordinariamente parecido com a de Westcott e Hort, que se apoiaram preferencialmente no Códice Vaticano. A importância do texto editado por Weiss consiste em que ele não apenas expressa a opinião madura de um grande erudito exegeta dedicado por anos à consideração do significado do texto grego, como também consiste em que os resultados de sua metodologia aparentemente subjetiva confirmam os resultados de outros eruditos que seguiram um procedimento distinto, às vezes qualificado como mais objetivo por agrupar os próprios manuscritos.

Restauradores contemporâneos

O texto do Novo Testamento continuou seu processo de restauração mediante a aplicação da ciência da crítica textual através dos extensos e pacientes trabalhos realizados por Souter, von Soden, Merk,

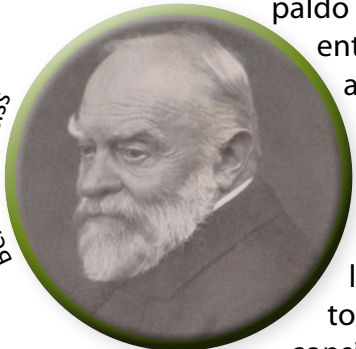
Bover, Nestle, Legs, Tasker, Housman e muitos outros acerca dos quais não é possível escrever agora. Talvez mais do que os anteriores, eles foram ajudados por importantes descobrimentos de novos manuscritos, realizados na primeira metade do século XX, os quais lançam maior luz sobre a restauração do texto bíblico.

Em 1966, depois de uma década de trabalhos de investigação textual realizados por um comitê internacional, cinco sociedades bíblicas publicaram uma edição do Novo Testamento Grego projetado especialmente para tradutores e estudantes. Seu “aparato textual”, que provê relativamente todas as citações de evidências manuscritas, inclui cerca de 1440 conjuntos de variantes textuais, especialmente escolhidos por causa de seu significado exegetico. Ele também contém um aparato de pontuação que cita diferenças significativas em mais de 600 passagens colecionadas de cinco edições do Novo Testamento grego e dez traduções para o inglês, francês e alemão. Durante a reconstrução desse texto grego, utilizou-se como base a edição de Westcott e Hort, avaliando-se todas as descobertas da arqueologia bíblica feitas durante o século XX, nas quais existem documentos manuscritos muito mais antigos do Novo Testamento do que nunca. Graças a isso, foi possível produzir edições das Sagradas Escrituras com palavras que hoje se aproximam mais do que nunca das registradas nos Manuscritos Originais.

Resultados

O leitor pôde apreciar como, durante os 14 séculos em que o Novo Testamento foi transmitido em cópias manuscritas, chegaram a surgir em seu texto numerosas alterações. Dos aproximadamente 5.900 manuscritos gregos do Novo Testamento conhecidos hoje, não existem sequer dois que coincidam em todas as palavras. Ao serem confrontados com essa grande quantidade de leituras conflituosas, os editores têm de decidir quais variantes merecem ser incluídas no texto como originais e quais devem ser relegadas ao aparato crítico no rodapé da página. Apesar de que, à primeira vista, a tarefa de restauração pode parecer impossível de realizar devido aos

Bernhard Weiss

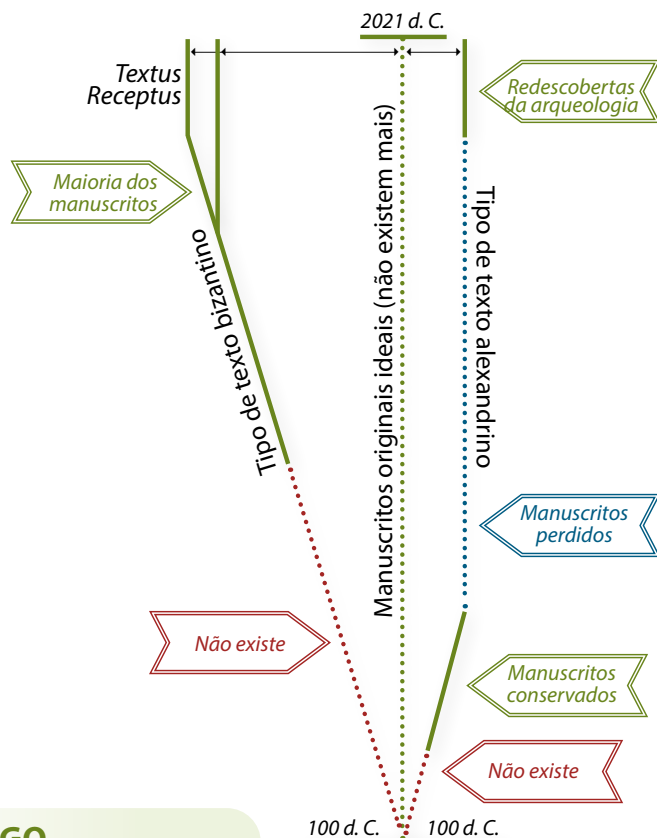


Hermann von Soden



milhares de variantes de leitura envolvidos na decisão, os eruditos conseguiram desenvolver certos critérios de avaliação que hoje são amplamente aceitos.

Como se mencionou anteriormente, tais considerações dependem de probabilidades. Às vezes, o crítico textual terá de avaliar um conjunto dessas probabilidades, uma contra a outra. Além disso, deve-se advertir que, apesar de os critérios terem sido desenvolvidos de forma metódica, o crítico não pode presumir que uma aplicação meramente mecânica ou estereotipada sempre resolverá o problema. O grau e a complexidade dos dados textuais são tão imensos que nenhum sistema de preceitos, por meticuloso que seja, jamais poderá ser aplicado com precisão matemática. Cada uma das variantes textuais necessita ser considerada individualmente, e não julgada conforme regras fixas e incisivas. Com essa advertência em mente, o leitor pode ver que os alinhamentos gerais de critérios são propostos apenas como uma descrição conveniente das considerações mais im-



TEXTO DO NOVO TESTAMENTO GREGO

καὶ ὑστερεῖσθαι. **13** πάντα ἰσχύω ἐν τῷ ἐνδυναμοῦντί με⁴. **14** πλὴν καλῶς ἐποιήσατε συγκοινωνήσαντές μου τῇ θλίψει.^k
15 Οἴδατε δὲ καὶ ὑμεῖς, Φιλιππηῖοι, ὅτι ἐν ἀρχῇ τοῦ εὐαγγελίου, ὅτε ἐξῆλθον ἀπὸ Μακεδονίας, οὐδεμία μοι ἐκκλησία ἐκοινωνήσεν εἰς λόγον δόσεως καὶ λήψεως εἰ μὴ ὑμεῖς μόνοι, **16** ὅτι καὶ ἐν Θεσσαλονίκη καὶ ἅπαξ

O APARATO CRÍTICO

O aparato crítico é o complemento indispensável do texto de uma edição crítica, sendo tão importante quanto o texto. Ele deve refletir, de forma resumida porém clara, o conjunto das variantes depreciadas pelos editores, e deve permitir sua consulta contínua de uma maneira cômoda (o mais cômoda que possa ser a consulta de um aparato crítico, o que não significa muito). Em outras palavras, deve-se procurar que o leitor se encarregue da situação das diversas variantes do texto do modo mais inteligente possível. O aparato pode ser completo e reunir todas as variantes.

⁴ **13** {A} με **Ν*** A B D* I 33 1739 it^{ar}. b, d, f, o, r vg syr^{pal} cop^{sa}. bo arm geo¹ Clement Eusebius^{2/6} Didymus^{2/6}; Victorinus-Rome Ambrosiaster Ambrose Jerome^{1/5} Pelagius Rufinus Augustine // με Χριστῷ **Ν²** D² (F G) Ψ 075 0150 6 81 104 256 263 365 424 436 459 1175 1241 1319 1852 1881 1912 1962 2127 2200 2464 Byz [K L P] Lect it^g syr^p. h eth geo² slav Origen^(gr). lat (Origen^{dub}) Eusebius^{3/6}. (1/6) Ps-Athanasius Basil Cyril-Jerusalem^{dub} Gregory-Nyssa Didymus^{4/6} Chrysostom Theodore^{lat} Cyril; Jerome^{4/5} Paulinus-Nola // ἐν τῷ δύνασθαι Χριστῷ 1573

Representação gráfica dos tipos de texto do Novo Testamento grego com respeito à fidelidade aos manuscritos originais ideais. Os achados arqueológicos dos últimos anos de documentos do tipo de texto alexandrino concluídos em séculos tardios em relação ao original confirmam a existência de uma linha de documentos, apesar de perdidos até o presente (linha pontilhada em azul).

portantes que a crítica textual contemporânea tem em mente ao avaliar e selecionar as variantes textuais. Em geral, os manuscritos mais antigos se encontram menos propensos aos erros produzidos pela repetição de cópias. Não obstante, mais importante do que a antiguidade do documento é o caráter do tipo de texto que ele representa, assim como a fidelidade do copista ao produzir o manuscrito.

Velho Pacto

NOVO ENFOQUE CRÍTICO

A publicação da nova evidência arqueológica surgida com a revelação de documentos do Deserto da Judeia, juntamente com a reavaliação e novas análises de textos previamente publicados, confirmou que a crítica textual é uma área de investigação dinâmica, em que muitos pontos de vista mudam por causa dos estudos gerados pelo descobrimento de novos documentos. É por isso que determinadas opiniões expressas no passado devem ser corrigidas no presente, e podem vir a ser corrigidas no futuro.

Os intensos trabalhos de crítica textual sobre a Bíblia hebraica, realizados principalmente pela Universidade Hebraica de Jerusalém, exibem um novo enfoque crítico, que torna necessária uma nova avaliação dos documentos do urtexto hebraico. A urgência dessa revisão se fez particularmente manifesta pelos achados de Qumran e pelos textos bíblicos hoje liberados para publicação, visto que, em certas áreas, a avaliação dessas publicações modificou substancialmente as fórmulas clássicas de investigação, que por sua vez produziram mudanças significativas na consideração crítica do texto hebraico. Ao contrário do caso do texto grego, o interesse por recuperar a forma original da Bíblia hebraica é um desejo relativamente novo na história da investigação textual. Até poucos anos atrás, antes desse despertar, considerava-se que o texto bíblico havia uma vez existido na forma fiel e exata em que os manuscritos medievais do texto massorético o apresentam a nós, tal como se encontra nas edições impressas da Bíblia Hebraica Stuttgartensia.

Desde o descobrimento em 1947 dos manuscritos hebraicos de Qumran (concluídos entre 250 a.C. a 135 d.C.), o conhecimento relativo ao texto bíblico se incrementou enormemente. Deve-se lembrar que até aquele momento (meados do século XX), com exceção do papiro Nash, não se conhecia nenhum manuscrito antigo da Bíblia hebraica, de sorte que os manuscritos medievais do texto massorético (TM) eram as únicas fontes hebraicas antigas.

Logo, as investigações anteriores a 1947 se baseavam em textos bíblicos cujo processo de cópia foi de vários milênios depois de sua composição original,



Manuscrito MUR88- MURXII (Plate 213B-298204) em pergaminho. Encontrado em Wadi Murabba'at. Registra Jonas 3.2-4.11; Miqueias 1.1-4. Texto quadrado. Período romano.

A premissa da crítica textual é que sempre que se transmite um texto, ocorre uma variação. Isso acontece porque os seres humanos são descuidados, falíveis e às vezes... perversos.

E. J. Kennedy.

CRÍTICA TEXTUAL E CRÍTICA LITERÁRIA

A crítica textual e a crítica literária diferem em seus campos e limites de atuação. A crítica textual se propõe a recuperar o texto da obra tal como saiu das mãos de seus autores ou do último redator; ela analisa o processo de transmissão textual e se ocupa em purificar o texto de toda corrupção que possa ter sido introduzida ao longo desse processo.

Já a crítica trata de refazer o processo de formação literária da obra até o momento de sua redação definitiva; ela decompõe o texto em suas unidades literárias a fim de o recompor seguindo as diferentes etapas por meio das quais, a partir das primeiras fontes escritas e orais, se concluiu a redação e a composição da obra.

A crítica textual tenta reconstruir a história do texto com o propósito de recuperar o urtexto, ou texto original; a crítica literária tenta reconstruir a história da composição e redação da obra com o objetivo de alcançar sua forma primitiva (em inglês, urform) e o estado original da composição.

A diferença teórica entre ambas as disciplinas é clara; não obstante, na prática a linha que separa as duas é estreita, o que nos obriga a utilizar os métodos de ambas as disciplinas de forma conjunta.

de sua edição deuteronômica e de sua integração ao cânon. Por essas razões, os eruditos não usaram apenas as fontes hebraicas, mas também se apoiaram em manuscritos e papiros fragmentários de traduções antigas, especialmente da versão Septuaginta (LXX), visto que isso os aproximava muito mais da época de composição do urtexto hebraico. No entanto, todos esses documentos são traduções, cuja fonte original hebraica (chamada vorlage) permanece incerta. Portanto, nem é preciso dizer que o descobrimento dos muitos textos hebraicos do Mar Morto, concluídos em tempos antigos, representa um considerável avanço no conhecimento de documentos mais antigos, do processo de cópia e das modalidades de transmissão de textos na antiguidade.

As novas contribuições apresentam um enfoque no que foi refletido até o presente, cujas particularidades justificam a redação de uma nova introdução sobre a crítica textual da Bíblia hebraica. Mesmo depois dos primeiros achados de Qumran, as melhores introduções do século XX não puderam incorporar uma descrição exaustiva desses novos descobrimentos. As primeiras não contavam com os documentos hoje levados a público; as outras, apesar de terem sido escritas quando os principais acontecimentos já eram conhecidos, continuaram refletindo o mesmo enfoque de análise crítica do período anterior ao descobrimento dos novos dados.

Hoje, iniciado o século XXI, a opinião geral dos eruditos é que as novas descobertas do Deserto da Judeia não só contribuíram com novos dados, como também mostraram um novo enfoque de avaliação crítico-textual, diferente do conhecido e aplicado antes de 1947.

Qual o impacto do novo enfoque?

No caso particular do texto hebraico, muitas das alterações introduzidas pelos escribas não podem ser atribuídas a nenhuma influência externa. Essas alterações provavelmente derivaram do próprio contexto, refletindo um desejo do copista de adaptar o texto ao seu próprio entendimento ou a uma determinada tradição exegética conhecida por ele (como regra, essas duas possibilidades não podem ser separadas). A essa altura e em virtude do enorme prestígio do texto massorético (ou rabínico), é importante entender que os pontos vocálicos e acentos não configuram, como no caso do grego e outros idiomas, um mesmo bloco com

o hebraico consonântico original da Bíblia. Essas vogais foram inseridas pelos massoretas (comentaristas) a partir do século VI de nossa era, época em que os caracteres paleo-hebraicos primitivos já tinham sido substituídos há muitíssimo tempo pelas letras quadradas aramaicas. Os massoretas foram de longe os mais vastos comentaristas da Palavra de Deus, algo similar aos tradutores dinâmicos de hoje.

O sistema de pontuação vocálica inventado e aplicado por eles cinco séculos depois de Cristo constitui um comentário contínuo, que afeta todos os livros do Velho Pacto. Seus pontos vocálicos e acentos

prosódicos e métricos atribuem a cada palavra hebraica um significado particular que ela poderia não ter em seu estado consonântico simples. Por si só, tais pontos vocálicos podem chegar a acrescentar conjugações completas à linguagem. Portanto, esse sistema constitui um dos comentários mais artificiais, particulares e extensos inseridos com toda liberalidade dentro do próprio Texto.

Não há uma única palavra da Bíblia Hebraica que tenha escapado desse tipo particular de comentário. Consequentemente, mesmo sem ter necessidade de acrescentar, suprimir ou alterar uma única consoante dos manuscritos antigos, a inserção de vogais e acentos deu aos massoretas o poder de alterar drasticamente o significado de quase todas as passagens da Escritura, visto que a prerrogativa de selecionar vogais e acentos é, em grande parte, a prerrogativa de selecionar palavras!

A obra dos massoretas é simplesmente um comentário integrado ao texto consonântico original. Alguns eruditos afirmam que a ortografia do Texto Massorético não é uniforme: os substantivos geralmente foram escritos com todas as vogais e pontos, ao passo que os verbos foram soletrados de maneira defeituosa. Como idioma, o hebraico massorético difere do paleo-hebraico patriarcal no qual foi escrito originalmente o Velho Pacto, e o uso vocálico, em vista do hebraico atualmente utilizado em Israel, provou ser totalmente desnecessário..

Longe de aceitar suas pretensões como texto normativo, a nova avaliação crítica do Texto Massorético será realizada em função do que esse texto realmente é, a saber: mais uma versão da Bíblia hebraica, escrita em um idioma muito particular chamado *hebraico massorético*.

É evidente que, ao longo de tanto tempo, um considerável grupo de hebraístas tem estado consciente disso, e que as diferenças entre o paleo-hebraico original e o idioma massorético deve ter chamado

atenção suficiente para diferenciar entre ambos. Ainda assim, só em anos recentes foi que a crítica textual conseguiu alcançar conclusões científicas que permitem avaliar os fatos sem medo de desqualificações tendenciosas. As leituras divergentes que surgem por causa da avaliação comparativa são suficientemente convincentes para aceitar que a integridade do Texto Massorético, em suas aspirações como texto normativo, é insustentável. Na história dos acontecimentos envolvidos na transmissão do texto sagrado, talvez em nenhum caso se cumpram melhor as palavras do profeta Jeremias:

Como podeis dizer:
"Somos sábios,
a lei de YHVH está conosco?"
A pena enganosa do escriba
tem-na convertido em mentira!

Jeremias 8.8

As variantes de leitura produzidas no processo de transmissão textual, seja por erro involuntário dos copistas ou por alterações deliberadas pelas mãos de comentaristas e intérpretes, muitas vezes alcançam grandes dimensões. Em geral, são fáceis de identificar, tornando possível encontrar uma explicação adequada.

Por outro lado, as variantes de maiores dimensões e as de maior importância e complexidade costumam ser as variantes produzidas no processo de edição do livro. Também no texto do Novo Pacto, as variantes mais significativas são aquelas que se originaram nos primeiros tempos, isto é, no período anterior à primeira metade do século II d.C. Essas variantes de leitura são as que estabelecem a diferença entre as famílias textuais existentes.



A pele de cordeiro ajuda a resolver o quebra-cabeças dos manuscritos do deserto da Judeia. O DNA do tecido em que estão escritos permite identificar e ordenar melhor os fragmentos de um mesmo manuscrito.

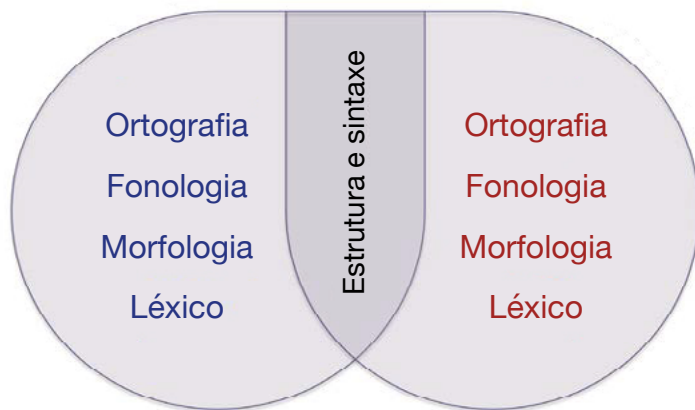
Verse	Hebrew Analysis	Greek Analysis	Hebrew Lemmas	LXX Lemmas
Pro 12:21 ¹	לא	οὐκ	לא Pn	οὐ b
Pro 12:21 ²	אָנָּה = אֵי אָנָּה	ἀρέσει	אָנָּה vni3ms	ἀρέσεικω vifa3s
Pro 12:21 ³			אָנָּה amsa Pa Pp	ὀδέσεικω ὀδέσεικω
Pro 12:21 ⁴			אָנָּה ncmsc	οὐδέεις ainnsn
Pro 12:21 ⁵	אָנָּה	ἀδικον	אָנָּה ncmss	ἀδικος annnsn
Pro 12:21 ⁶		οἱ δὲ ἀσεβεῖς	אָנָּה ampa Pp	ὁ δnmf ὁ δὲ cc ἄσ

Contribuições do estudo

O descobrimento e o estudo dos manuscritos bíblicos do Deserto da Judeia (Qumran: Q) têm contribuído para a conformação da tradução massorética ao pluralismo textual (pelo menos dois tipos de texto hebraico) nos séculos que precedem a mudança de era. Também levaram a uma revalorização do testemunho de outras fontes (LXX, Pentateuco Samaritano, Vetus latina), o que em muitas ocasiões reflete fielmente um texto hebraico diferente e mais antigo que o massorético.

Hebraico de Qumran

Hebraico rabínico



Diferenças e semelhanças entre a escrita hebraica de Qumran e a escrita hebraica rabínica (ou massorética).

Tudo isso tem contribuído para um renascimento dos estudos da crítica textual do Velho Pacto, que estavam um tanto adormecidos nas décadas anteriores à aparição desses novos materiais. Por sua vez, isso levou a repensar o problema das relações entre a crítica textual e a crítica literária, e entre o que se entende por um texto crítico e o que é um texto autorizado ou canônico. O texto hebraico de Qumran tem a mesma estrutura e sintaxe que o Texto Massorético (o sistema vav e os relativos aser), mas ambos diferem na ortografia (Qumran: mais plena), fonologia (confusão de laríngeas), morfologia (Qumran: pronominais imperfeitas com sufixo) e léxico (Qumran: próprio de um hebraico bíblico pós-exílico).



Vocalização de uma mesma palavra em Jeremias 11.2 em diferentes Bíblias. As Bíblias hebraicas de Letteris, Sinai, Snaith, Koren 1962, Breuer 1977-1997 e HUB utilizam "segol" para forma o plural "dirão". Adi 1973, BH (Kittel) e BHS usam "kamatz" para o singular "dirás".

Malaquias 3.8-9

A RV60 registra:

Roubará o homem a Deus?
Pois vós me haveis roubado.
E dizeis: Em que te roubamos?
Em vossos dízimos e ofertas.
Malditos sois com maldição, porque
vós, a nação toda, me haveis roubado.

O Texto Massorético registra (e assim é traduzido em todas as versões da Bíblia): "Malditos sois com maldição". Porém esta leitura é resultado de uma dupla reedição do original. A primeira mudança foi feita pelos sofrim (marcada como uma de suas alterações) e registra: "Haveis me amaldiçoado com maldição". Posteriormente os escribas massoretas, fazendo uma ligeira mudança nas consoantes hebraicas (ne em vez de me) converteram em ativa (malditos) a passiva (amaldiçoado).

Ora, observando como esta e outras passagens que tocam o tema do dízimo estão sendo utilizadas na perversa comercialização do Evangelho, e em consideração às circunstâncias pelas quais atualmente transita a Igreja de Deus, temos sentido a urgência de explicar esta simples, porém incompreendida passagem da Escritura. É importante entender que tanto a exigência como o pagamento do dízimo é pecado. Por quê? Simplesmente por considerarmos que o dízimo é tão somente um dos 613 mandamentos da lei e por recordarmos que, mediante cada um deles, os que pela lei tentam ser declarados justos são desligados de Cristo e têm caído da graça (Gl 5.4), apartando-se da fé, e tudo o que não provém da fé é pecado (Rm 14.23)

Enganará o homem a Elohim? Porque vós me haveis enganado. Mas dizeis: Em que temos enganado? Em que os dízimos e as primícias ainda estão convosco. Somente olhais por vós mesmos, a Mim enganais, e a nação tem chegado a seu fim.

PRIMEIRAS *Descobertas de Qumran*

Cada um dos protagonistas das descobertas dos manuscritos procedentes das diferentes cavernas dos arredores de Khirbet Qumran transmitiu sua versão de como e quando os manuscritos foram descobertos, adquiridos, reconhecidos como genuínos e identificados. Os detalhes dessas histórias são obviamente divergentes, mas as linhas gerais podem ser resumidas assim:

Na origem de tudo estão os beduínos da tribo Ta'amireh: foram eles os acidentais descobridores (no início) e os intensos procuradores (depois) da maioria dos manuscritos provenientes da região de Qumran. Em uma das versões da história, foi um pastor da tribo, Mohamed ed-Dhib, que, ao procurar uma cabra perdida, encontrou a primeira caverna com manuscritos; em outra versão foram três pastores (Khalil Musa, Jum'a Mohamed e Mohamed ed-Dhib) que entraram na caverna e recuperaram uma série de jarros vazios e outros cheios de manuscritos.



Pastores beduínos. Mohamed ed-Dhib (direita)

Não se sabe com precisão a data exata da primeira descoberta, se foi no final de 1946 ou início de 1947. O que é certo é que, na primavera de 1947, sete manuscritos procedentes da Caverna 1 chegaram às mãos

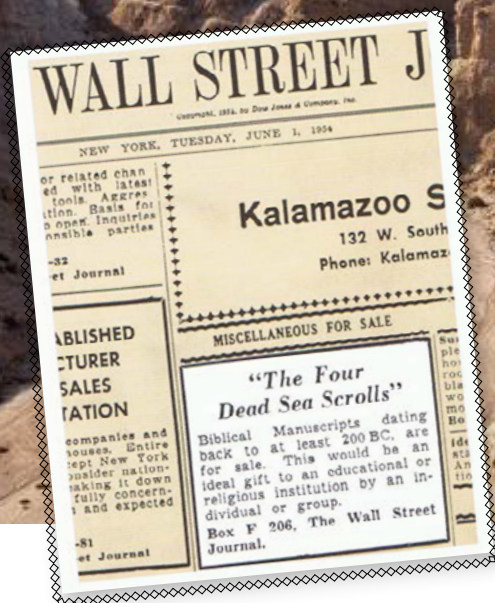
de dois antiquários de Belém: Faidi Salahi e Jalil Iskandar Shalim (o famoso Kando, que posteriormente foi o intermediário imprescindível entre os descobridores beduínos e as autoridades do museu palestino).

Desses sete manuscritos, quatro (1QIsa, 1QpHab, 1QS e 1QapGen) foram adquiridos por Mar Athanasius Yeshue Samuel, arquiandrita do convento sírio ortodoxo de São Marcos de Jerusalém, que tinha esperança de poder obter um benefício com sua venda. Os outros três (1QIsb, 1QH e 1QM) foram oferecidos ao professor E. L. Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém.



Professor E. L. Sukenik

Em novembro de 1947, no mesmo dia da proclamação do Estado de Israel, o professor Sukenik reconheceu o interesse e possível antiguidade desses manuscritos e os adquiriu para a Universidade Hebraica junto com duas das jarras nas quais os manuscritos haviam sido depositados. Mar Athanasius, por sua vez, depois de uma longa e infrutífera jornada por diversas pessoas e instituições de Jerusalém a quem pediu informações sobre os manuscritos, acabou apresentando os quatro manuscritos em sua posse à American School of Oriental Research (Escola Americana de Pesquisa Oriental, ASOR) de Jerusalém no final de fevereiro de 1948. Na ausência do diretor, Millar Burrows, um dos estagiários, John C. Trever, que felizmente era um excelente fotógrafo, examinou os manuscritos, identificou um deles como uma cópia de Isaías, reconheceu sua antiguidade e interesse, e obteve de Mar Athanasius permissão para fotografar integralmente três deles (1QIsa, 1QpHab e 1QS) com vistas a sua publicação pela ASOR. O quarto manuscrito (1QapGen), um manuscrito aramaico chamado durante



certo tempo de Rolo de *Lameque* devido ao conteúdo de um dos fragmentos exteriores, permaneceu enrolado devido a seu mau estado de conservação e à convicção de Mar Athanasius de que esse fato aumentava o valor do conjunto.

Devido à instabilidade política do país e aos problemas ocasionados pelo estabelecimento do Estado de Israel, Mar Athanasius decidiu levar os manuscritos em sua posse para os Estados Unidos com vistas a sua venda. O preço exorbitante que pediu e a exacerbada discussão acerca de sua autenticidade fizeram com que a venda só se concretizasse em 1954: Yigael Yadin, filho de Sukenik, através de intermediários, conseguiu adquirir os quatro manuscritos de Mar Athanasius para a Universidade Hebraica de Jerusalém. Os sete manuscritos encontrados em 1947 foram assim novamente reunidos e, para acomodá-los, o Estado de Israel decidiu construir um museu: o Santuário do Livro.

A edição oficial de 1QIsa e 1QpHab veio à luz em 1950 graças à ASOR e em 1951 veio à luz a edição oficial de 1QS. Os três manuscritos da Universidade Hebraica (1QIsb, 1QH e 1QM) foram publicados (postumamente) por Sukenik em 1955 e, no ano seguinte, surgiu a edição dos elementos mais conservados do Rolo de *Lameque* com o título de *Gênesis Apócrifo* (1QapGen) 32, com cuja publicação se concluiu essa primeira fase..

Os rolos de Isaías

1QIs^a é uma cópia feita por volta dos anos 125-100 a.C. por um único escriba (mas também se propôs a possibilidade de terem sido dois os copistas do manuscrito). O mesmo escriba e outros mais tarde preencheram as lacunas da primeira cópia. A ortografia é muito plena e o texto contém numerosas leituras para harmonização e facilitação. A língua e a ortografia apresentam marcas de influxo da língua que se costumava falar na Palestina no final do século II a.C. Algumas leituras de 1QIsa podem ser preferíveis às do Texto Massorético: 3.24; 11.6; 14.4b; 21.8a; 37.27-28 (sexta linha); 40.6; 49.17-24; 59.11; 60.19a; 51.5; 62.11.

1QIs^b foi editado por Sukenik em 1954 (7 fragmentos foram editados mais tarde por Barthélemy-Milik). Os 22 fragmentos conservados correspondem, em sua maior parte, aos capítulos 38-66, com grandes lacunas na parte inferior das colunas. O manuscrito procede dos anos 100-75 a.C. Sua ortografia é mais defeituosa do que a de 1QIsa e seu texto não oferece tantas reelaborações quanto ele. Também se exagerou sua afinidade com o Texto Massorético. Segundo Loewinger, as variantes relacionadas ao Texto Massorético são cerca de 300, mas a grande maioria afeta apenas o uso das *matres lectionis* (ajudas de leitura) *vav* e *yod*.

Restauradores

Desde o século VIII d.C. têm se levantado vozes que reivindicam o direito a uma leitura aberta e livre das Escrituras como a única fonte da religião judaica, sem a inserção de vogais, nem a tradição judaica nem o Talmude.

A crítica ao Texto Massorético abrange três períodos:

	Pré-crítico	Crítico	Novo enfoque
Personagens	Anán ben David, Simhah ben Samuel, Elías Levita, Adam Clarke, D. Ginsburg, Gesenius, Kittel.	Kenney, Paul Kahle, Albright, Goshen-Gottstein, Talmon, Greenberg.	Moore Cross, Tov, Trebolle, entre otros.



Anán ben David



715 - 795

Judeu persa secessionista que proclamava o direito de todo judeu de estudar as Escrituras hebraicas de modo livre, sem levar em conta a interpretação rabínica nem o Talmude. Devido à ênfase que dava às Escrituras, seus seguidores, que se opunham à autoridade religiosa dos rabinos e suas crenças, desde o século VIII foram chamados de "Qara'im" (em hebraico, "leitores").

Pregava que a Lei (Torá) oral não era palavra divina, mas sim tradição humana.

Elías Levita



1469 - 1549

Gramático, erudito e poeta hebreu. Sua grande contribuição foi a Massoreth Ha-Massoreth, uma exposição das notas massoréticas sobre a Bíblia hebraica, ou antigo aparato crítico do AT em hebraico, com tradução para o inglês e notas críticas e explicativas. Contribuiu também com: Sefer Tuv Ta'am, tratado sobre acentos; Tishbi, dicionário de 712 palavras utilizadas no Talmude e na Midrash, com explicações; Sefer Meturgesman, explicação de palavras aramaicas do Targum; e Sehnot Debarim, lista alfabética das palavras técnicas hebraicas.

Adam Clarke



1760? - 1832

Erudito irlandês. Grande pregador. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira o contratou para a Bíblia árabe. Ardente em seu trabalho pastoral. Estudou diligentemente o hebraico e outras línguas orientais. Trabalhou 40 anos em sua grande publicação: As Sagradas Escrituras com leituras marginais, uma coleção de textos paralelos e resumos abundantes para cada capítulo; com um comentário e notas críticas, projetado como uma ajuda para melhor compreensão, em oito volumes.

Wilhelm Gesenius



1786 - 1842

Grande investigador orientalista alemão e crítico bíblico. Produziu o *Novo dicionário conciso hebraico-alemão sobre o Antigo Testamento*, incluindo o *caldeu bíblico*, e também o *Dicionário conciso hebraico e aramaico sobre o Antigo Testamento*. Investigou a história da língua e escrita hebraicas para uma introdução filológica e histórica aos ensinamentos linguísticos e aos dicionários do idioma hebraico. Escreveu a gramática hebraica: *Gesenius' Hebrew Grammar*.

A Bíblia Hebraica Crítica (BHC) é um projeto crítica maior da Sociedade Bíblica Iberoamericana destinado a recuperar a forma original da Bíblia hebraica, levando em conta a avaliação dos quatro documentos principais:

- TM (Codex Leningradiensis e Codex Aleppo)
- LXX (Septuaginta [Vorlage])
- PS (Pentateuco Samaritano)
- Q (Qumran, manuscritos do Deserto da Judeia)

O conceito de forma original deve ser entendido como uma expressão de fé relacionada à restauração de todas as coisas (Atos 3.21) antes da Parusia do Senhor Jesus Cristo.

A experiência acumulada pela crítica textual na restauração do Novo Pacto grego está sendo aplicada nessa obra.



Christian David Ginsburg



1831 - 1914

Erudito hebreu. Publicou o *Massoreth Ha-Massoreth* de Elias Levita em hebraico, com tradução e comentários. Sua obra magna foi o estudo crítico da Massorá, em três volumes (1880-1886), seguido da edição crítica massorética da Bíblia hebraica (1894) e sua elaborada introdução (1897). Retomou o tema quase onde o deixaram os primeiros pioneiros e recompilou porções da Massorá dos inumeráveis manuscritos dispersos pela Europa e Oriente.

Paul Kahle



1875 - 1964

Publicou *The Cairo Geniza* (edição inglesa [1947, 1959] e alemã [1962]). Produziu numerosos estudos sobre a vocalização, acentuação e sistemas de sinalização dos manuscritos hebraicos. Um deles é o ensaio *O texto da Mishná* na Babilônia. Seus estudos também abrangem a versão da Septuaginta, a Hexapla de Orígenes, o Pentateuco Samaritano e os fragmentos de Qumran. Catalogou manuscritos conservados na Biblioteca Chester Beatty, em Dublin, Irlanda.

Frank Moore Cross



1921 - 2012

Professor emérito da Faculdade de Teologia de Harvard. É reconhecido por seu trabalho na interpretação dos manuscritos do Mar Morto, por sua obra magna *Canaanite Myth and Hebrew Epic* de 1973 e por seu trabalho em epigrafia das línguas semíticas norocidentais. Estudou os manuscritos do Mar Morto da Caverna 4 e publicou suas descobertas na obra *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies*. Cross supervisionou o trabalho doutoral de mais de cem estudantes.

Emanuel Tov



1941 -

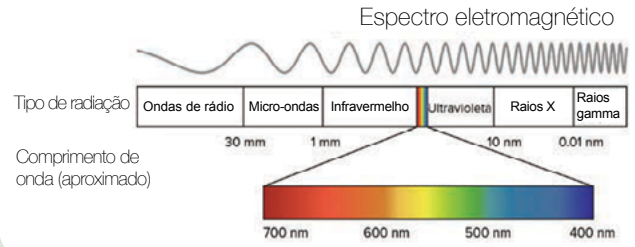
Professor emérito no Departamento de Bíblia da Universidade Hebraica de Jerusalém. Publicou estudos sobre a Septuaginta: técnica de tradução, reconstrução do texto original hebraico da tradução grega, valor da LXX para o estudo textual da Bíblia hebraica. Realizou investigações detalhadas sobre as práticas dos escribas refletidas nos rolos de Qumran, classificando os pergaminhos segundo esses parâmetros. Utiliza a investigação assistida por computador.

Análise multiespectral

A leitura de papiros e pergaminhos é extremamente difícil. Às vezes, as letras estão tão descoloridas e o manuscrito está tão danificado que a tarefa se torna impossível. É frustrante que, ao se recuperar um rolo antigo que sobreviveu às inclemências do clima (chamas, umidade etc.) e de séculos de sepultura subterrânea, salvo milagrosamente da destruição do tempo e do manejo insensível de comerciantes e caçadores de tesouros, possamos vê-lo, sem lê-lo, descansando silenciosamente em um museu. Esse é o destino de muitos deles.

A visão dos paleógrafos só consegue captar até certo ponto um texto negro desgastado, às vezes carbonizado por chamas. Ainda assim, hoje em dia eles podem ir além e ler esses textos ajudados pela tecnologia.

A luz tem um espectro visível e outro invisível. Chama-se de espectro visível a região do espectro eletromagnético que o olho humano é capaz de perceber, e de espectro invisível a parte que não pode ser vista. O espectro visível está delimitado



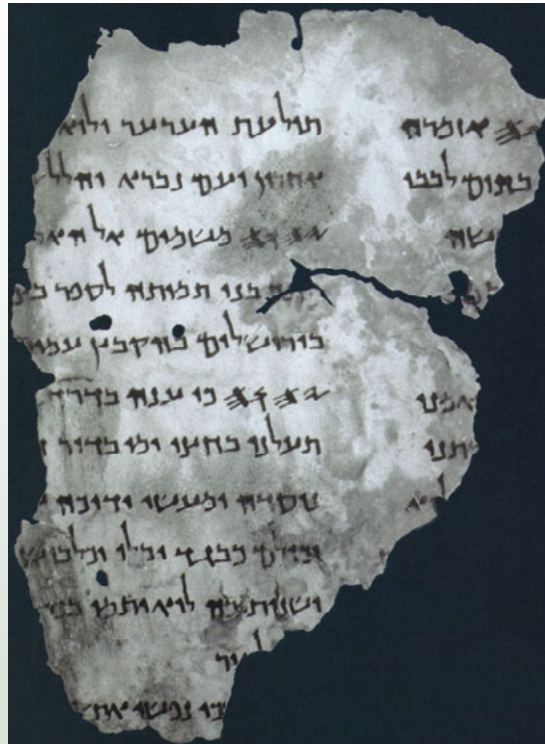
por duas regiões de luz: os raios infravermelhos e os raios ultravioletas.

Há três maneiras com que a luz pode interagir com a matéria: a absorção, a reflexão e a transmissão. Algumas substâncias absorvem a luz, ao passo que outras a deixam passar. Porém, uma observação que talvez não seja tão familiar – apesar de muito bem entendida – é que cada material tem uma interação única com a luz, absorvendo apenas algumas porções do espectro e transmitindo as outras. Como cada tipo de molécula tem um espectro de absorção único (como uma impressão digital), os materiais podem ser identificados em função do tipo de luz que absorvem ou transmitem. A tinta e o papiro, por exemplo, têm diferentes espectros de absorção característicos. Essa técnica, conhecida pelos

paleógrafos como imagiologia multiespectral, é utilizada para que as letras possam ser distinguidas claramente do material circundante ao se obter uma imagem de um fragmento utilizando um amplo espectro de luz. A análise multiespectral pode fazer muito mais ao tornar possível a leitura de manuscritos palimpsestos, isto é, manuscritos em que a escrita original foi apagada completamente



Sem infravermelho. A superfície escurecida do pergaminho por causa do tempo impede a leitura clara.



Com infravermelho. O texto se distingue com maior clareza. As primeiras imagens infravermelhas dos manuscritos foram obtidas na década de 1950.

para que o material fosse reutilizado para outro texto. Na parte visível do espectro, o texto original desapareceu por completo, mas no infravermelho e no ultravioleta ficam rastros. Além disso, como o texto original e os posteriores estão em tintas diferentes, as diferentes camadas de texto podem ser diferenciadas em função das diferenças em seus espectros de absorção.



Professor de informática da Universidade de Kentucky, Brent Seaes e sua equipe de investigação realizam uma tomografia computadorizada de raios X em um rolo carbonizado a fim de obter seu conteúdo.

Avanços nas técnicas que utilizam raios X para obter não apenas um mapa bidimensional, mas uma superfície texturizada tridimensional de objetos complexos como rolos, têm dado resultados muito bons. A tinta, com seu denso conglomerado de moléculas orgânicas, tem uma suscetibilidade diferente à radiação X do que o papíro, que é muito menos denso. Essa diferença permite o contraste da imagem. Entretanto, o mais interessante é o uso da tomografia computadorizada, que utiliza uma composição de muitas imagens de raios X para formar uma sucessão de cortes bidimensionais ao longo de um terceiro eixo, permitindo associar qualquer pixel em particular a um ponto no espaço tridimensional. Assim, todo o volume pode ser segmentado camada por camada, o que finalmente resulta na reconstrução do conteúdo do texto em um formato plano legível. Hoje os paleógrafos podem ler o texto de um rolo sem sequer abri-lo!

Wright Baker abrindo o Rolo de Cobre, 1952.



Ezequiel 8.17

A ARC registra:

Então, me disse: Viste, filho do homem? há coisa mais leviana para a casa de Judá do que essas abominações, que fazem aqui? Havendo enchido a terra de violência, tornam a irritar-me; e ei-los a chegar o ramo **ao seu nariz.**

E me disse: Viste, filho de homem? Parece-lhe pouco à casa de Judá cometer as abominações que cometem aqui? Porque depois de encher o país de violência, eis que põem o ramo ante **minhas narinas!**

No texto hebraico modificado se lê: "põem o ramo em suas narinas". Com essa modificação, os soferim pretendiam dissimular o pecado de Judá, já que esta rama era nada mais, nada menos do que uma estaca votiva em forma de pênis, cortada das árvores onde se prestava culto a Astarote. Esse culto obscuro havia sido introduzido na Casa de Deus e em seus átrios e, por antropomorfismo, o pecado de que aqui se fala consistia em que, ao introduzi-lo na Casa de Deus, eles estavam colocando esse ramo (Astarote) nas próprias narinas do Deus de Israel.

Jó 32.3

O Texto Massorético registra:

Também se irritou contra seus três amigos, pois ao não acharem resposta, **havam deixado a Jó como culpado.**

Também se irritou contra seus três amigos, pois ao não acharem resposta, **havam deixado a Elohim como culpado..**

Nessa alteração, os soferim modificaram o registro do texto primitivo, que dizia: "havam deixado a Elohim como culpado", pelo que se lê atualmente no Texto Massorético: "havam deixado a Jó como culpado". Essa modificação nos obriga a reformular 42.7 da seguinte forma: "pois, como meu servo Jó, não falastes o correto de Mim".

Imagem multiespectral de um palimpsesto



A HISTÓRIA DO TEXTO SAGRADO EVIDENCIA DOIS FATOS FUNDAMENTAIS:

A) VERSÕES COMO A REINA-VALERA 60 ESTÃO BASEADAS EM UM TEXTO SECUNDÁRIO, TARDIO E MISTO, CHEIO DOS ERROS ACUMULADOS POR MAIS DE CATORZE SÉCULOS DE CÓPIAS MANUSCRITAS (O *TEXTUS RECEPTUS* DE ERASMO); E

B) OS ACHADOS DA ARQUEOLOGIA BÍBLIA E A CRÍTICA TEXTUAL APLICADA AOS MANUSCRITOS POSSIBILITARAM A RESTAURAÇÃO DE UM TEXTO PRÓXIMO DO ORIGINAL. É DIFÍCIL EXPLICAR A DEMORA DA IGREJA DE FALA PORTUGUESA EM BENEFICIAR-SE DISSO, DEPOIS DE QUASE DOIS MILÊNIOS DE FECHAMENTO DO CÂNON. ISSO SÓ PODE SER ATRIBUÍDO A UMA FALTA DE INFORMAÇÃO ADEQUADA QUE, DE MANEIRA CONFIÁVEL, APRESENTE UM TEXTO HEBRAICO, ARAMAICO E GREGO E QUE RACIONALMENTE AVISE EM PORTUGUÊS O LEITOR (NO RODAPÉ OU EM COMENTÁRIO ADJUNTO) SOBRE OS RESULTADOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE TRANSMISSÃO, CORRUPÇÃO E RESTAURAÇÃO DA ESCRITURA SAGRADA.

Teologia da Tradução



Tradução

O objetivo de toda boa tradução deve ser apresentar ao leitor em sua própria língua, de maneira precisa e fiel, a mensagem original dos escritores inspirados..

Uma tradução confiável deve passar de um idioma para o outro, com todo o cuidado, as peculiaridades linguísticas, as figuras de linguagem, a variedade lexicográfica e as características gramaticais do idioma original (grego ou hebraico), sem perda ou prejuízo.

A tradução deve ser realizada de tal maneira que não apenas preserve a inspiração que o escritor recebeu do Espírito Santo, como também seja tão expressiva e significativa quanto o original e, fazendo uso de todos os recursos do idioma receptor (o português), cause nos leitores de nossos dias a mesma reação dos leitores originais.

Os estudos bíblicos avançados têm demonstrado que, no texto original, não só as palavras, mas as próprias letras, se encontram localizadas e distribuídas em padrões com um desígnio e propósito. Esses avanços e descobertas inevitavelmente estabelecem novos parâmetros para o tradutor sério, que cada vez tem menos liberdade para fazer uso de paráfrases interpretativas ou dos tão desejados recursos idiomáticos, os quais quase sempre aparecem só para guiar equivocadamente o leitor, afastando a versão de seu propósito mais importante: a fidelidade.

Nesse sentido, a experiência tem mostrado que as traduções mais fiéis são as mais expressivas e, por causa disso, em muitas oportunidades, a tradução literária (e mais ainda a tradução dinâmica) se achará

contraposta às formas expressivas do texto. As traduções mais fiéis resultam em versões mais expressivas e, conseqüentemente, mais relevantes. Também tem sido possível avaliar como certas técnicas de tradução demasiadamente uniformes atentam contra a variedade de estilos e contra os diferentes níveis linguísticos da Bíblia, tanto que a fidelidade aos originais acaba sempre sendo uma rica fonte de recursos estilísticos. São essas condições que necessariamente deve possuir uma tradução digna do texto sagrado.

A demora da Igreja de fala portuguesa em beneficiar-se de uma tradução fiel depois de quase dois milênios de fechamento do cânon só pode ser atribuída a falta de informação.

FIGURAS DE LINGUAGEM

As *figuras de linguagem* são recursos idiomáticos cujo objetivo é obter um efeito expressivo. Também são chamadas de *recursos estilísticos* ou *retóricos*.

Elas ajudam a captar a atenção e a surpreender por sua originalidade, possuindo um grande poder sugestivo e persuasivo, permitindo uma comunicação mais eficaz.

As *figuras de linguagem* não só empregam a linguagem literária, como também a periódica, a publicitária, a política, entre outras. Também as usamos na linguagem cotidiana sem perceber, como quando dizemos: “*Eu já disse mil vezes!*” (hipérbole)..

As *figuras de linguagem* podem ser classificadas segundo:

- o plano linguístico (semântico, morfossintático e fônico); e
- o procedimento empregado (figuras de diction, de pensamento e metáforas).



Características do original que devem ser preservadas na tradução

o tradutor

Desde o início, o projeto da Bíblia Textual exigiu não só a aptidão que um tradutor obrigatoriamente deve ter em linguística, como também uma correta posição de seu coração. A obra que se apresenta diante dele lhe propõe desafios que vão além da mera erudição ou qualificação teológica (um bom



tradutor deve ser um bom teólogo). Esse erudito e teólogo, no exercício de suas funções, deverá ter como qualidade imprescindível algo que nenhum poder humano ou angelical pode conceder: ser filho de Deus (e ninguém que se aproxime dEle a não ser pelo sangue divino de Jesus tem direito de usar esse nome). Trata-se de uma vivência espiritual que surge por meio da experiência da regeneração, evidência indiscutível de ter nascido do alto e assim recebido a unção que lhe ensina todas as coisas (1Jo 2.27) para uma vida rendida a Deus, não só no conhecimento teológico da verdade como também no exercício da piedade e do temor a Deus.

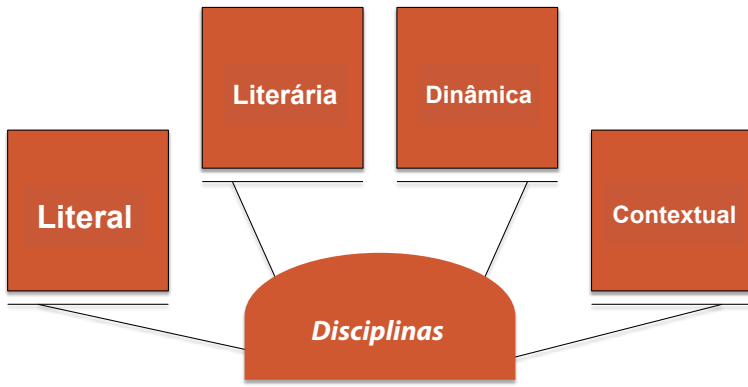
Tal o coração do homem, tal a sua teologia.

L. S. Chafer



Disciplinas de tradução

Na atualidade, os raciocínios das diferentes disciplinas que competem pela dominância nos enunciados de tradução bíblica são muitos, complexos e conflitantes. Envolvem um amplo espectro que começa com o sistema de tradução literal (interlinear, isto é, palavra por palavra) e termina com os limites da tradução dinâmica (a qual tende a paráfrases). Entre esses extremos talvez a mais destacada classificação seja a tradução por equivalências formais da linguagem (tradução literária).



Interlinear grego-português

1 Juan

3739 ProR-NNS Ὁ	1510 V-IIA-3S ἦν	576 Prep ἀπ'	746 S-GFS ἀρχῆς,	3739 ProR-ANS ὁ	101 V-RIA-1P ἀκηκόαμεν,		
Lo que	era	desde	um princípio,	lo que	hemos oído,		
3739 ProR-ANS ὁ	3708 V-RIA-1P ἐώρακάμεν	3588 ART-DMP τοῖς	3788 S-DMP ὀφθαλμοῖς	1473 PROP-G1P ἡμῶν,	3739 ProR-ANS ὁ		
lo que	hemos visto	con los	ojos	de nosotros,	lo que		
2300 V-AIM-1P ἐθεασάμεθα	2532 Conj καὶ	3588 ART-NFP αἱ	5495 S-NFP χεῖρες	1473 ProP-G1P ἡμῶν	5584 V-AIA-3P ἐψηλάφησαν	4012 Prep περὶ	
contemplamos	y	las	manos	de nosotros	palparon	acerca de	
3588 Art-GMB τοῦ	3066 S-GMS λόγου	3588 Art-GFS τῆς	2222 S-GFS ζωῆς-				
el	Logos	de la	vida -				
2532 Conj καὶ	3588 Art-NFS ἡ	2222 S-NFS ζωῆ	5319 V-AIP-3S ἐφανερώθη,	2532 Conj καὶ	3708 V-RIA-1P ἐώρακάμεν	2532 Conj καὶ	
y	la	vida	fue manifestada,	y	la hemos visto	y	
3140 V-PIA-1P μαρτυροῦμεν	2532 Conj καὶ	518 V-PIA-1P ἀπαγγέλλομεν	4771 ProP-D2P ὑμῖν	3588 Art-AFS τῆν	2222 S-AFS ζωῆν		
testificamos	y	anunciamos	a vosotros	la	vida		
3588 Art-AFS τὴν	166 Adj-AFS αἰώνιον	3748 ProR-NFS ἣτις	1510 V-IIA-3S ἦν	4314 Prep πρὸς	3588 Art-AMS τὸν	3962 S-AMS πατέρα	2532 Conj καὶ
la	eterna	la cual	estaba	ante	el	Padre	y
5319 V-AIP-3S ἐφανερώθη	1473 ProP-D1P ἡμῖν-						
fue manifestada	a nosotros -						

Tradução literal

O estilo de tradução literal ocupa, por assim dizer, o primeiro extremo dentro do amplo espectro formado pelas diferentes técnicas de tradução bíblica. As contribuições desse sistema não podem ser subestimadas visto que, apesar de sua apresentação ser interlinear (e por isso não refletir as relações sintáticas do idioma a ser traduzido), a consulta relacionada à definição de vocábulos, verbos, coordenação e subordinação gramatical do texto constitui uma ferramenta indispensável para o tradutor bíblico.

ROMANOS 5.7

A tradução não reflete as relações sintáticas das palavras em português.

μόλις	γὰρ	ὑπὲρ	δικαίου
a duras penas	porque	por	um justo
τις	ἀποθανεῖται•	ὑπὲρ γὰρ	τοῦ ἀγαθοῦ
alguém	morrerá	por porque	o bom
τάχα	τις	καὶ	τολμᾷ
talvez	alguém	inclusive	ousa
			ἀποθανεῖν
			morrer

As palavras traduzidas devem ser organizadas.

Porque a duras penas por um justo alguém morrerá; porque pelo bom talvez alguém inclusive ouse morrer.

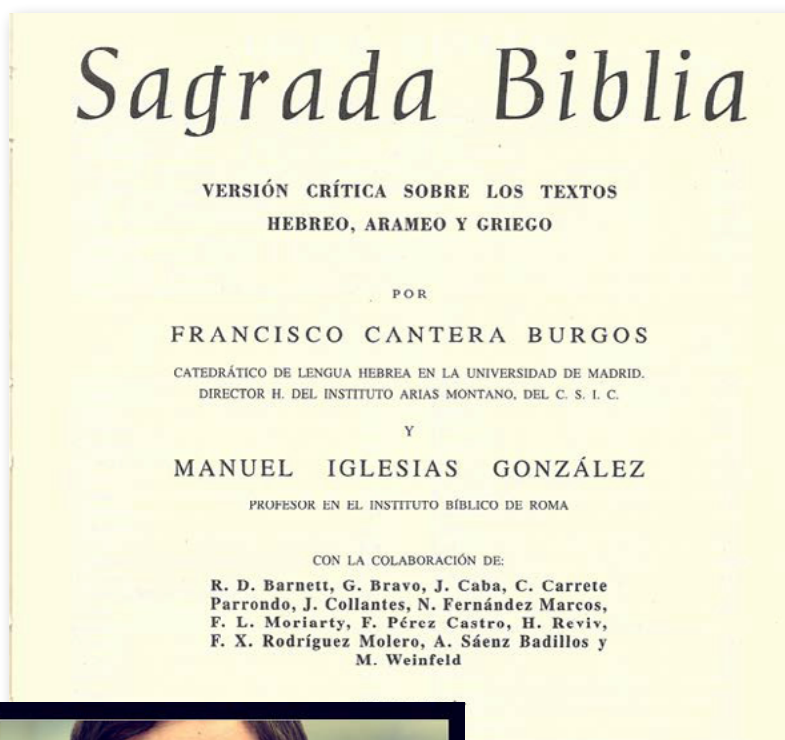


Ainda que dificilmente alguém morrerá por um justo, quicaz alguém se atreva a morrer pelo bom.

Tradução literária

Embora volte seus esforços para o texto original (ou seja, para o autor, o contexto e sua época), essa proposta procura valer-se de todas as funções da linguagem literária, reproduzindo-os em todos os seus aspectos. Em algumas ocasiões, para alcançar a beleza do estilo, o tradutor utiliza palavras estranhas ou exóticas, desenvolturas e expressões que se adaptam melhor a um público culto. Seguindo esses parâmetros, o tradutor literário atua com plena liberdade a fim de elevar e melhorar o nível do texto original, a fim de transmitir, em sua opinião, a mensagem de forma plena.

Pode-se afirmar que as versões literárias acabam sendo mais “corretas” gramaticalmente do que os textos gregos originais. Assim é possível avaliar como certas técnicas de tradução demasiadamente uniformes atentam contra a variedade de estilos e contra os diferentes níveis linguísticos da Bíblia, tanto que a fidelidade aos originais acaba sempre sendo uma rica fonte de recursos estilísticos.



Bíblia Cantera-Iglesias, um exemplo da disciplina de tradução literária. O tradutor literário atua com plena liberdade de elevar o nível do original, a fim de produzir plenitude de comunicação.

EXEMPLOS COMPARATIVOS ENTRE A DISCIPLINA DE TRADUÇÃO LITERÁRIA E A TRADUÇÃO CONTEXTUAL

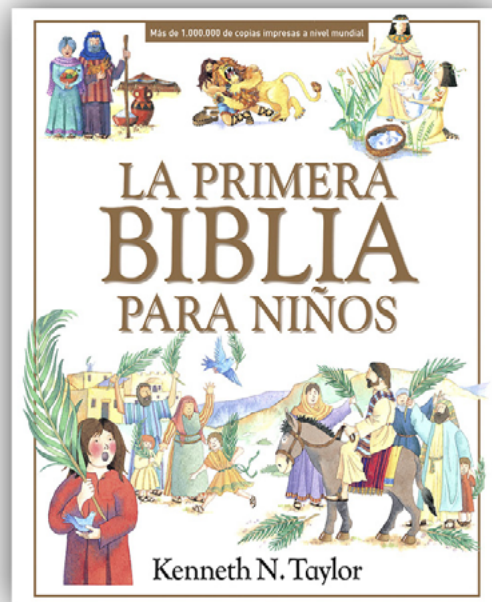
Disciplina	Ester 9.1	Marcos 9.37	Gálatas 3.24
<p>Tradução literária</p> <p><i>Versão Torres Amat (1825)</i></p>	<p>Com efeito, aos treze dias do mês duodécimo, que como dissemos acima, se chamava Adar, quando estava disposta a morte de todos os judeus, e seus inimigos ardiam em sede de seu sangue, mudada a sorte, começaram os judeus a prevalecer e a tomar vingança de seus opositores.</p>	<p>Qualquer que acolher a uma dessas crianças por amor de mim, a mim me acolhe; e qualquer que me acolhe, não acolhe apenas a mim, mas também ao que me tem enviado.</p>	<p>De maneira que a lei foi nosso tutor que nos conduziu a Cristo, por meio dos sacrifícios e cerimônias, a fim de sermos justificados pela fé nele.</p>
<p>Tradução Contextual</p> <p><i>Bíblia Textual 1ª edição.</i></p>	<p>E no mês duodécimo, que é o mês de Adar, aos treze dias desse mês, quando a ordem do rei e o seu édito estavam a ponto de executar-se, no dia em que os inimigos dos judeus esperavam prevalecer sobre eles, sucedeu o contrário: Que os judeus prevaleceram sobre aqueles que os odiava.</p>	<p>Qualquer que em meu Nome receba a uma destas crianças, a Mim me recebe, e qualquer que me recebe, não recebe a mim, senão ao que me enviou.</p>	<p>De maneira que a lei tem sido nosso tutor até o CRISTO, para que por meio da fé fôssemos declarados justos.</p>

Tradução dinâmica

A tradução dinâmica tem por objetivo o leitor que, por assim dizer, espera que levem o texto até ele. Isso significa que, durante a tradução, o próprio texto deverá sofrer uma transformação tal que coloque o leitor nas mesmas condições que se encontrava o destinatário original. Seus representantes máximos são Eugene Nida e Kenneth Taylor.

A pedra angular da equivalência dinâmica é traduzir ideias em vez de palavras. Ela concebe a inspiração principalmente em termos da resposta do receptor e coloca menos ênfase no que aconteceu com a fonte no momento da escrita. Pode-se ver uma declaração simplificada desse ponto de vista na expressão citada por seus defensores: As Escrituras são inspiradas porque me inspiram. Contudo, a doutrina da inspiração verbal ou plena da Bíblia afirma que Deus não inspirou apenas os pensamentos e as ideias dos escritores bíblicos, mas também suas palavras; como disse Jesus: “Não só de pão viverá o homem, senão de toda **Palavra** que sai da boca de DEUS” (Mt 4.4) e “as palavras que Eu vos hei falado são espírito e são vida” (Jo 6.63).

Tomamos a ideia original e a convertemos na linguagem de hoje - Taylor
As palavras são meramente veículos para as ideias - Nida



EXEMPLOS COMPARATIVOS DE ROMANOS 5.1 E 9 ENTRE VERSÕES DE TRADUÇÃO DINÂMICA E A BÍBLIA TEXTUAL (TRADUÇÃO CONTEXTUAL)

Disciplina/ Versão	Nueva Biblia Española	La Palabra (Hispanoamérica)	Tradução na linguagem de hoje	Palavra de Dios para Todos
Tradução dinâmica	Segundo o que foi dito, reabilitados agora pela fé, estamos em paz com Deus por obra de nosso Senhor Jesus Messias,	Restabelecidos, pois, na amizade divina por meio da fé, Jesus Cristo, nosso Senhor, nos mantém em paz com Deus,	Deus nos tem aceito porque confiamos nele . Nosso Senhor Jesus Cristo tornou isso possível. Por isso agora vivemos em paz com Deus.	Assim que Deus nos aprovou graças à fé, e agora, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, há paz entre Deus e nós.
Tradução contextual	Portanto, havendo sido declarados justos pela fé, temos paz com DEUS por meio de nosso Senhor JESUS CRISTO,			
Tradução dinâmica	Pois agora que Deus nos tem reabilitado pelo sangue do Messias, com maior razão nos salvará por ele do castigo;	Pois agora que, pela morte de Cristo, Deus nos tem restabelecido em sua amizade , com maior razão pelo mesmo Cristo ele nos livrará do castigo.	Se Deus nos declarou inocentes por meio da morte de Cristo, com maior razão, graças a Cristo, ele nos livrará do castigo final.	Com muito mais razão agora, seremos salvos da ira de Deus porque ele nos aprovou por meio da morte de Cristo.
Tradução contextual	Portanto, muito mais agora, havendo sido declarados justos por seu sangue , seremos salvos da ira por meio d'Ele.			

Kenneth Taylor



Eugene Nida



Essas versões desempenham uma função importante pois, assim como são usadas para produzir versões infantis da Bíblia, elas também são usadas para pessoas que, embora saibam ler, não têm cultura de leitura. Contudo, apesar de sua grande utilidade, se o leitor não souber que se trata de uma paráfrase, ele pode acabar sendo mal dirigido, supondo estar lendo a verdadeira Palavra de Deus.



O leitor “espera que levem o texto até ele”.

Tradução contextual

A tradução feita segundo essa disciplina procura apresentar ao leitor um texto compreensível do que é, sem dúvida, a obra literária mais complexa do universo. Os postulados da tradução contextual são extensos demais para serem citados agora em detalhes, mas pode-se definir a tradução contextual como uma técnica que (a) delimitada pelas regras que regem a gramática geral da língua, mas (b) sem prejuízo da coordenação e subordinação gramatical registradas no texto sagrado, (c) transmite toda a intenção, força e clareza do original; (d) defende sua brevidade e simplicidade; (e) preserve sua pureza e (f) respeite suas assimetrias, asperezas gramaticais e redundâncias; (g) valorize a riqueza do estilo literário obtido ao longo do tempo e os benefícios que dele derivam ao retardar as mudanças que corrompem a linguagem; e finalmente (h) reflete de manei-

ra consistente as conclusões que, pela sã exegese e pelo traço conceitual (recente ou remoto), surgem da analogia e da harmonia espiritual latentes em toda a Escritura (SI 119.160; 2Pe 1.20).

Assim, os tradutores estão conscientes e têm sido consequentes em aceitá-la como disciplina que transcreve não o que o Autor Divino possa ter dito se tivesse escrito em português, mas o que Ele de fato disse em hebraico, aramaico e grego. A valorização literal da Bíblia foi um fundamento firme já na igreja primitiva. A extraordinária influência do Senhor Jesus sobre seus apóstolos com respeito à forma de interpretar a Bíblia evidentemente teve as consequências mais transcendentais. Um cristão primitivo nos passa o sentimento geral quando afirma que: “...o que o entendimento pode usar diariamente, o que se pode saber facilmente, é aquilo que se acha diante de nossos olhos, sem ambiguidade, na Santa Escritura, de forma literal e clara”.

Nos tempos do Senhor Jesus existiam duas escolas de interpretação bíblica. Lamentavelmente, ambas manipulavam a Escritura, uns para invalidá-la em favor de suas tradições e outros, seguindo a arte dissoluta e enganosa de alterar o significado das palavras, como fazer (ou pretendem fazer) os alquimistas com as transmutações da matéria, fazendo de qualquer coisa o que lhes agrada e, no final, reduzindo a nada toda a verdade.

Em oposição a essas escolas e com a perfeição que o caracteriza, Jesus mostrou sua fórmula interpretativa dentro da própria Escritura, considerando as exigências gramaticais e em harmonia com o plano divino das gerações. Assim como em todos os aspectos de sua vida, Ele nos mostrou o benefício de entender



As pessoas aceitam um nível de linguagem superior mais como receptores do que como emissores.

que “nenhuma profecia da Escritura produz uma explicação própria” (2Pe 1.20) e de poder cantar junto com o salmista: “A soma da tua palavra é a verdade”! (Sl 119.160). Por literal queremos dizer a tradução gramatical da Escritura.

Não o que o Autor Divino possa ter dito se tivesse escrito em português, mas o que Ele de fato disse em hebraico, aramaico e grego.

Durante o processo de tradução e revisão do texto sagrado, o editor manteve como regra infalível que, onde há uma construção literal, o mais distante da letra geralmente é o pior. Se Deus de fato tem o propósito de nos dar a conhecer sua vontade, Ele tem de adaptar sua mensagem a nossa maneira de comunicar pensamentos e ideias. Se Deus deu suas palavras para serem entendidas, é natural que Ele empregue a linguagem para transmitir o sentido desejado de acordo com as regras gramaticais que o regem (e que Ele mesmo inventou) e, em vez de buscar um sentido que as palavras em si não contêm, devemos obter principalmente o sentido que elas obviamente contêm, deixando um espaço necessário para a existência de linguagem figurada quando assim o indique o contexto, segundo o propósito ou construção da passagem, tendo sempre em mente o velho adágio italiano: “traduttore-traditore”.

Um breve exemplo

Como um hino de louvor à clareza da Escritura, citamos Mt 1.6: “...e Jessé gerou ao rei Davi; e da de Urias, Davi gerou a Salomão”, passagem a cuja leitura todas as versões acrescentam uma expressão como “da que fora mulher (de Urias)”. Ora, é verdade que quando Davi tomou por mulher a Bate-Seba, Urias já havia morrido e, até esse momento, ela havia sido a mulher de Urias. Contudo, o Texto Sagrado não diz nada acerca dessa história. Tudo o que diz é que ela era “a de Urias”. Seja mulher ou esposa, concubina ou viúva, pelo menos aqui isso é deixado indefinido. Dessa maneira, a inserção temerária do escriba, além de fazer um acréscimo à Escritura, nesse caso particular faz com que a eloquência do momento de silêncio da passagem se perca totalmente. Porque há uma razão para que o nome de Bate-Seba fique nos bastidores, seja como mulher ou esposa, concubina

ou viúva; e o propósito disso é enfatizar ao extremo o pecado de Davi contra Urias. Os acontecimentos envolvidos na descendência de Tamar – quase que se pode ouvir o Espírito falar aqui – foram suficientemente malignos, embora seu pecado se justifique por perpetuar a descendência. Pior foi Raabe, sendo prostituta por profissão, seguida da moabita, com seu terrível passado incestuoso, e as três se acercam não de Bate-Seba, mas sim de Davi, porque toda a obscuridade de seu pecado só pode ser vista concentrando o drama de adultério, mentira, traição e assassinato, gritando apenas o nome de Urias! (Essa breve descrição de nosso “honroso pedigree” como raça humana mostra a contradição [Hb 12.3] sob a qual o Santo dos santos decidiu descer de sua glória para o benefício do pecador. Essa é a intenção do evangelista). Mas com a rápida e indolente glosa “a que fora mulher” se distrai a atenção daquele que é o único importante, Urias, obscurecendo uma das parábolas mais maravilhosas da Escritura, que fala mediante seu silêncio.

Outras versões



da que fora mulher de Urias.

Almeida Revista e Atualizada

daquela que fora mulher de Urias.

Tradução Brasileira

da que foi mulher de Urias.

Almeida Revista e Corrigida

cuja mãe foi aquela que tinha sido esposa de Urias.

Nova Almeida Atualizada

cuja mãe tinha sido mulher de Urias.

Nova Versão Internacional - Português

cuja mãe foi Bate-Seba, viúva de Urias.

Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora

a mãe de Salomão tinha sido esposa de Urias.

Bíblia Sagrada: Versão Fácil de Ler

Uma versão aperfeiçoável

Tradicionalmente, o texto hebraico, aramaico e grego da Bíblia vem sendo colocado nas edições impressas da Bíblia Hebraica Stuttgartensia e no Novum Testamentum Græce, com base nos quais se traduzem quase todas as versões.

Contudo, mesmo que essas edições impressas sejam guiadas por um propósito nobre e busquem a erudição e a excelência, é importante destacar que suas constantes revisões indicam um processo de aperfeiçoamento que o Original obviamente não necessitaria.

Isso se deve ao fato de que a inspiração verbal e plena da Escritura recaiu exclusivamente sobre os Manuscritos Sagrados e, portanto, sua infalibilidade se limita ao Texto Original, nunca favorecendo manuscritos copiados, mas apenas os próprios idiomas originais da Bíblia. Se é assim, então a infalibilidade

alcança menos ainda as traduções derivadas dessas cópias, e é impossível sequer pensar em uma versão perfeita.

Nosso intenso (e extenso) contato com os trabalhos de tradução nos tem demonstrado, pelos mais de 40 anos que a obra tem estado em nossas mãos, que a tradução é mais resultado de transpiração do que de inspiração. Por excelentes que pretendam ser, as versões não constituem mais do que um esforço humano, individual ou conjunto, para apresentar no idioma vernáculo a infalível Palavra de Deus.

Diante dessa realidade, surge a feliz proposta de uma versão aperfeiçoável que, seguindo os humildes passos da crítica textual, aceita as limitações impostas pelas circunstâncias e, mediante suas edições críticas, manifesta sua aspiração a ser uma versão perfeita.

ARC

E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; **esta** te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

E Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser **poderoso** na terra. E este foi **poderoso** caçador **diante** da face do **SENHOR**; pelo que se diz: Como Ninrode, poderoso caçador **diante** do **SENHOR**.

E, **se eu for** e **vos preparar** lugar, **virei** outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.

Ressuscitando Deus a seu **Filho** Jesus, primeiro o enviou a vós, para que nisso vos abençoasse, e **vos desviasse, a cada um**, das vossas maldades.

E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos **aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá**.

Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não conhece a ele.

E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte.

Gênesis
3.15

Gênesis
10.8-9

João
14.3

Atos
3.26

1 Pedro
5.10

1 João
3.1

Apocalipse
20.14

Bíblia Textual 1ª Edição

Porei inimizade entre ti e a mulher, E entre a tua semente e a sua semente: **Ele mesmo** te esmagará a cabeça **quando** tu ferires seu calcanhar.

E Cuxe gerou a Ninrode, primeiro **prepotente** na terra. Este era intrépido caçador **afrontado** a **Adonai Elohim**. Por isso se diz: Como Ninrode, intrépido caçador **afrontado** a **Adonai**.

E **quando me vá** e **vos prepare** lugar, **venho** outra vez e vos tomarei para Mim mesmo, para que onde Eu estou, também vós estejais.

Quando DEUS ressuscitou a seu **Servo**, o enviou primeiramente a vós, abençoando-vos **ao apartar a cada um** de suas maldades.

E o DEUS de toda graça, que vos chamou a sua glória eterna em CRISTO, depois que padeçais um pouco de tempo, Ele mesmo vos **aperfeiçoará, afirmará, fortalecerá, estabelecerá**.

Vede que classe de amor! O Pai nos há concedido que sejamos chamados filhos de DEUS, e **o so- mos**; por isso o mundo não nos conhece, porque tampouco o conheceu a Ele.

E a Morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. Esta é a Segunda Morte: **o lago de fogo**.



BIBLIOGRAFIA

- ALAND, Kurt e Barbara ALAND: O Texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- BOTTERWECK, G. Johannes y Helmer RINGGREN: Theological Dictionary of the Old Testament, Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
- BULLINGER, Ethelbert W.: Diccionario de figuras de dicción usadas en la Biblia (trad. e adapt. Francisco Lacueva), Barcelona: Clie, 1990.
- Number In Scripture, Its Supernatural Design and Spiritual Significance, Grand Rapids: Kregel, 1967.
- BUTTRICK, George Arthur; John KNOX (e outros ed.): The Interpreter's Dictionary Of The Bible, Nova York: Abingdon Press, 1962.
- CHAFER, Lewis Sperry: Teologia Sistemática, São Paulo: Hagnos, 2013.
- EHRMAN, Bart D.: The Orthodox Corruption of Scripture. The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament, Nova York: Oxford University Press, 1993.
- EUSÉBIO de Cesareia: História Eclesiástica, Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- FERNÁNDEZ MARCOS, Natalio: La Septuaginta: la Biblia griega de judíos y cristianos, Salamanca: Sígueme, 2008.
- FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ, Enrique: Las Biblias castellanas del exilio: historia de las Biblias castellanas del siglo XVI, California: Caribe, 1976.
- FLORES ESPINOSA, José: Historia de la Biblia en España, Madrid: Clie, 1978.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino: Textos de Qumrán, Valladolid: Trotta, 1992.
- GONZÁLEZ, Julio L.: Historia del cristianismo: desde la era de la reforma hasta la era inconclusa, Miami: Unilit, 1994 (volume 2).
- HUBBARD Jr., Robert L. (ed.): The New International Commentary On the Old Testament (NICOT), Grand Rapids: Eerdmans, 1986.
- KITTEL, Gerhard: Dicionário Teológico do Novo Testamento, São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- MAIER, Paul L.: Josefo: las Obras Esenciales, Grand Rapids: Portavoz, 1994.
- MARLOWE, Michael: Against the Theory of 'Dynamic Equivalence', revisado e expandido em Janeiro de 2012 [em edição] <<http://www.bible-researcher.com/dynamic-equivalence.html>> [Consulta: 01/03/2021].
- METZGER, Bruce M.: The Early Versions of the New Testament. Their Origin, Transmission, and Limitations, Oxford: Clarendon Press, 1977.
- NICOLL, W. Robertson: The Expositors Greek Testament, Michigan: Eerdmans, 1980.
- PAJARES, Alberto Bernabé: Manual de crítica textual y edición de textos griegos (colab. Felipe G. HERNÁNDEZ MUÑOZ), 2.a ed. corr. e aum., Madrid: Akal, 2010.
- PELIKAN, Jaroslav: Historia de la Biblia (tr. Elsa Gómez Belastegui), Barcelona: Kairós, 2008.
- TOV, Emanuel: Crítica Textual da Bíblia Hebraica, Niterói: BV Books, 2017.
- A Bíblia Grega e Hebraica: ensaios reunidos sobre a Septuaginta, Niterói: BV Books, 2019.
- TREBOLLE BARRERA, Julio: La Biblia judía y la Biblia cristiana: introducción a la historia de la Biblia, 4.a ed. rev., Madrid: Trotta, 2013 (Biblioteca de ciencias bíblicas y orientales, 2).
- VERMES, Geza: The Complete Dead Sea Scrolls in English. Ed. revisada, Londres: Penguin Books, 2004.
- WISE, Michael O.; Martin G. ABEGBE Jr e Edward M. COOK: The Dead Sea Scrolls. A New Translation, São Francisco: Harper Collins, 2005.